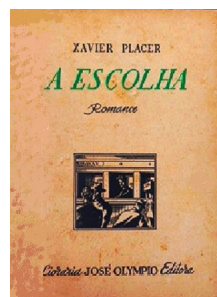


ÍNDICE



Te digo que ...

I A partida

II A escolha I

A escolha II

A escolha III

A escolha IV

A escolha V

A escolha VI

A escolha VII

A escolha VIII

A escolha IX

A escolha X

A escolha XI

A escolha XII

A escolha XIII

A escolha XIV

A escolha XV

A escolha XVI

A escolha XVII

A escolha XVIII

A escolha XIX

A escolha XX

A escolha XXI

A escolha XXII

A escolha XXIII

A escolha XXIV

A escolha XXV

A escolha XXVI

A escolha XXVII

III Epílogo

Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora - 1944

Orelhas do livro

* Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda. à rua Conde de Sarzedas, 38, São Paulo, para a Livraria José Olympio Editora, Rio, em março de 1944.

*Te digo que soy vivo de sentencia y
Contraste.*

J. Boadella,
La Caravana de los Elefantes

A partida

PASSARA a noite em claro. A expectativa da viagem, na manhã seguinte, tirava-lhe o sono como durante o dia lhe havia tirado a vontade de tocar em qualquer alimento. Andava todo ele numa sobreexcitação febril, impaciente.

Ao tocar o silêncio geral, às nove horas, ainda tentara meter-se no leito. Era preciso estar descansado para um dia inteiro de viagem! Mas dentro em pouco via que isto não passava senão de simples raciocínio. Os mais absurdos pensamentos exaltavam-lhe a imaginação, escaldavam-lhe sobre o travesseiro as faces...

Levantou-se. Apesar do frio e da espessa escuridão que pesava sobre o edifício do Seminário, postou-se à janela de seu cubículo.

Um ativo cheiro de jasmim subia dos canteiros do pátio, trazendo-lhe uma confusa sensação de noite, frio e silêncio... Quanto tempo esteve debruçado sobre o peitoril? Ouviu o relógio grande da portaria soar as doze lentas pancadas da meia noite, depois a pancada solitária de uma hora, depois as duas, as três. Galos cantavam longe, um cão ladrava sem cessar mais longe ainda... Não ouviu as quatro, mas lembrava-se desta última impressão se distanciando e confundindo na sonolência em que foi caindo pela madrugada.

O toque habitual de despertar veio arrancá-lo brutalmente do leito. Cinco horas. De seu cubículo, ouvia agora o ruído dos colegas a se prepararem. Também fazia o mesmo; porém, quando eles pouco depois se revestissem da sobrepeliz para a missa, enfiaria o capote e, apanhando a maleta, desceria só e em silêncio – com que emoção, meu Deus, pela última vez! – a branca escadaria de mármore do Seminário...

Ao chegar à estação – mais um pouco e seriam sete horas – já os raios frouxos de um sol de julho se insinuavam por entre a densa garoa que envolvia as coisas naquela manhã.

"Que frio, meu Deus!" dizia junto à janela do carro, na gare, um senhor encapotado esfregando as mãos. A mulher de chapéu preto murmurou em resposta qualquer coisa sobre luvas.

Sorriu. Só agora é que reparava que de fato estava frio. Tornou a vestir o capote, que pouco antes dobrara, e debruçou-se à janela do carro, à espera do momento da partida.

De onde estava via o relógio da estação. Na sua impaciência, tinha a impressão de que o tempo não passava. Sentava-se, levantava-se, tornava a sentar-se, tornava a levantar-se. E o relógio na mesma. Dir-se-ia que o frio havia imobilizado os ponteiros...

Enfim o toque da sineta retiniu na atmosfera embaçada da manhã, o trem pôs-se em marcha lentamente.

Inefável instante. A intensidade da comoção alvoroçava-lhe com violência o coração. "Afinal ali, liberto de tudo para sempre!" foi seu primeiro pensamento.

A velocidade da máquina aumentava, imprimindo aos carros um movimento balanceado e rítmico. E à medida que a marcha do trem se tornava mais veloz, como que se avolumava nele uma íntima convicção de vitória, que punha para trás, para o seu passado, aquela desfilada de lembranças que a memória estava a evocar sem esforço... "Voltarei, (ele sabia que assim que o trem partisse seria dominado por estes pensamentos e entregava-se a eles como a um prazer longo tempo esperado) voltarei algum dia a este lugar? Nesse tempo futuro, se isso acontecer, este instante, este! (dizia isto o si próprio como querendo avaramente reter o minuto que fugia...) será um momento extático em meu passado. Com que sentimento me recordarei dele? Agora estou aqui tranquilo e feliz; estarei feliz e tranquilo nesse dia futuro? Como vão longe os dias de sofrimento e dúvida, oh, como vão longe! Primeiro foi a indecisão diante dos obstáculos a vencer, o enervamento – o terrível enervamento – quando a situação se ia tornando difícil e, por fim, a obsessão de partir... Ah, esta viagem tão longamente, tão detalhadamente premeditada para ludibrio da imaginação exigente e insatisfeita! Meu Deus, parece um sonho tudo isto. Sim, mas é a realidade largo tempo esperada. De agora em diante uma nova existência começa para mim!"

E ao mesmo tempo que uma voz interior o chamava para dentro de si, e queria refletir, pensar – os olhos, e com eles todos os sentidos, queriam ver, queriam sentir, não sabia o quê, eram intensamente solicitados para fora.

"Como nós somos senhores dos nossos atos! Só agora, mas não quero pensar nisso...(contudo deixava-se levar) só agora, ao afastar-se do ambiente do Seminário é que começo a ver claro o sentido de cada fato. Sim, pois no fundo, ao contrário do que até há pouco julgava, esta decisão de sair eu não a tomei no dia em que disse a Padre Tobias que tudo já estava resolvido... Nem tampouco na noite de minha última entrevista com Monsenhor Henrique. Não. A verdade é que são mais os pequenos do que os chamados grandes sentimentos que nos determinam... Talvez esta decisão eu a tenha mesmo tomado é no dia em que, entrando em meu cubículo, achei-me estranho a mim mesmo... Ou quem sabe até se não vem de muito mais longe; sim, vem, percebo-o agora, posso tomar como ponto de partida aquela tarde em que, findas as férias, tornei sem Gabriel e Mário para o Seminário. Não resta dúvida, foi nesse dia... Lembro-me bem com que desânimo cheguei em casa, me pus por desfastio a folhear meu "diário", e em seguida a preparar-me... Curioso, mas afinal porque, porque saio do Seminário? Está aqui um sentimento que nunca julguei possível num momento destes. Sim, porquê saio? Sinceramente não sei... Mas eis-me de novo às voltas com isso, não, já disse, não quero tocar nessas coisas, não quero. O passo está dado – tenho uma estranha intuição de que não andei errado. Não, repetiu ainda, não, fui coerente comigo mesmo, o tempo se encarregará de mostrar-me os fatos com mais lucidez. Como dizia mesmo Gabriel? Como era? Ah, me lembro: "É preferível a escolha do erro a nenhuma escolha". E, escondendo-se por detrás desta reflexão, sentiu que a tranquilidade lhe voltava de novo ao espírito.

Tranquilidade? Deixou a janela, sentando-se. Dali, como em um filme natural, pôs-se a contemplar quase com interesse os recortes imprecisos da cidade. São Paulo ficava. A sua floresta de chaminés e telhados ia naufragando na garoa matinal... Não havia dúvida de que o entusiasmo do primeiro momento fora aos poucos esmorecendo. Agora nem

alegre nem triste. Ou os dois sentimentos ao mesmo tempo. Mas muito quieto. Alegria dolorosa de convalescente...

II

A escolha

I

- ENTÃO, meu filho, quando terminam as férias? havia-lhe perguntado o vigário naquela manhã.

– Hoje, Padre Augusto. Embarcamos logo mais à tarde.

– Já? admirara-se o padre. Parece que ainda estou a vê-lo chegar ontem...

Era o que ele sentia também. Não, não exagerava, refletia o seminarista, entrando agora em seu quarto com um ar desgostoso e pensativo. Tinha a impressão de haver chegado do Seminário na véspera! Aqueles últimos dias de dezembro, janeiro, e, num abrir e fechar de olhos, lá se fora fevereiro...

Caminhou até a mesa onde se viam livros de ficção misturados a grossos e severos compêndios de Filosofia e Teologia, apanhou seu "diário" e, como quem busca uma explicação para si próprio, ainda que de antemão bem saiba que não a achará, pôs-se a folheá-lo, relendo algumas anotações aqui e ali..

27 de Dezembro.

Faz hoje uma semana que cheguei do Seminário. Voltei da igreja pela manhã com este pensamento, que me perseguiu o dia inteiro: estarei pondo em prática os propósitos tomados para as férias no retiro do fim do ano? Mas porque esta preocupação? Não serão simplesmente escrúpulos? Por não ter comungado hoje? Tolice, pois o motivo foi independente de mim: quando cheguei à igreja, Padre Augusto já havia celebrado a missa e saído. Quanto a padre-coadjutor continua doente..

Por me ter sentido *um pouco satisfeito* que a coisa se tivesse encaminhado dessa forma? Mas que vício esse meu de ficar esmiuçando até o fundo os próprios atos! Não quero pensar mais nisso, e amanhã vou bem cedo para a igreja.

30 de Dezembro.

Passei o domingo de hoje em Companhia de Gabriel, no Palácio Arquidiocesano. Assunto de nossa conversa: literatura. Gabriel esteve lendo para mim os seus últimos poemas. Chamei-lhe a atenção para o que havia de "literário" em alguns deles. Não quis concordar *in toto* com certas opiniões minhas. Acha-me radical, subjetivista demais. Argumento dele: aceitar a arte como um artifício para chegar ao conhecimento. Não sei me explicar, mas seja qual for a obra que me venha às mãos, encontro sempre no fundo qualquer coisa que me desgosta... Horrível, essa arte que através do prestígio da Beleza

endossa os piores e mais tristes erros morais. Há certas resistências que ainda não consegui vencer. Vencê-las-ei algum dia?

1º de Janeiro, 1931.

Desde que cheguei ao seminário ainda não vi Mário Dias. Estou sentindo falta dele. Gabriel também me confessou o mesmo da última vez que nos encontramos. Disse-me (sorrindo) que é Mário o único colega de quem tem certeza absoluta de que se ordenará, e mais – será um sacerdote como poucos.

Estive quase para não anotar o que se passou hoje pela manhã comigo. Enfim, como ninguém, a não ser eu leu este diário, decidi-me. A coisa foi, aliás muito simples, mas como me deixou perturbado o resto do dia! Ao entrar na igreja com Padre Augusto para ajudar-lhe a missa, meus olhos se encontraram (é verdade que foi sem querer) com os de uma mocinha que estava ajoelhada na primeira fila de bancos. Não sei porque, não me retirei logo (nisso fui bastante culpado). Depois, durante a missa, senti que ela me observava, ao ao tornar à sacristia não resisti à tentação de a procurar com os olhos. Não há como negar; isto é um grave começo de dissipação, vou procurar meu confessor hoje mesmo. Como inicio eu o novo ano, meu Deus!

8 de Janeiro.

Longa conversa com Mario. Assistimos juntos à missa, na Glória, e depois saímos a pé pela rua, conversando. Vimos Carlos Alberto, que fingiu não nos ter notado. Ia acompanhado e apertou o passo quando deu por nós... Eu ainda tentei um comentário a respeito. Mario não proferiu palavra. Sugeriu apenas que passemos para o lado do mar, o que acedi e fizemos largo trecho calados.

À altura do Flamengo – havia um bom número de banhistas na praia – ele começou a tocar numas coisas... Interessante, jamais pensei que Mario sofresse dessas crises. Vive-se ao lado de uma pessoa anos a fio – e quão pouco as conhecemos. Cada dia vão-se revelando novos aspectos. E como ele a soube caracterizar bem! Chamou-lhe a "consciência da marca". É isso mesmo. Ainda hei de conversar sobre isso com Gabriel. Mario tem a razão: o drama fundamental de todo o seminarista em férias é justamente esse – a sensação da diferença, de isolamento, de um quase rancor (inconsciente) em relação a tudo o que os leigos consideram os valores normais da vida.

Ainda um dia destes, quando vi Tilda sair para a praia com umas amiguinhas, senti-me invadido por esse sentimento, sem compreendê-lo. E já em outra ocasião, quando chegou do cinema à noite, deu-se a mesma coisa...

Não seria possível um ascetismo de que não estivessem excluídos esses pequenos prazeres, tão humanos ? (Pedir esclarecimentos a Padre Tobias sobre Ascética e Mística). Há uma semana que venho lendo desordenadamente...

22 de Janeiro.

Acabo de escrever uma longa carta a Padre Tobias. Vou mostrá-la amanhã a Gabriel. Aproveitar para conversarmos sobre minhas novas disposições a propósito de arte. Não quero mais saber de literatura, estou farto de todo esse psicologismo noturno. São todos uns caluniadores da vida... Hei de convencer disto a Gabriel.

26 de Janeiro.

Encontro com Gabriel. Devolvi-lhe o livro que me emprestara e foi por aí que começou a nossa conversa. Tinha pensado que iria encontrar resistência em convencê-lo de que devia pôr de lado as preocupações literárias e encontrei-o no mesmo estado de espírito. No primeiro momento – o que será que me faz assim absurdo ? – estive quase para contradizê-lo... Por fim confessei-lhe isto, e ele riu. Ficou prometido entre nós parar com as leituras e poemas.

31 de Janeiro.

Novo encontro com Mario. Não me lembro a propósito de que, estive a contar-me – e com que entusiasmo, meu Deus ! – certas passagens de sua infância. Realmente ele não tem razão de queixas – foi bem o tipo de menino que teve infância. Filho único de uma família muito religiosa, economicamente estabilizada, esses anos correram-lhe num verdadeiro mar de rosas, como se diz. Imprudente Mario. Se soubesses o mal que a tua conversa me fez ! Foi ela, não há dúvida, que me levou a passar o dia inteiro perseguido por lembranças que nunca me são lá muito grato evocar, A verdade é que minha infância foi bem diferente da dele, não teve nada mesmo de amável.

Mas por que será que ao contrário de outras, certas pessoas começam a ser roubadas pela vida desde os primeiros anos ? Não, quando olho para o feroz, para o nada sentimental espetáculo da vida, eu vejo tudo, tudo ! menos os vestígios da presença da Providência. No entanto, isso não me tira a fé em Deus. Como conciliar o meu *sentimento* e a *realidade* é que não sei...

1º de Fevereiro, 8 horas da noite.

Relendo agora estas notas, observei que passei o dia de ontem terrivelmente sentimentalizado. Mas afinal, como queria eu que tivesse sido minha infância ? E em última análise que teve ela de *diferente* de tantas outras ? Como nós valorizamos egoisticamente os nossos pequeninos sofrimentos, meu Deus ! E é incrível como nesses momentos não o percebemos... Não, não acuso ninguém, nem mesmo a própria vida. Ainda hoje, folheando um livro de De Maistre, vi este pensamento que se gravou na minha memória: "... tout à la fin tournera pour le mieux".

Sim, cada vez mais me convenço de que nada do que é vivo se perde, oh, nada ! E o que haverá de mais vivo do que o sofrimento ? Às vezes tenho a impressão de que verdadeiramente nascemos para um destino ascético e que só encontraremos o perfeito domínio de nós próprios, no dia em que nos dispusermos, de espírito e coração, a aceitá-lo.

Oh, como eu procurei fugir sempre ao meu destino ! Mas eis que o seu segredo se revela agora bem claro. É preciso ser puro, simples e bom – que tudo o mais virá como acréscimo.

9 de Fevereiro.

Gabriel deu-me a ler um pequeno poema que – confessou com seu sorriso habitual – perpetrado no dia 26 à noite. (Pensar que nesse mesmo dia, pela manhã, havíamos prometido um ao outro não tocar mais em literatura). Gostei e ofereceu-me. Quero-o no meu diário:

RENOVAÇÃO

**O meu ser se rejubila
porque os tempos se aclararam.
A luz que iluminara as regiões invisíveis
está brilhando de novo,
lá no alto,
na casa luminosa das estrelas.**

**Agora meus olhos repousam,
onde aquela doida agitação
que vinha perturbar a festa inocente do espírito ?
Minha alma tem ares puros para respirar.
planícies claras para passear,
brinquedos raros, canções novas,
horizontes largos para contemplar.**

**Ondas leves
emergem
purificadas
da velha paisagem cansativa.**

16 de Fevereiro.

Aproxima-se o Carnaval. Dom Moura convidou-nos a passar esses dias com ele. Irei. Como Gabriel está passando lá as férias, eu o terei nesses dias. Mario é que não estará, vai para Petrópolis. Deusdedit, Brandão, Delmir... O grupo não é mau.

23 de Fevereiro, quarta feira de cinzas.

Voltei hoje do Palácio Arquidiocesano onde fui passar os três dias de Carnaval com mais alguns colegas, a convite do Sr. arcebispo. Tomamos as refeições principais com Dom Moura à mesa. Assunto das conversações: vida de Seminário, recepção de "ordens" do terceiro e quarto anistas de Teologia, perguntas a um e a outro. Hoje, ao almoço, tocou-se em assuntos de aula e a conversa tomou um rumo imprevisto.

Nunca me perdoarei o que fiz ! Cometer a inconveniência de me por (quase) a discutir com o Sr. arcebispo. Aliás o culpado foi Delmir, que encaminhou a conversa para

lá, indagando de Dom Moura "se a Igreja havia errado e se reconhecia como tal certos veredictuns seus atacados por autores leigos".

Dom Moura fez uma distinção entre o corpo doutrinário (este infalível) e o corpo administrativo (este passível de erro) da Igreja – o que satisfez ao Delmir. Ainda foi mais longe: acrescentou que a igreja, no entanto, por prudência, para não escandalizar os fiéis (a grande maioria) incapazes de compreender essas coisas, preferia silenciar, etc.

Todos se mostraram satisfeitos com a explicação. Foi a esta altura, que eu me intrometi (é o termo) na conversa. Meu argumento era que "em Filosofia, ciência à luz natural da razão, era contraditório admitir-se que Deus fosse, ao mesmo tempo, infinitamente bom e infinitamente justo, porquanto Bondade e Justiça se excluíam". Dom Moura começou dizendo que eu colocava mal a questão: "Deus não é infinitamente bom nem infinitamente justo, porém, a Bondade e a Justiça em essência". Respondi-lhe que ainda assim não estava destruída a validade de meu argumento, que aquilo apenas ajudava a colocá-lo mais claro. Ele pôs-se então a explicar. Mas notei que descambava para a Teologia e interrompi-o. Que não esquecesse disto: eu havia colocado a questão em Filosofia, pois sendo a fé o critério, naquela não há discussão. Mas ele afirmou que havia compreendido (notei-lhe um movimento de impaciência), que colocava a resposta no terreno da Filosofia, enfim um mal-entendido e ...

Com um gesto brusco, virou a página para não terminar a leitura do incidente cuja lembrança ainda agora lhe era desagradável, continuou folheando para a frente... "Quanta tolice. Não sei para que anoto tudo isto", murmurou.

E fechando o caderno, atirou-o sobre a mesa, pondo-se, os braços cruzados, a andar de um lado para outro em seu quarto.

"É incrível. Sim, mas é a realidade. E agora eis-me aqui, a arrumar a maleta de viagem para o embarque à noite", surpreendeu-se dali a pouco a refletir.

Abandonou-se àqueles pensamentos.

Ah, se a partida não tivesse que se realizar dentro de tão poucas horas, naquela noite, mas depois! Depois... repetia com um gesto vago.

Foi até a janela, abriu-a, e pôs-se a examinar-se: Mas afinal, queria ficar? Não, não queria. Para que? Que lhe importavam alguns dias a mais ou a menos em casa, se ao cabo... Sim, se ao cabo teria que embarcar da mesma forma? Não, não queria ficar. Em todo o caso, aquela contradição, aquela incoerência de sentimentos era significativa... Que queria dizer, no fundo, aquele *depois*?

Mas uma espécie de entorpecimento dos sentidos e uma preguiça mental impediam-no de seguir mais longe, aquela indagação.

Sem ânimo também para continuar o que se pusera a fazer, sentou-se à mesa e, pousando a face na mão, deixou-se ficar olhando pela janela, longínquo, sem atentar em nada.

"Que estranho em mim esta frieza, este invencível desânimo!" murmurou de súbito, saindo daquele alheamento.

Nos anos anteriores – continuou – bem o sentia, não fora assim. Não fora. Ao contrário, com que ingênuo entusiasmo embarcara dois anos antes para o Seminário Maior!

Depois de cinco anos às voltas com o curso de humanidades, assistindo durante esse tempo à partida dos colegas mais adiantados, vira enfim chegar a sua vez. A sua alegria naquela ocasião. Nada mais justo. Dali em diante não seria mais o menino que tinha de resolver problemas de matemática, tão intrincados e inúteis, nem decorar para o implacável Padre José os pronomes oblíquos em grego. Não. Uma nova existência começaria dali em diante. Adeus, velho casarão do Seminário Menor, nunca mais!

Ia conhecer agora um novo Seminário – o maior do Brasil – conviver novamente com Gabriel e Mari Dias, de quem estava afastado há dois anos, e começar o curso de Filosofia. Ah, sobretudo a Filosofia! Já não conhecia, não chegara mesmo a decorar-lhe em latim a definição? E que perspectiva, que mundo, ler Santo Tomás de Aquino no original! E sobre tudo isto a consciência de que todo aquele entusiasmo traia um grande amor ao Seminário e aos estudos – sinais exteriores certíssimos da verdadeira vocação, como lhe assegurara Monsenhor reitor, com quem se entendera no fim do ano, por um excesso de escrúpulo para consigo mesmo.

No ano seguinte – e havia-o notado naquela ocasião – já não fora tão vivo o entusiasmo. Mas se explicava: nem as disciplinas do curso seriam diferentes, nem o Seminário de São Paulo constituía desta vez uma novidade para os seus dezesseis anos, impacientes e ávidos.

Era por isso – lembrava-se bem – procurara ele justificar. Era por isso, pois espiritualmente o atrativo sobrenatural para o sacerdócio não havia esmorecido, nem a

sua pureza de intenção diminuía. Não, interiormente era o mesmo; e por detrás daquela frieza exterior, a vontade continuava firme e decidida... Nada tinha a temer. E se não assistira com alegria ao termo daquele curto descanso de dois meses, fora contudo, com a indiferença de quem cumpre uma obrigação há muito transformada em hábito que ele voltara.

Mas agora... Sim, como explicar agora aquele terrível abatimento justamente nesse 1931, em que devia entrar no estudo da Teologia ? Era assim que começava um curso para o qual, afinal de contas, viera tão somente se preparando durante sete longos anos ? Era assim que ia se aproximar de seu grande ideal – o sacerdócio ?

Não, a consciência daquele desânimo diante da obrigação de partir para o Seminário, era uma funda, uma dolorosa decepção para ele. Inútil disfarçar, aquela disposição de espírito devia esconder alguma coisa de grave. Não era possível. Desta vez não se tratava de uma simples indiferença exterior, absolutamente, desta vez era uma extrema e indisfarçável repugnância por tudo o que dizia respeito ao Seminário e àquela vida e à sua vocação...

Levantou-se da cadeira e, pondo-se a andar de novo nervosamente no quarto, perguntava-se alto, contendo com violência as lágrimas: "Mas porque me sinto assim, meu Deus, porque ?"

A agitação íntima em que estava não lhe permitia porém seguir o curso de nenhum pensamento. A sua imaginação borboleteava, tocando aqui, ali, passando adiante, voltando de novo ao pensamento de há pouco, perdendo-se a seguir em pequenos detalhes que o irritavam.

Para não pensar naquilo, tentou continuar a arrumação da maleta de viagem. "Aliás já devia ter feito este trabalho pela manhã."

Pouco depois, quase sem sentir, o trabalho subterrâneo de análise recomeçava: Se ainda ao menos pudesse fazer uma confidência daquela espécie a alguém ! – pensou.

Mas não, a quem confiar um tal sentimento ? Ao diretor espiritual, a Monsenhor Henrique, logo que chegasse ao Seminário ? Não era disso que se tratava... Ele queria uma palavra naquele momento. Depois, não era de conselhos que precisava, mas um contato de alma com alguém que o compreendesse, com alguém que o sentisse como a um igual. E a figura do diretor espiritual, do velho Monsenhor, lhe surgia naquele instante ao espírito, deformada pela sua indisposição contra tudo.

Nesse caso, porque não se abria com os amigos ? Porque não conversara com Gabriel ou Mário a esse respeito, na última vez que estivera com eles ? Aquela crise não se vinha adensando havia dias, e não passara o domingo com eles, no Palácio do Sr. Arcebispo ?

Falta de confiança ? Mas não eram ambos tão amigos dele, que poderia recear ?

E mudando de ideia: Por isso mesmo, por serem amigos dele. Que haveriam de pensar se lhes tocasse num ponto tão grave ? Fizera bem, fizera muito bem não haver falado; talvez agora estivesse ali arrependido. Ao menos sentia-se tranquilo, passava-se tudo no mais absoluto desconhecimento alheio e não escandalizara ninguém com as suas fraquezas...

Dizia isto sem convicção, tentando iludir-se, para consolar-se. No fundo o jovem seminarista sentia exatamente o contrário: Porque não falara com os amigos ? Porque não se abria com eles ? Era sempre assim. Miserável feito o seu. Muito amigo de Gabriel e de Mario Dias, desde os tempos de seminaristas menores, mas quando se tratava de

sinceramente "franquear o teatrinho interior", como gostava de repetir Gabriel, sentia-se constrangido por um pudor absurdo, mascarava-se por detrás de generalidades que nada diziam ou não raro acabava sorrindo, encaramujado cada vez mais em seus motivos reais. No entanto, aquilo era voluntário – e como ele admirava a franqueza direta de Gabriel e o sereno equilíbrio de Mario Dias!

Na realidade, a consciência da disposição em que, independente de sua vontade, e até contra ela, se sentia, inspirava-lhe um profundo desgosto de si próprio.

Sinceramente, interrogava-se ele agora, não era como uma *perda de liberdade* que estava sentindo a volta ao Seminário ? E porque ? "Porque, Senhor ? Não era isto o indício de alguma coisa que se elabora surdamente em mim ?"

Involuntariamente, vinham-lhe à lembrança os colegas para quem o Seminário era uma espécie de presídio, um fardo penoso, só tolerado como estágio obrigatório para uma situação definida e melhor...

Esses , em geral aplicados (ia nisso muito amor próprio, muita vaidade de aparecer) mas tíbios, quase frios alguns, como se nada tivessem, em verdade, com o objetivo que se haviam proposto, nunca chegavam ao Seminário no dia previsto pelo Regulamento.

Inventavam cada ano novos pretextos (oh, como eram imaginosos para forjá-los e práticos para se saírem bem deles!) conseguindo sempre ficar em casa algumas semanas mais.

Como aprofundando a causa de seu desânimo, o jovem seminarista se esforçava sobretudo por vencer o sentimento de derrota que o dominava, investia contra si próprio: "Mas estarei, no fundo, querendo fazer parte destes colegas ? . Desta vez é de todo impossível, mas quem sabe se no ano que vem não estarei também a inventar uma doença à última hora ? Ou isto (era o que mais temia, e este pensamento voltava-lhe a cada instante) será o começo da perda da vocação ? Não será assim que se começa ?"

A pilha de romances sobre a mesa pareceu-lhe, de súbito, uma acusação muda. Olhou para aquelas brochuras e sentiu-se intimamente culpado.

"Porque estou tentando iludir-me a mim mesmo ? Não é verdade, – e deixou-se ficar parado, com os olhos sobre a "livrarada" em desordem – que estas leituras têm contribuído bastante para o meu estado de espírito atual ? Não digo que sejam a causa única. Isso seria exagero. Mas que há qualquer coisa da grave nesta *fuga* é evidente..."

Por uma associação de ideias, lembrou-se a esta altura das palavras do diretor espiritual.

Insistira Monsenhor Henrique em sua última prédica, na véspera da partida para as férias:

"Cuidado com as leituras durante esses dois meses, meus filhos. Um mau livro que vos caia nas mãos desprevenidas pode tornar-se... (ele evocava o tom persuasivo de Monsenhor Henrique, que havia sublinhado estas palavras) o começo da perda irreparável de uma vocação. Vede bem, meus filhos. E nesse ponto não vos iludais: o mau livro nunca é aquele que o é abertamente. Oh, não! Satanás inventa mil artimanhas para se insinuar, ele é terrível. Como ? direi vós. E eu vos respondo: o mal está no "espírito" que certas leituras destilam sem a vossa jovem inteligência pressentir, eis aí. Nada de jornais, e muito menos essas brochuras de ocasião – meras novidades de livraria, literatura sem orientação filosófica, sensorial e triste. Se amais a literatura – eu vos aconselho – abeberai-vos antes da eloquência sagrada, da história, da arqueologia,

etc. Ou a ficar ociosos, entregai-vos a trabalhos manuais, no jardim, por exemplo, ou a outra ocupação não contrária à modéstia eclesiástica".

Pegou uma brochura de romance cuja ilustração berrante da capa estava a incomodá-lo e fê-la desaparecer entre outras, enquanto reconsiderava as palavras de Monsenhor Henrique.

Noutras ocasiões achava medíocres certas ideias do velho padre e – Mario Dias não se cansava de combater nele esta tendência para a crítica – juntava também a sua observaçãozinha irônica ao comentário dos colegas sobre o diretor espiritual.

Mas naquele momento elas lhe falavam tanto ao espírito, eram tão verdadeiras naquela circunstância, que não podia deixar de lhe dar razão e comover-se.

Como estava longe do tipo que Monsenhor Henrique pintara, naquela mesma prédica, do seminarista que devia ser! Lembrara-se de ensinar catecismo às crianças da paróquia ? Lembrara-se de rezar o ofício de Nossa Senhora ? Como se havia de lembrar, se, envolvido em "literatura", descurara dos deveres mais imediatos de seu estudo ?

Com que impaciência ajudara à missa, certas manhãs, na pressa de voltar às suas leituras, a imaginação desgarrada dias a fio naquelas páginas! Quantos dias sem comungar, e a confissão, de que havia quinze dias não se aproximava!

Ao pôr-se a arrumar a maleta, logo que entrou no quarto, a sua primeira preocupação foram os romances, ainda não lidos, que queria levar para o Seminário. E encheu o fundo da maleta de um bom número deles.

"Mas seja qual for a causa, pensou, ainda é tempo para reagir, Sim, eis a medida que devo tomar – reagir. Monsenhor Henrique não gosta de repetir, na sua habitual mania de falar por aforismos: "nem nunca é tarde para reagir ? É o meu caso. Que diacho, devo ser um pouco mais sensato. Quem quer os fins quer os meios. A literatura pode ser uma coisa muito boa, a própria Igreja não o nega, mas para mim, que me preparo para o apostolado, essa atividade é secundária. Primeiro a formação espiritual, a minha vocação. Já que a literatura me vem afastar de meu objetivo tenho obrigação de a repudiar. E é o que vou fazer. Não devo levar estes livros. Pois não os levarei", decidiu de repente.

Tomar decisões bruscas, às vezes extremas, decisões que surpreendiam toda a gente, inclusive a ele próprio, e sobre que só ia refletir depois (e quantas e quantas vezes para voltar atrás) era muito de seu temperamento apaixonado. Ultimamente, esta maneira de ser agravava-se com uma crise psicológica da idade: atravessava um período de transição: falta de compreensão interior, condições entre o falar e o agir, posição quase simultânea de sentimentos. Enfim, tudo isto se resumia numa só coisa – o traço característico de todos aqueles que vivem segregados do mundo – a sua inexperiência da vida.

Um a um, começou a retirar os livros da maleta. "Não levarei nenhum, nenhum!" repetia. "Assim eu me obrigarei, mesmo que depois me arrependa, a ficar o ano inteiro afastado destas leituras. Chegando ao Seminário faço uma confissão geral, entendo-me depois com Monsenhor Henrique e darei novo rumo à minha vida espiritual – porque se não me detenho a tempo, talvez quando quiser reagir... Mas não, o propósito está feito, é só esperar. Aliás amanhã mesmo estarei no Seminário e tudo há de mudar. Ah, tudo há de mudar, se Deus quiser!" murmurou, sentindo-se contente consigo próprio. "Afim, uma vez que combato tão prontamente a causa, ou o que me parece ser a causa deste

sentimento de derrota, é porque a minha vontade, apesar de tudo, não está de todo enfraquecida".

Procurou ainda umas notas que tomara, no entusiasmo das suas leituras, e rasgou-as, sem as reler.

Agora só desejava uma coisa: era ver-se de uma vez no Seminário, entre as paredes de seu cubículo, e pôr em execução aquele plano.

Uma imensa tranquilidade veio aos poucos tomar o lugar de sua agitação do começo. E, sem ele próprio dar conta, estava dali a pouco a cantarolar, baixo, muito baixinho, as palavras de uma Salve Regina, que se tocava no Seminário pelas ocasiões mais solenes.

III

Ajeitava a um canto da maleta um pequeno embrulho rosa, quando a irmã apareceu à porta do quarto. Não entrou.

– Chegou agorinha mesmo pelo correio da tarde, Maninho! – disse ela, estendendo-lhe um envelope azul.

– Para mim, é? Talvez seja do... Oh, não, pela letra parece de Padre Tobias, exclamou o rapaz, examinando a carta com um vivo movimento de curiosidade.

A moça ficara observando o irmão, um sorriso sutil nos lábios.

– É dele, sim, de Padre Tobias, acrescentou o seminarista.

la abri-la mas conteve-se. Não leria depois – pensou. Passara umas férias tão dissipadas... Era preciso ir fazendo essas pequeninas mortificações. E atirou a carta sobre a mesa.

– Ué, não vai vê-la, Maninho? perguntou a moça, num impulso incontido de surpresa.

– Não, tem tempo, leio depois... – apressou-se em justificar, como se acabasse de ver descoberto ali o seu gesto íntimo.

– Oh! mas que calma! Francamente, não compreendo que se possa ser tão...

Deixou a frase em suspenso; mas ele que não esperava por esta observação, atrapalhou-se:

– Não, eu vou ler... É de Padre Tobias. Mas agora estou ocupado, é por isso...

A irmã teve um leve sorriso, que lhe pareceu irônico, mas guardou silêncio.

Ele fora até a janela, correndo a cortina, enquanto para disfarçar o embaraço:

– É desagradável esta claridade crua da tarde, não é, Tilda?

Isto se passou rápido; de costas, adivinhara-lhe o sorriso e pensou: "É claro que ela não pode compreender. Nem desconfia o motivo. Toma talvez por uma esquisitice. Mas assim é que é bom, que sorria. Que distância *nos* separa do mundo! Uma coisa tão sem importância, no entanto..."

– Não esqueça a sobrepeliz, hein! arriscou Matilde, vendo o irmão debruçar-se sobre a cama, na arrumação da roupa.

O seminarista apontou para um embrulho femininamente preparado.

– Olhe aqui! Estava guardando-a quando você apareceu.

A moça lançou um olhar interessado sobre o objeto (a sobrepeliz que bordara para o irmão naquelas férias), mas compreendendo que devia deixá-lo a sós, retirou-se, avisando:

– Seu jantar talvez não demore, ouviu, Maninho?

Como a irmã se estava tornando mulher, pensou o seminarista, acompanhando-a com o olhar ao sair. Não demoraria, por certo, em casar... Já ouvira mesmo vagos comentários naquelas férias a respeito do noivado... Deveria estar para breve.

E a imaginação (aquela imaginação absurda que tanto o fazia sofrer) mostrou-lhe a irmã já casada, mãe... provocando-lhe uma instintiva pelo seu futuro marido, um rapaz de maneiras delicadas, com quem tivera ocasião de falar uma ou duas vezes apenas.

Mas que absurdo, meu Deus, que injustiça! murmurou ao ter consciência disto. Porque aquela sua aversão a coisas tão naturais, tão humanas ? Não era o caminho normal da natureza ? Ou seria tão egoísta que pretendesse... Não, não. Tudo aquilo era muito natural; a sua aversão é que era anormal. Tilda freira, que estupidez da sua imaginação !

A voz da mãe, chamando-a de dentro para o jantar, cortou-lhe bruscamente o fio destes pensamentos.

Fechou a maleta, apanhou o capote, e abotoava-o ainda quando entrou na sala.

Matilde estava bordando a um canto uma grande toalha branca, que a envolvia toda, e a mãe sentara-se, em silêncio, junto dela.

Aproximou-se da mesa, fez uma ligeira oração antes da refeição (enquanto rezava, *sentiu* que ambas haviam baixado a cabeça) e sentou-se.

– Oh, não me lembrei de mandar preparar... disse a mãe, vendo-o servir-se.

Ele não chegou a perceber de que se tratava, mas respondeu:

– Não, não precisa.

E como a mãe se apressasse a deixar a sala:

– Não é preciso, não quero, ajuntou, contendo um movimento de impaciência.

A irmã, que observava calada a cena, falou para desfazer a impressão:

– Você já avisou Maninho, mamãe ?

– Ainda não. Seu pai disse que vai fazer o possível para ir à estação na hora do embarque, ouviu ? acrescentou, voltando-se para ele.

– Está bem, mas não era preciso papai incomodar-se... murmurou o seminarista.

Quis continuar, dizer qualquer coisa para encher aquele vazio que se fizera, mas não encontrou nada.

Elas assistiam agora em silêncio ao seu jantar.

Esta reserva, esta quase cerimônia nas relações era um dos traços característicos daquela pequena família.

Por um excesso de pudor que punham na demonstração de sentimentos, chegavam a parecer secos uns com os outros na própria intimidade.

Só se expandiam inteiramente em assuntos indiferentes; e era às vezes na presença de estranhos que acontecia eles se dizerem as coisas mais graves e íntimas. Daí esta convivência parecer insuportável e deixar a impressão de que eles talvez se detestassem em seus corações.

Enganavam-se.

Uma grande afetuosidade, ainda que se exteriorizasse entre eles por um excesso sutil de artifícios, presidia às suas relações. Eram dessas pessoas para quem a delicadeza do trato está mais no sentimento que a anima do que na maneira de expressá-la; a forma muitas vezes chocava, porém quanto mais despida de exterioridade, mais intensa a contenção de sentimentos neles.

Era o tom de uma palavra, por exemplo, ou o olhar que a acompanhava e não a palavra em si, que quase sempre expressava o sentido de um gesto, na aparência indiferente.

Quando Matilde dizia: "tal coisa é assim, não é, Maninho ?", este Maninho era dito com naturalidade porque se tratava de um apelido afetuoso, não havia dúvida, mas disfarçado sob uma forma rotineira; agora, quando ela dizia: "tal coisa é assim, não é, meu irmão ?" (o que aliás raro acontecia), este "meu irmão" era pronunciado rapidamente,

sem encará-lo, ou com um sorriso, que ele traduzia (e Matilde bem o percebia) assim: "está bem, minha irmã mas isto é penoso não acha ? Vamos, que é que ia dizendo você ? Continue..."

E a conversa prosseguia ou não; uma coisa porém era certa – o "meu irmão" não sairia mais naquela conversa.

Isto somente eles percebiam, e o interessante era que, por um acordo tácito, cada qual fingia ignorá-lo e nunca tocavam em tais assuntos.

Porque era assim? – preocupara-se ele muito em outros tempos – onde estava o motivo profundo daquela conduta ?

Como porém não encontrasse outras razões, havia concluído que era a maneira de ser, inerente aos seus próprios temperamentos. E portanto: irremediável.

A irmã parecia em tudo com o pai; ele, mais de uma vez, surpreendera-se a repetir inconscientemente gestos e atitudes da mãe.

Esta havia sido a vida inteira vítima de sua natureza complicada e estranha. Era uma dessas criaturas marcadas, ninguém sabe porquê, por uma fatalidade qualquer para o sofrimento; podia-se dizer dela: era infeliz não porque sofresse, mas sofria porque era infeliz...

Mas a vida, apesar de tudo, havia presidido com uma sábia previdência à aproximação daqueles dois seres: o pai era um pouco diferente e estabelecia um certo equilíbrio. Dir-se-ia que ele era quem tinha o temperamento feminino, que faltava à mãe, com aquele rosto mais moço do que a sua idade e aquele sorriso cheio de uma sabedoria vivida com que aceitava tudo sem surpresas... Compreensivo e silencioso, aproximava-se agora dos cinquenta anos e, mesmo sendo um homem de saúde frágil, conservava o seu gênio afável, que adoçava a intimidade da família.

Fisicamente, Cesário Machado era o retrato do pai; parecia interiormente com a mãe.

De estatura um pouco além do normal, os cabelos rebeldes a cair-lhe em penacho na testa, junto aos olhos castanhos que pareciam ver longe, na fisionomia um aspecto canhestro, meio selvagem, tinha, já aos treze anos, o rosto moreno e imberbe desses adolescentes a respeito de quem os adultos observadores fazem as suas profecias sobre o destino incomum que os espera.

Depois que entrara para o Seminário, tornara-se aos poucos quase que ascético o talhe de sua figura. Era agora um rapaz magro, muito tímido, e, para os que não sabiam ver – sereno. Aquela serenidade, entretanto, não iludia: num contato mais demorado com ele, veriam, sem demora, a surda agitação que lhe trabalhava o espírito. O Seminário, com a sua educação reclusa, desenvolvera morbidamente nele certas tendências de seu temperamento sombrio, precocemente amadurecido; nesta evolução pouco normal, o físico também fora atingido: sem ser um esgotado ou um nervoso, notavam-se-lhe entretanto uns leves tiques característicos.

Ultimamente ele próprio observara que se havia tornado mais retraído ainda, quase monossilábico, sobretudo com os parentes.

Naquelas férias mesmo, apanhara casualmente um fim de conversa que muito o entristecera. Dizia na sala, à mãe e à irmã, uma tia por parte do pai, a quem havia visitado dias antes: "– Exatamente, estive em casa no dia seguinte. E não sei, mas já repararam ? Maninho me parece cada vez mais esquisito, ele não era assim! Quase não conversou com a gente. Foi entrar e sair..." A mãe ficara calada. Mas a voz de Matilde: "– Nós até já nem reparamos... Aqui em casa é a mesma coisa, sabe titia ? Maninho ou sai

ou então tranca-se no quarto, lendo. E nestas férias leu muito, a senhora não notou, mamãe ?"

Fizera barulho para se tornar pressentido e entrara para seu quarto, considerando aquilo.

Estava cada vez mais esquisito, dissera a tia. Tinha razão, ele próprio também o sentia... Mas que fazer ? Não havia dúvida, como seria bom se ele pudesse ser *outro* com os parentes, ao menos com eles!

Mas não o era, e infelizmente não dependia dele...

Realmente, não dependia. A observação fora justa, não havia negar, mas por outro lado, não estaria naquilo, ao menos em parte, não estaria naquilo, o motivo dessa mudança ?

Para Cesário *aquilo* era o seguinte: – sua família, ainda que religiosa como toda a gente no Brasil, não professava a sério religião alguma; ora à medida que ele se adiantava nos estudos e compreendia melhor esta situação, isto se tornava um motivo de tristeza permanente para ele.

Não ousava porém tocar em tais assuntos.

Entretanto, sua consciência não deixava de o acusar acerbamente deste "respeito humano" imperdoável a um seminarista...

E como Cesário era capaz de se torturar por motivos que muitas vezes só existiam na sua imaginação, este motivo real, realíssimo e grave para ele, transformava num lúgubre fantasma de todas as horas.

Sofria, e sofria em silêncio.

– A que horas sai o trem, Maninho ? perguntou de repente Matilde, quebrando aquele silêncio.

– Às sete.

E Cesário acompanhou instintivamente o seu movimento de cabeça, ao olhar o relógio à parede.

– Tire mais fruta... Olhe essas mangas, que estão muito boas! insistiu a mãe.

– Não, não quero mais nada...

Levantou-se, fez um rápido sinal da cruz e tornou ao quarto.

Pouco depois estava de volta com a maleta.

– Então adeus, até para o ano! – e envolveu a irmã num abraço desajeitado, ao mesmo tempo que esta lhe apertava a mão.

Depois tomou a benção da mãe, enquanto ela o abraçava também, e, antes que o lembrasse (Cesário sabia que ela não deixaria de lhe recomendar aquilo e queria ir ao encontro de seu desejo), prometeu escrever-lhes assim que chegasse ao Seminário.

– Deixe a carta para o dia seguinte. Ao desembarcar passe logo um telegrama para a gente saber como foi de viagem, ouviu ?

– Está bem! Adeus...

– Adeus! repetiram ambas, acompanhando-o até a varanda.

A mãe ainda lhe bateu nas costas, sacudindo com solicitude um fiapo de linha branco que se agarrara à batina.

IV

Estava na Estação conversando a um canto com o pai, e dali observava o movimento na rua com o ar de pessoa que espera com impaciência alguém, quando um automóvel parou junto à calçada.

Talvez fossem *eles*, pensou Cesário, esforçando-se por distinguir, entre o burburinho e a agitação do lugar, os colegas que saltavam.

Sobraçando embrulhos e maletas, quatro seminaristas vinham ao seu encontro.

Não eram *eles*. Mas não haviam de demorar... conjecturou.

– Então, Cesário, já sabe? Os "nossos" Mário Dias e Gabriel ficam-se, veja só, hein! – falou em voz alta, adiantando-se do grupo e dirigindo-se a Cesário, os braços abertos para um abraço, um rapaz aloirado e esguio, fazendo-se notar ao mesmo tempo pelo esmero com que vestia e pelo desembaraço nervoso de seus movimentos; o rosto claro, quase imberbe, mas muito raspado, dava-lhe uma suavidade feminina às feições; desprendia-se de todo ele um cheiro forte de cosméticos.

– Como vai, Carlos Alberto? Mas que me diz você?, ainda domingo passado estive com eles e não me disseram nada!

– Pois é, meu caro, mas ficam para as "ordens", respondeu o outro, envolvendo o colega num abraço apertado.

– Será possível! murmurou Cesário encarando desapontado Carlos Alberto.

Os outros seminaristas – três novatos que iam começar naquele ano a Filosofia, antigos colegas de Cesário no Seminário Menor – haviam se aproximado e, meio constrangidos, cumprimentavam o senhor.

– Ah, meu pai! apressou-se Cesário, saindo de seu desapontamento.

Houve uma confusão de nomes declarados confusamente, "muito prazer", e apertos de mão.

Entretanto, Cesário tomara um ar pensativo, que não conseguia disfarçar; assim que terminaram os cumprimentos, o pai quis saber de que se tratava.

– Nada... Uns colegas que não vão hoje conosco... Mas não há nada, não tem importância nenhuma, eu é que não contava com isso e, como somos muito amigos, fiquei surpreso, resumiu tentando disfarçar a impressão que a notícia acabava de lhe despertar.

Mas Carlos Alberto, que percebera tudo, tomou-lhe a palavra e, falando sempre alto demais, muito cheio de gestos, para escândalo das pessoas que passavam, voltando-se curiosas, explicava com detalhes:

– Acho esquisito Cesário não estar a par disso, afinal são tão amigos dele! Eu já o sabia desde ontem. Aliás, durante as férias eu procuro ir toda semana ao Palácio. É bem verdade que nem sempre se encontra o sr. arcebispo, mas que fazer? a visita está feita. Um seminarista "maior" (voltou-se com um sorriso amável para o pai de colega) não acha o senhor? um quase padre tem obrigação, mas que social, moral, não é? de estar em contato permanente com o seu prelado, porque...

Uma cascata de palavras, o Carlos Alberto. Cesário já o conhecia: se o deixassem falar não se calava mais.

– Sim, sim, interrompeu-o, um tanto irritado com aquele palavrório (na realidade estava irritado com os amigos ausentes), do qual não concluía nada. Mas afinal, você sabe porque ficaram Gabriel e Mário ?

Os outros colegas perceberam-lhe a impaciência e sorriram.

– Mas eu já não disse, meu caro, este Cesário (voltou-se para o senhor com o mesmo sorriso de há pouco) este Cesário vive no mundo da lua... eu não disse que eles ficaram para a recepção das "ordens" ?

– Mas isso é outra novidade, ajuntou Cesário. As "ordens" não são sempre dadas no Seminário ? Que quer dizer essa inovação ? não compreendo o motivo!

– Ah, meu caro, você agora chegou onde eu queria. E baixando o tom, dirigindo-se discretamente ao colega:

– Isto para mim é "arranjo" deles, pode estar certo. Aquele Gabriel! Eu estive ontem com ele e me garantiu que não, que fora o próprio arcebispo quem se oferecera para conferir-lhe as "ordens"; desculpou-se muito... Quando uma pessoa se desculpa muito, meu caro... Não quero fazer mal juízo, Deus me livre, mas nessa é que eu não vou. Então o sr. arcebispo... Foram eles que pediram. E outra coisa: com essa história de "diaconato", você vai ver, só aparecem no Seminário depois da Semana Santa.

– É ?! exclamou ingenuamente admirado Cesário.

– Eu é que imagino... Aquele Gabriel é um sabido!

Só então Cesário percebeu o absurdo da pergunta e o exagero da afirmação de Carlos Alberto. Pensou mesmo em justificar os dois amigos. Noutra circunstância tinha certeza de que o faria. Não o fez, naquele momento. Como se sentia logrado por eles e quase que compartilhava agora da opinião do outro. Interiormente compartilhava agora da opinião do outro. Interiormente compartilhava. Ora, eles não lhe terem compartilhado nada! Que indelicadeza, sim senhor. Não esperava um gesto tão grosseiro de Gabriel nem de Mário... Só queria ver que desculpas lhe dariam quando chegassem ao Seminário!

Os seminaristas que haviam chegado com Carlos Alberto discutiam a compra das passagens. Um queria adquiri-las logo, ficar de uma vez tranquilo com aquilo, outro achava que havia ainda muito tempo, que não precisava ninguém se afobar. Carlos Alberto dizia que se encarregaria de comprar todas. E voltando-se para Cesário:

– Você já comprou a sua ?

E como o colega respondesse afirmativamente:

– Então vamos comprar as nossas também, não é gente ? disse entusiasmando-se de súbito.

Os colegas agora queriam.

– Deem-me o dinheiro! Ou por outra, já não, no guichê. Mas onde é o guichê ? falava Carlos Alberto, abanando-se com o chapéu, num gesto que podia ser natural, mas nele dava a impressão de estudado.

Começavam a aparecer novos seminaristas, acompanhados alguns pela caravana de parentes. A roda aumentava. Abraços, exclamações, notícias, as conversas se multiplicavam; aqui e ali pela gare, foram-se formando grupos de duas, três, quatro batinas pretas...

Carlos Alberto, fazendo-se sempre notar, saiu com uma turma grande de colegas para a compra das passagens.

Cesário aproveitou a confusão para deixar o grupo, afastando-se com o pai.

– Vamos ao bar, não é melhor ?

Preocupado com os amigos, caminhava ao lado do senhor alto, respondendo vagamente às perguntas que este lhe ia fazendo sobre os colegas.

Não era possível! Naquela brusca decisão tinha que se esconder qualquer coisa. Era tão amigo deles e não lhe haverem dito nada. Era estranho! Não, francamente, ele não compreendia! Devia existir qualquer outro motivo... E, em voz alta, para o pai:

– São muitos amigos meus, sabe ?

– Os seminaristas de quem vocês falavam, não é ? Cesário percebeu que aquele "são muitos amigos meus" havia sido dirigido mais a si próprio do que ao seu pai e, sorrindo interiormente, apressou-se em corrigir:

– Sim, aqueles de quem falávamos. O tal Gabriel e Mário. Mário Dias...

No bar todas as mesas estavam ocupadas.

– Se eu houvesse sabido antes dessa história toda teria passado pelo Palácio. Chegamos tão cedo à estação. Agora não dá mais tempo...

– Talvez ainda apareçam à hora do embarque, quem sabe! comentou o pai.

– Como? perguntou Cesário que, absorvido em seus pensamentos, não lhe ouvira as palavras.

– Digo que talvez os seus amigos ainda apareçam à hora do embarque...

Atravessavam nesse momento a rua.

– Oh, olhe lá o Gabriel! exclamou Cesário, num ímpeto de entusiasmo mal contido. Olhe ele, descendo do ônibus !

Um caminhão parou entre eles, a seguir um carro, outro. Por um momento o seminarista desapareceu-lhes das vistas.

Era Gabriel, não havia dúvida, pensava Cesário enquanto esperava que o trânsito se descongestionasse para atravessar. O amigo não trazia nem embrulho nem mala alguma – por certo que não embarcaria! Não fazia mal, tinha-o ali...

Passaram os carros. Gabriel descobrira-o também e vinha agora em direção deles, acenando para Cesário. Era um rapaz de estatura normal, moreno e com uma barba cerrada, que lhe dava um ar severo ao rosto comprido, de traços bem feitos. Naquele momento vestia capa, em vez de capote, e Cesário notou-lhe uma brochura amarela debaixo do braço.

– Oh, Cesário!

Abraçaram-se.

– Mas então ? foi perguntando Cesário com impaciência.

– Iam a algum lugar ? Pelo que vejo... Boa tarde, disse Gabriel, estendendo a mão ao pai do amigo.

– No trem podemos conversar mais à vontade, continuou Cesário a expandir-se. Vamos! Mas afinal que história é essa de "ordens" ? Carlos Alberto já me contou. Sempre ficam ?

– Ah, você já sabe? Eu não lhe havia dito nada porque eu próprio só tive conhecimento ontem. Havia ido ao Palácio despedir-me do sr. arcebispo, encontrei lá o Mário, e estávamos a conversar com dom Moura, quando ele nos perguntou se queríamos receber o "diaconato" das mãos dele. Eu fiquei calado. Mário pôs-se a rir, a dizer que a ideia não era má, e o sr. arcebispo – você sabe como ele é na intimidade – levantou-se: "Muito bem! então os senhores ficam! Estão satisfeitos, hein ?"

– Quer dizer que partiu tudo dele ?

– Foi. Dom Moura parece que quer nos conferir o "diaconato" na capela do Seminário Menor, para incentivar os seminaristas "menores" com o espetáculo da cerimônia – foi o que eu conclui, sabe ?

– É possível, concordou Cesário. Mas escuta: e Mário ?

– Ah, Mário está contente. Ainda mais que estava com vontade de pedir a dom Moura para ficar algumas semanas em casa por causa do tratamento – Ele lhe havia dito, não ?

– Disse.

– Pois é, veio a calhar. Ele embarcou hoje cedo para Petrópolis, descobriu lá uns parentes que não via não sei quantos anos e foi acompanhar a mãe... Por falar nele: mandou um abraço para você, ouviu ?

– Está bem. Obrigado! murmurou Cesário. E já sabem o dia certo da recepção do "diaconato" ?

– Talvez na festividade de São José, a 19 de março... Dia também do patrono do Seminário Menor, lembra-se ?

– Então vocês só aparecem em São Paulo lá para o fim do mês, não ?

– Por aí...

– Você tem um ar preocupado, Gabriel! Será a recepção do "diaconato" que o põe assim ?

O amigo sorriu. E depois ?:

– Como o tempo passa, hein! Ainda há tão poucos anos era eu um seminarista "menor", sem preocupações pessoais, tendo apenas que obedecer a um regulamento onde tudo está previsto, e hoje um quase-padre! Interessante, quando a gente ainda está nos primeiros anos do curso tem a ilusão de que à medida que se forem recebendo as "ordens", tudo vai mudar de uma hora para a outra, por encanto, por milagre... E a verdade é que somos sempre o mesmo. Não sei, tudo isso é muito grave, muito sério... Você já pensou nisso, Cesário?

– Eu ainda não. Essas coisas são privilégio exclusivo do meu amigo Gabriel.

Que queria dizer aquilo? O colega encarou-o fixamente, surpreso. E foi só então que pressentiu o que devia estar se passando no íntimo do amigo. Sim, estava ali o Cesário todo, o Cesário que ele tão bem conhecia! Quis dizer qualquer coisa para animá-lo, pensou mesmo em prometer-lhe uma carta naquelas semanas de ausência, mas sentiu-se tão perto do sentimento do amigo que compreendeu que qualquer palavra seria inútil. E preferiu seguir calado a seu lado.

Cesário atirou a maleta à prateleira do carro, pousou em cima o chapéu e começou a dobrar maquinalmente o capote.

Enquanto isso pai e o amigo haviam-se se sentado e conversavam em voz baixa.

– É às sete que parte o trem, não é ? perguntava Gabriel consultando o relógio de pulso.

– Sim. às sete horas, dizia o pai.

– Ah, ainda há muito tempo...

– Meia hora; não são seis e meia ?

– Seis e vinte, respondia Gabriel, tornando a olhar o relógio.

la ouvindo aquele diálogo sem interesse e, como o seu lugar era o fundo do carro, observava dali em silêncio o movimento dos passageiros.

À direita via um grupo de colegas já instalados em seus lugares a conversar calmamente com os parentes; uns passavam cumprimentando com um sorriso ou um aceno discreto, outros saíam falando alto e esbarrando em pessoas atravancadas de embrulhos que surgiam inesperadamente; mil necessidades humanas entrando pelas janelas com recomendações e pedidos gritados, discussões por causa de lugares ocupados por engano, um movimento confuso, de atordoar...

Com que tédio contemplava agora, todo este alvoroço! Pouco antes, ainda sentira vontade de conversar, ainda se entusiasmara com a presença de Gabriel. Mal tornara à gare, porém, fora aquilo. A realidade da viagem revelara-se de súbito, brutalmente.

Sentou-se afinal e deixou-se ficar, os braços caídos, olhando com indiferença para tudo.

– Está sentindo alguma coisa, Cesário ? indagou o pai que o observava.

– Não, nada... É o alvoroço que atordoa a gente, quando não se está habituado. Não tenho nada.

Gabriel sorriu.

Compreenderia ele o motivo real ? conjecturou Cesário. Talvez compreendesse; conhecia-o tanto... E sorriu para o amigo, um sorriso frouxo, sem vontade.

Gabriel atirou-lhe às mãos a brochura que trazia.

– Conhece esse estudo sobre Proust, Cesário ? Apanhou o livro, pondo-se a folheá-lo, mais em atenção ao amigo do que por curiosidade ou interesse.

– É muito interessante. “Inteligente, sobretudo; ainda não passei dos primeiros capítulos, mas estou gostando. Cesário devolveu o livro ao colega com um “é”... Que lhe importava Proust ou quem quer que fosse naquele momento ?

Tinha que viajar sem eles – isso é que era importante! Importante mas irremediável... Como seria monótona aquela viagem! E os primeiros dias no Seminário, enquanto eles não chegassem... Se já não estivesse ali com a passagem comprada, não iria. Não iria mesmo, – repetia a si próprio para se convencer daquela mentira. Pediria a dom Moura para ficar e o sr arcebispo não deixaria de atender. Mas que motivo lhe apresentaria ? Muito fácil. Nenhum motivo. Diria simplesmente que era para assistir à recepção das “ordens” dos dois amigos... E dom Moura deixaria ? Era bem possível.

Deixaria, sim, porque não ? (ele estava acreditando justamente no contrário). E se dom Moura lhe perguntasse: “Mas somente para assistir às “ordens” de Gabriel e Mário Dias, porque?, que responderia ele ? “Sim, sr. arcebispo, só para isso; eu sou muito amigo deles.” Dom Moura daria então uma boa risada e diria: Está bem, pode ficar; avise cônego Antonio (era o secretário do arcebispo) para incluir seu nome no telegrama a Monsenhor-reitor”.

– Que é que você está pensando, Cesário ? perguntou Gabriel quebrando de súbito o vazio que se havia feito entre os três.

Aquela pergunta despertou-o de seu devaneio. Que ingenuidade! Sempre a sua maldita imaginação arrastando-o para aquelas tolices. Oh, mas que tolice estivera pensando! e passou a mão pelos cabelos alvoroçados como se com aquele gesto varresse da imaginação o acervo de tolices.

– Nada, respondeu ele ao amigo. Nada!

– Pode esperar carta minha assim que chegar ao Seminário, ouviu Cesário ? continuou Gabriel.

– Ah, é verdade, havia-me esquecido! Tenho aqui uma carta.

Meteu a mão no bolso fundo da batina, e tirou a carta, que passou ao amigo.

– Acho que é de Padre Tobias...

– Nas, você ainda não a abriu ?

– Ainda não. Mas pode abri-la você. Sente-se aqui a meu lado para lermos juntos!

Gabriel levantou-se da poltrona em frente de Cesário, sentando-se à sua direita. O outro desdobrava a carta. Puseram-se a ler em silêncio:

“Meu caro Cesário,

Você não imagina como é agradável para mim a hora em que uma vez de longe chega à minha Tebaida cantando aquilo mesmo que eu queria ouvir.

Não há como o silêncio para realçar as melodias. Também não há como ele para revelar a vacuidade dos sons. Fique, pois, alegre por ter a sua carta (aliás, só ontem me chegou às mãos) resistido a este cadinho terrível. Muito obrigado!”

– Eu li essa carta a que Padre Tobias se refere ? indagou Gabriel.

– Leu, sim.

– Não me lembro.

Voltaram às palavras do padre:

“... Diga-me uma coisa, meu amigo: é fato que sempre vai fazer o curso de Teologia no Seminário de Belo Horizonte ? Apresso-me em em perguntar-lhe por isto: chegando ontem (22 de fevereiro) do Sul, onde estive com os “meus” pela primeira vez depois que tomei a batina, foi essa uma das novidades que encontrei no Seminário”

- Ué, que quer dizer isto ? Você está compreendendo, Gabriel ?
- Espere, vamos ver.
- E pôs-se a ler alto o que seguia:

... “Achei isto esquisito, e não o levei muito em conta, tanto mais que sua carta nada dizia a respeito.

Mas hoje, conversando com uns colegas seus daqui de São Paulo, que aparecem de vez em quando em visita ao Seminário, vi o boato confirmado.

Ignoro as razões (acredito que só possam ser justas) que levam o meu amigo a Belo Horizonte. Em todo caso, confesso...

- Espere, Gabriel. Esta história está um tanto curiosa, hein, que parece a você ?
- Já sei do que se trata, Cesário. Quer saber quem afinal arranhou todo esse mal-entendido ?
- Ficou olhando para o amigo com curiosidade.
- Fui eu.
- Você ?
- Não se lembra... Ora, está aí, não podia ser outra coisa. Você se lembra de uma tarde, nestas férias, em que nos encontramos no Palácio ?
- Encontramo-nos tantas vezes.
- Bem, mas em janeiro, por aí... Lembre-se que até estavam em visita ao sr arcebispo uns seminaristas de Belo Horizonte, por quem você se interessou muito...
- Sim, agora me recordo.
- Pois bem, vai ver que foi isto: eu respondi no dia seguinte a uma carta do Andrade e, não me lembro mais a propósito de que pergunta fazia ele a seu respeito, dei-lhe notícias suas, contando que você se interessara muito pelos seminaristas de Belo Horizonte, indagara coisas do Seminário deles, etc. Sem dúvida foi daí que surgiu o equívoco...
- É possível, murmurou Cesário.
- E depois de curto silêncio:
- Mas que gente imprudente, também! Pois quero tirar a limpo essa história assim que chegar ao Seminário.
- Ora, Cesário, tolice. Se a gente vai dar importância a essas ninharias...
- Mas se fosse grave teria espalhado do mesmo jeito, bolas! exclamou Cesário, exaltando-se bruscamente.
- Com essa lógica...
- Não é isso, Gabriel. Que diacho um Seminário Maior não é um colégio de meninos... Esse Andrade é inconsequente!
- Vamos ver o resto da carta, disse Gabriel, esforçando-se por disfarçar em presença do pai do amigo.
- Continuaram a leitura, agora cada um para si. Dizia Padre Tobias:

... “Em todo o caso, confesso, já estou sentindo esta possível separação. E isto porque, levando-se em conta o nosso convívio de vários anos e certas afinidades que nos aproximam, eu me habituara a ser para você (como o sou igualmente para alguns outros) uma espécie de irmão mais velho.

Quero dizer, todas as vezes que pensava no meu caro amigo, era com essa ternura de parente espiritual que eu o via. Eis que com sua ida para Belo Horizonte tudo isto torna de súbito um rumo imprevisto...

Não se admire do que lhe vou dizer, mas você, meu caro Cesário -- um dia, quando se conhecer melhor, compreenderá o que isto significa -- você, a certos respeito, é uma natureza privilegiada. Sorri ? Julga que o estou a lisonjear ? Eu me explico.

Pessoas com essa sua simplicidade tão fácil (primeira condição espiritual do estudioso); com a sua grande capacidade de refinamento do caráter e da sociabilidade; com a sua finura de espírito (que o leva, como tive ocasião e observar muitas vezes, a surpreender magistralmente o humano nas ações dos homens); com a sua perspectiva superior, nos juízos, sempre em intensificação (e isto é o que constitui o homem sábio); e com o seu fundo de piedade autêntica que vai se delineando, certamente

... “Em todo o caso, confesso, já estou sentindo esta possível separação. E isto porque, levando-se em conta o nosso convívio de vários anos e certas afinidades que nos aproximam, eu me habituara a ser para você (como o sou igualmente para alguns outros) uma espécie de irmão mais velho.

Quero dizer, todas as vezes que pensava no meu caro amigo, era com essa ternura de parente espiritual que eu o via. Eis que com sua ida para Belo Horizonte tudo isto torna de súbito um rumo imprevisto...

Não se admire do que lhe vou dizer, mas você, meu caro Cesário -- um dia, quando se conhecer melhor, compreenderá o que isto significa -- você, a certos respeito, é uma natureza privilegiada. Sorri ? Julga que o estou a lisonjear ? Eu me explico.

Pessoas com essa sua simplicidade tão fácil (primeira condição espiritual do estudioso); com a sua grande capacidade de refinamento do caráter e da sociabilidade; com a sua finura de espírito (que o leva, como tive ocasião de observar muitas vezes, a surpreender magistralmente o humano nas ações dos homens); com a sua perspectiva superior, nos juízos, sempre em intensificação (e isto é o que constitui o homem sábio); e com o seu fundo de piedade autêntica que vai se delineando, certamente, na proporção daquela fecundidade interior, que é a sua marca propriamente dita; sobre tudo isto; o seu passado bastante sofrido (observei sempre isto na sua maneira de ser); pessoas assim, meu ótimo Cesário, não se encontram em grande número...

Isto, aliás, não é motivo para você se envaidecer. Ao contrário. Tema sempre esse sinal de eleição, essa marca misteriosa da Graça em você, e não queira nunca fugir ao destino do depositário da chama divina... Mas isto já é outro assunto.

Voltando ao nosso caso: qualquer rumo que você tomar, meu caro Cesário. é preciso que continuemos amigos, ouviu ? De minha parte asseguro a você que continuarei mesmo de longe a estimá-lo como até aqui o estimei.

Você, que talvez não me conheça bastante, achará que eu estou sendo, ou mesmo que eu sou, um romântico feroz, que exagerei um sentimento ou que faço mortificação chamando-o tantas vezes de “meu caro Cesário”.

Eu, porém, que me conheço melhor, que chamo irmão a todos os que, apesar de tudo; lutam por realizar a Ideia de onde foram tirados; eu, que me interesso loucamente pelas

questões humanas, e que me entristeço por não poder conhecer e amar individualmente toda a criatura que vive sob o signo da Ordem e da Beleza, toda a criatura “bonae voluntatis” que se agita e sofre, acho que não exagero, acho que este abraço de hoje não tem a unção que eu desejara.

Bem adeus.

E que nos momentos em que o meu caro Cesário se sentir sozinho (porque há desses momentos, para que mentir ?) a Eucaristia lhe lembre estar você vivendo numa comunidade. A Eucaristia! Se os homens meditassem na imensa dádiva que é esse sacramento... “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” e não satisfeito com essa prova de Amor, dá-se em alimento às nossas almas!

Misteriosa, incompreensível dádiva! Ah meu caro amigo, não estranhe insistir eu invariavelmente e sempre nessa tecla. No dia em que você superar o simples “aprendizado” da ascética cristã e chegar àquela parte da vida espiritual que os Teólogos chamam de vida unitiva, você tocará no fundo do segredo da fé e então compreenderá como São Paulo o grande São Paulo pode exclamar: “vivo, jam non ego, vivit vero in me Christus”.

Adeus, recomendações ao pessoal. Como vão o Mário, Gabriel e esses preguiçosos todos que não me escrevem ?

O seu em Cristo,

Padre Tobias de Almeida.

VI

Cesário guardou a carta, deixando-se ficar em silêncio.

Observou de relance o amigo e compreendeu que se estava passando com Gabriel a mesma coisa. Para que falar ? dizia a atitude do amigo. Sim, para que falar, sentia Cesário, se a “presença” de Padre Tobias enchia perfeitamente o silêncio de ambos?

Foi Gabriel quem quebrou, afinal, aquele encanto:

– Padre Tobias é uma grande alma, não é verdade ? disse ele, com um acento de ardente simpatia, fixando o amigo nos olhos.

– Você diz bem, uma grande alma!

Nesse momento um senhor gordo, cabelos grisalhos em desordem e óculos grossos de tartaruga, entrou falando alto no carro, acompanhado de uma senhora de seus trinta e poucos anos, mais uma mocinha de azul, lembrando, pelo aspecto, a senhora no tempo em que teria uns dezessete anos.

– É aqui, só pode ser aqui! respondia de mau humor a senhora.

– Calma, Dulce, vamos ver! Você perde logo a paciência, parece um fim de mundo, há de se encontrar... retrucava-lhe, mordendo os lábios, o homem gordo, ao mesmo tempo que procurava os lugares com o número das poltronas na mão.

– Encontrei, papai! exclamou a mocinha, debruçada nas costas de uma poltrona.

A senhora e o homem gordo aproximaram-se.

– Oh, não! Pensei que era 43 é 48... Não é aqui, não... Mas o senhor tem certeza de que é neste carro ? Veja a letra!

Cesário voltou-se para trás, num movimento espontâneo de curiosidade, e uma observação muito natural desenhou-se a seus olhos: “Uma mocinha de azul”.

– Quer ver que são estes os lugares, disse Gabriel, inclinando-se na poltrona para examinar o número.

Dirigiu-se baixo ao pai de Cesário:

– Ela disse 43, não ?

– Sim. Esta aqui é 41 e ao lado 42...

– Então a minha é 43, a do Cesário 44... é aqui!

Mãe e filha haviam ficado indecisas no meio do carro. O senhor gordo aproximara-se deles.

– Talvez sejam estas as poltronas que o senhor procura, não ? indagou o pai de Cesário.

– Exatamente, são essas... Mas veja o senhor: não se distinguem os números, é uma maçada, já corri quase que todos os carros... Uff!

E estendendo-lhe os papezinhos brancos:

– Veja só: isto é um 3 ou um 8? Tem que se adivinhar! E as letras dos carros. Sabe-se lá se é um F ou um E? Abanou a cabeça, passando o lenço no rosto, que transpirava e deixou cair na poltrona a massa pesada do corpo, enxugando-se sempre, abrindo o paletó e ofegando forte.

Tendo deixado os lugares, o amigo e o pai dispunham-se a sair. Cesário propôs acompanhá-los.

– Talvez não seja conveniente você sair; está quase na hora da partida e depois é uma atrapalhada... disse Gabriel. Nós ficamos do lado de fora, à janela.

A família do senhor gordo começou a acomodar-se.

– Veste o casaco, Leda, que vai fazer frio! falou a senhora, enquanto ao lado de Cesário o marido afrouxava a gravata, abanando-se com um jornal.

– Agora não, mamãe. Mais tarde... contestava-lhe a mocinha, agitando o cabelo.

Chama-se Leda, *e/la* ! pensou Cesário, involuntariamente. Leda era latino aquele nome e, se não se enganava, queria dizer risonho, alegre... Bonito nome!

O amigo e o pai estavam agora à janela. Ele debruçou-se para fora.

Ouviu-se nesse momento o primeiro sinal de partida.

– Então, daqui a umas três semanas vocês estão no Seminário, não é ? falou Cesário.

– Mais ou menos... E talvez escreva para você antes da recepção do “diaconato”, ouviu, Cesário ?

– É, escreva, porque depois vem o retiro, hein ?

Entre a mocinha de azul e a senhora estabelecera-se uma conversação cochichada; aos ouvidos de Cesário chegavam fragmentos de frases, que lhe desviavam, sem o querer, a atenção.

– Que dizia você, Gabriel ? Quantos dias ?

– Para o “diaconato” é uma semana...

– Já sabem quem vai pregá-lo ?

– Dom Moura falou que podíamos aproveitar o retiro do clero, que vai ser agora em começos de março... Nesse caso iremos fazê-lo no Seminário Menor...

– Bom, seja como for, não deixe de me escrever, ouviu ?

– Se eu não escrever para você, você me escreve.

– Não, você é que vai escrever para mim. Fica combinado assim.

E tomando um ar pensativo:

– Como vai ser monótono esta viagem sem vocês! Depois os primeiros dias, as semanas no Seminário, enquanto não chegarem...

Gabriel ia responder-lhe, mas a esta altura ouviram distintamente:

– Psiu! Psiu! Gabriel!

Eram dois colegas que o chamavam da plataforma do carro vizinho. O amigo afastou-se, enquanto ele ficava a conversar com o pai.

Na gare a azáfama era cada vez maior.

Aproximava-se o sinal da partida. A locomotiva fumegava, desprendendo um chiado surdo; os vagões entrechocavam-se rangendo. Afinal o barulho estridente da sineta fez-se ouvir impondo-se sobre o burburinho. Era o último sinal.

Gabriel estava de volta.

– Desculpe, Cesário, pensei que eles não me largassem mais...

– Que queriam ?

– Nada, aí é que está. Imagine que discutiam sobre a Reforma Protestante e queriam minha opinião...

O tempo urgia. Cesário curvou-se para fora, abraçou rápido o pai, em seguida o amigo (reparou que a mocinha de azul se debruçara à janela e que, olhando para a gare, o que fazia era observá-los) terminando por cumprimentar Gabriel pela próxima recepção do “diaconato”.

– Obrigado! Obrigado! Lembranças a Padre Tobias, não esqueça!

– Então conto com sua carta, hein!

– Sim, sim... respondeu Gabriel. Mas quem sabe se ainda não teremos grandes novidades até lá...

A sineta cessara de tocar. O trem punha-se em movimento lentamente.

– Que quer dizer isso, Gabriel ?

– Nada, nada... Tolice! Você quer levar este livro para se distrair em viagem ?

– Não, deixe! Um abraço para o Mário, está ouvindo ?

Gabriel fazia que sim com a cabeça; o pai acenava-lhe.

Adeus! Adeus! dizia Cesário à janela. Iam ficando. A velocidade da marcha aumentava cada vez mais. Iam ficando. Lenços, rostos, chapéus, outros rostos, um braço feminino, uma criança ao colo de uma senhora de lornhão, lenços. Os dois rostos conhecidos haviam-se confundido na massa. Só lenços... Foi a última impressão que lhe ficou: manchas brancas se agitando à distância...

Sentou-se e, pousando a cabeça entre as mãos, ficou imóvel, olhos fechados, sem um pensamento.

Que queria dizer aquilo do amigo: “Talvez ainda tenhamos grandes novidades até lá” ?

Gabriel parecera-lhe realmente meio misterioso. Ele não era assim! Ao contrário. Era até tão comunicativo, tão franco sempre, pelo menos com ele... Que seria ? Quem sabe se a advertência ao sentimentalismo dele não a dirigia mais a si próprio. Gabriel, do que a ele? Alguma coisa se agitava em seu espírito, isso não havia dúvida. O que seria ? Receio do “diaconato” ? Não, não poderia ser isso. Mas... se fosse ?

Para não pensar naquilo pôs-se a observar o vai-e-vem, ruidoso dos colegas de um carro para outro; esforçava-se em seguida por distrair-se, olhando os detalhes do panorama noturno -- uma praça de subúrbio, um bonde passando numa rua comprida, lá no alto, destacando-se no céu escuro, como se estivesse suspensa no espaço a imagem luminosa do Cristo.

Voltava a reparar nos passageiros: “a mocinha de azul está comendo agora uma fruta! bem, bem, que tenho eu com a mocinha de azul ? deixá-la!”

E o seu pensamento voltava a debater-se em torno de Gabriel, de sua frase enigmática.

Estavam de viagem cerca de quarenta seminaristas. Mas naquele carro iam poucos.

Seis ou sete poltronas adiante, alguns conversavam com entusiasmo.

Deusdedit, um colega do mesmo ano que ele, pusera-se de pé e chamava-o para o grupo com insistência.

Cesário levantou-se e foi ter com eles.

– Oh Machado! (Deusdedit só o chamava assim) Você está lá sozinho, que pena! Se tivesse comprado a passagem junto com a gente...

– Não, estou bem. Não faz mal!

- Agora não há outro remédio, é claro!
- É, está bem. Está até muito bem... comentou um seminarista de cabelos eriçados, pequeno e irrequieto como um símio.

Alguns riram com ele, compreendendo logo a alusão maliciosa. Cesário ficou um momento indeciso, sem saber do que se tratava.

– Esse Brandão! disse João de Deus, abanando a cabeça apreensivamente, não sem deixar escapar também o seu risinho. Decerto havia ali qualquer coisa de conhecimento de todos, que deveria ter sido comentado pouco antes, sentiu Cesário.

– O que é, Deusdedit ?

– Nada, você vai atrás do Brandão... Tolice! E falando-lhe baixo ao ouvido:

– Pegaram a botar maldade na presença daquela mocinha perto de você.

– Você é tolo, Brandão! Se quer ir para lá, vá! disse Cesário, voltando-se de mau humor para o colega.

– Eu não, pra “raposa” me comer ? Eu não! – pilheriou alto o rapaz, que se acreditava muito engraçado e não perdia ocasião de pôr em evidência os seus dotes cômicos.

Houve novas risadas. Alguns desaprovavam aquilo.

– Ó Brandão! você está num trem...

Cesário tornou a seu lugar, sem dizer palavra. Abatia-o uma sensação de isolamento, de vazio, de inutilidade de tudo. Desejava naquele momento qualquer coisa que ele próprio não sabia dizer o que era...

VII

Enquanto Cesário estivera com os colegas, a família do senhor gordo havia virado as poltronas e viajava agora de costas.

– Não repare ter modificado isto, jovem! Minha senhora e minha filha preferem viajar assim... – foi-lhe dizendo o sujeito com intimidade, quando ele se aproximou.

– Oh, à vontade! – murmurou Cesário, metendo-se em seu lugar, no canto da janela, ao lado do homem gordo.

– São gostos... E, “de gustibus et coloribus”... como lá diz o provérbio latino...

A mulher fuzilou um olhar e ele calou-se; o homem gordo não aprovara aquela modificação e haviam discutido um pouco antes.

Cesário não pode deixar de sorrir àquele latim. Pôs-se a olhar pela janela. As pessoas gordas são quase sempre bem humoradas. Aquele sujeito não demoraria, por certo, em puxar conversa com ele... A mocinha de azul envolvera-se num casaco cinza. Fora o casaco que a mãe lhe recomendara na estação, pensava Cesário, a imaginação a borboletear de observação em observação...

Sentada em frente do senhor gordo, que desdobrava um jornal, parecendo distrair-se na leitura dos anúncios, a senhora dormitava com a cabeça nas costas da poltrona; a seu lado, ora olhando a noite pela janela aberta, ora folheando sem interesse uma revista que tinha nos joelhos, a mocinha de azul dava a impressão de alheia àquilo tudo.

Cesário virou a cabeça e os olhos se encontraram um momento com os dela. Ela sorriu. Ele baixou a cabeça, vermelho. Não pode, porém, deter esta observação: “É bonita!”

Tirou do bolso a carta de Padre Tobias e começou a relê-la; mas não conseguia compreender nada. Sentia agora sobre ele os olhos observadores da mocinha de azul, as palavras a embaralhar-se na cabeça.

Pensou em lugar de lugar. Era o melhor que fazia. Ela era bonita. As tranças ficavam-lhe muito bem. Mas... que estava pensando? Ah, ia mudar de lugar. Cruzara as pernas. Os joelhos... Maldita imaginação a sua! Assim que vagasse um lugar, mudar-se-ia, pois aquilo não ia bem... Ela continuava a observá-lo. Julgaria que ele, lendo a carta, não estava percebendo nada... Como se enganava!

Pela janela aberta penetrava um friozinho sutil. Cesário ergueu-se e vestiu o capote. Quando de novo se sentou, a mocinha dirigiu-se a ele:

– Caiu do seu bolso.

– Oh, obrigado!

Era o envelope da carta. Amassou-o e jogou-o pela janela, sem refletir no gesto.

Mas logo em seguida: Não devia ter feito aquilo, que estupidez... *Ela* apanhara-o do chão e ele, ato contínuo, atirava-o pela janela. Que indelicadeza!

Disfarçadamente, olhou-a de soslaio para ver o resultado daquilo.

Cabeça pendida, a mocinha folheava a revista, deixando ver a riscada certa do cabelo e a linha das feições que lembravam a Cesário um vitral da capela do Seminário, onde se via o Cristo na casa de Betânia, entre Marta e Maria...

Mas que tinham um com o outro? Ou melhor, que ele com ela... Que absurdo. Para que diabo ia guardar o envelope?

Jogara-o fora porque não lhe servia para nada, ora essa. Era a coisa mais natural; não havia indelicadeza nenhuma... Se o pai puxasse conversa com ele, isso é que iria mal... Como mudar, depois, de lugar? Ficaria notado, se já não o estava...

Ela descruzara as pernas. Era bonita. As tranças ficavam-lhe muito bem. Era bonita. Lembrava-lhe Marta no vitral da capela. Era bonita. Mas meu Deus, porque caminhos estava-se deixando levar! Chamava-se Leda. Não queria pensar naquilo. Leda queria dizer *alegre, risonho*... Ela tinha mesmo um jeito risonho... e que olhar vivo e inteligente. Impossível que tivesse mais de dezessete anos. Nesse caso, seria um ano mais nova do que ele. Um ano só. Talvez meio. Ou da mesma idade. Não, era mais nova, deveria ser mais nova. Mas não queria pensar nela. A tragédia biológica da mulher. Onde teria visto isso? Um livro? Não queria saber, não queria pensar em nada. Anchieta metrificara um longo poema à Virgem para livrar-se das solicitações dos sentidos.

la dizer mentalmente o exórdio da Eneida. *Arma virumque cano Troiae qui primus ab oris Italiam fato profugus Laviniaque venit*. Não, aquilo era muito cacete. Era melhor contar quantas palavras Padre Tobias usara na carta que lhe escrevera. Ela quase não tinha... oh horrível. Uma, duas três, quatro... tornara a cruzar as pernas... sete, oito, nove... puxara o casaco para cobrir os joelhos, há pouco não tivera aquela preocupação...dezoito, dezenove, vinte, vinte e uma... que queria dizer aquilo... Vinte e duas, vinte e três, vinte... Também estaria tomando conhecimento da presença dele? Trinta, trinta e uma, e quatro e oito... erguera-se e estava debruçada à janela... quarenta e cinco... agora é que reparara; era morena... cinquenta e sete ... Padre Tobias usara portanto, levando em conta que só chegara ao meio da página, cento e quatorze palavras.

– Cuidado, Leda, as fagulhas da máquina podem irritar seus olhos... Era até melhor fechar a janela, está esfriando! disse o senhor gordo.

– Não, papai, está bom assim... Eu quero assim, deixe!

Era voluntariosa; talvez fosse educada com todas as vontades satisfeitas... Filha única... Mas quantas palavras teria usado Padre Tobias na segunda folha? Também... a uma criaturinha assim ele compreendia perfeitamente que não se tivesse coragem de negar nada... Que estaria fazendo Tilda àquela hora? Talvez com o noivo... Leda é bela. Leda, porque? Estava se referindo a ela como se a conhecesse, essa era boa. Leda é bela; isto, em Lógica, era um juízo afirmativo. Leda é bela; ora, Leda queria dizer *alegre, risonho*; logo, a alegria é bela. A beleza... Seria um bem ou seria um mal? Sentara-se de novo, como era delgada! Se estivesse sem capote... É claro que era um bem. Mas o pecado... Tolice. Que tinha a beleza com o pecado? ... Leda seria religiosa? Era. Não, não tinha jeito... Mas era. As meninas religiosas eram diferentes, usavam roupas largas, compridas, escondendo o corpo... Mas estava muito bem, não devia ser de outra forma; o que importava era a beleza da alma. Lembravam umas bruxas... Não fazia mal. Fazia. Não queria saber daquilo. Leda era delgada, agora é que ele reparara; as tranças dela estavam soltas... tinha uns lábios muito finos; ele nunca beijara uns lábios; mas meu Deus, que era aquilo? estava pecando mortalmente; já a examinara da cabeça aos pés – dera toda a liberdade possível a seus sentidos. Não devia ter feito aquilo; pecara mortalmente em pensamento. Não, não pecara, tudo aquilo desenrolara-se *intelectualmente*; a *vontade* não tomara parte. Ou tomara? Teria ele *desejado*? Não. Ou teria? Estava em dúvida. *In dubiis libertas*, portanto não desejara. Mas aquilo não

seria sutileza dele? Desejara ou não? Desejara. Então pecara mortalmente. Mas a vontade não havia aderido; aquilo era um excesso de escrúpulo moral... Havia, havia sim, mas não queria pensar mais naquilo. Quando se confessasse acusaria.. A castidade. Seria ele capaz de, uma vez feito aquele voto, observá-lo para sempre? Porque sempre acreditara nisso? Quem sabe se era exatamente isso que preocupava, por ocasião do “diaconato”, o Gabriel. Leda é bela. E ele, seria capaz? Não tinha reparado nas unhas, se não as pintasse seriam mais interessantes. Mas como estava pensando, a castidade... os seios dela eram pequenos... Ia mudar de lugar, ia mudar de lugar; haveria lugar por ali? não havia... Leda estaria notando a agitação dele?

“Meu Deus, salvai-me desta situação; a minha miserável imaginação arrasta-me, faz-me pecar mortalmente – maldita imaginação! E pensar que para outras coisas, sou tão pouco inventivo. Só tenho uma coisa a fazer; vou levantar-me daqui”.

Deixou-se ficar. O senhor gordo dobrara tranquilamente o jornal e tomara um ar de quem vai puxar conversa.

– Uma bela carreira, o sacerdócio, disse de repente, balançando a cabeça como para mostrar que estava seguríssimo do que dizia – Uma bela carreira, sim senhor, sem desfazer da medicina e da engenharia, acrescentou.

Cesário teve que sorrir para o homem gordo. Agora é que não poderia sair dali; estava perdido! Leda...

– Vão para São Paulo, não é?

– Vamos, ciciou Cesário.

– E são muitos? Pelo que vejo...

– Uns quarenta.

– Tantos assim? Hum, eu julguei que eram só estes que aqui vão. Então viajam espalhados?

– É, espalhados.

– Sim senhor, sim senhor. São quase todos padres, não?

– Não senhor, nenhum o é. Minoristas, subdiáconos...

– Muito bem, muito bem. Grande coisa, grande Instituição, a Igreja!

E voltando-se com certo desembaraço para Cesário:

– Eu sou franco, não professo religião nenhuma; para mim (isto, aliás é opinião puramente pessoal, o senhor não leve a mal) todas elas são boas... Desde que mandam praticar o bem e evitar o mal, acho que todas são boas...

– É... é uma opinião...

– Mas tenho grande simpatia pela religião católica, ah, tenho! Aliás, sou sobrinho de bispo.

Cesário levantou-se.

– O senhor talvez conheça o meu tio bispo...

– Com licença (o homem gordo deu-lhe passagem) Como se chama?

– Dom Francisco... Dom Francisco Pereira Lobo!

– Não conheço.

– Pois é muito falado. Um grande orador sacro.

– De que diocese ele é?

– De que diocese? Ah, no momento não me recordo bem a diocese...

Cesário foi-se retirando desajeitadamente, murmurando um “com licença” para o senhor gordo, que ainda a seguiu-lo com o olhar se pôs a conversar com a filha.

Na sua imaginação, a mocinha era agora uma mancha azul, nítida e insistente, a deformar-se em tentáculos, a persegui-lo...

Passou para o carro seguinte onde viu colegas a conversar ou dormitando com a cabeça para um lado, pulou para o outro, seguindo sempre adiante, encontrando aqui e ali uma batina entre roupas leigas.

No quarto carro esbarrou com o Brandão, que lhe perguntou aonde ia.

E como Cesário não lhe desse logo resposta.

– Ó Cesário, você procura o carro-restaurant?

– Sim, onde fica?

– Mas está com fome? Se está com fome venha comigo, que eu tenho uns pastéis...

– Deixe os pastéis...

– Está se sentindo mal?

– Também não. Estou com sede! disse ele para liquidar o assunto.

– Oh, então vamos ao carro-restaurant... Mas que cara, santo Deus! Você costuma enjoar em viagem?

– Não me lembro, não sei, é possível...

– E, para onde quer ir você? exclamou o prestativo colega, vendo Cesário encaminhar-se para a frente.

Só então reparou o equívoco: havia-se dirigido para os primeiros carros da composição, em vez de procurar os últimos.

Mas Brandão segurava lhe o braço:

– É pra lá... Você parece que está estonteado! Vai ver que jantou hoje!

– É claro. Ia fazer a viagem em jejum?

– Em jejum não, quem lhe diz isso? falava alto o colega, caminhando na frente e recomendando-lhe cautela ao saltar de um vagão para outro. Não é isso, continuava ele, a gente quando vai fazer uma viagem longa, deve comer somente uns frios ligeiros...

– O que? perguntou Cesário, julgando ouvir mal.

– Frios! Que haveria de ser? Uma coisa leve, como fiz eu, para estar agora sãozinho da silva...

– Quem? tornou a perguntar Cesário que com o tan-tan... tan-tan... monótono e surdo do trem, no escuro da noite, não conseguia ouvir direito.

– Quem haveria de ser? O degas! Oscar Brandão, seu criado! hi, hi, hi...

Cesário esforçava-se por prestar-lhe atenção, por atordoar-se a falar, a falar fosse o que fosse, apenas para não ficar calado, para que o pensamento não se detivesse em torno da mancha azul, da larga mancha azul, nítida e insistente...

– É aqui neste! Dê um pulo! Cuidado com os freios, não vá atrapalhar-se nas correntes...

E ao ver o outro saltar:

– Isso!

Brandão empurrou a porta do carro-restaurant e foi entrando na frente. Cesário entrou atrás dele.

Sob a iluminação mortiça do gás, dois garçons sem pressa serviam os passageiros numerosos em mesinhas cobertas com toalhas de xadrez; em duas ou três estavam

abancados seminaristas a bebericar café, conversando e fumando com o ar noturno de quem empurra horas longas e lentas... Mal haviam aparecido à porta, um colega fez-lhes sinal para que se aproximassem.

- Você quer ficar por aqui ou vamos para as mesas deles? disse Brandão, solícito. Sentaram-se junto dos colegas.

Vitor, ao lado de quem Cesário tomara lugar, acolheu-os com um “bravos!” E depois, passando a mão para as costas de sua cadeira:

- Mas então, onde se meteu você que ainda o vi nesta viagem, Cesário?

- Por aí, Vitor...

- Mas você *também* vai tomar café, Cesário? interrompeu-os Brandão.

- É claro...

- Porque esse *também*, Brandão? perguntou Vitor, admirado.

- É que ele não está se sentindo muito bem! esclareceu o outro.

- Enjoou?

- Não tenho nada, Vitor! Brandão quer me fazer doente à força... Não tenho nada!

- Então são saudades de casa! Já sei, são “sôdades” de casa, hein? disse o Delmir que se conservara calado até ali.

Quatro colegas, inclusive o Carlos Alberto, haviam-se levantado das mesas e passavam por eles.

Este deu um tapinha nas costas de Cesário (era um hábito seu, com certos colegas) e, sorrindo-lhe, desapareceu com os três novatos que o seguiam desde a hora do embarque, na estação.

- Que tipo! murmurou Brandão, fechando a cara. Vocês querem tomar outro café? Não? Pois eu quero. Psiu! Psiu!

Mas Delmir, o que falara em saudades, ficou senhor da palavra e contava a sua despedida em casa, as lágrimas da mãe, da irmãzinha menor, e como ele, afinal, fora forte.

- Puxa! que até senti um nó na garganta!

Brandão pôs-se a zombar dele; o outro exaltava-se, defendendo-se, enquanto Vitor, com a superioridade que desfrutava, ou imaginava desfrutar, entre os colegas, pelo prestígio de sua memória, dizia, conciliador:

- Tolice! Isso de sentimento é muito pessoal! Uma vez li em São Bernardo... etc.

E a conversa se dispersava. Com a intromissão dos colegas da mesa vizinha, os assuntos se confundiam.

Um oferecia cigarro ao outro, aquele atirava a fumaça para o alto, que subia em volutas...

Cesário ia ouvindo aquilo tudo, dava a sua opinião de quando em quando, e como não fumava, deixava-se ficar calado, tamborilando maquinalmente com os dedos sobre a mesa.

Entrementes, o trem estava se aproximando de um lugarejo pobre, perdido num descampado. A mancha acinzentada de uma capelinha, solitária sobre uma elevação que ele e Vitor vinham agora observando de longe, cresceu inesperadamente a seus olhos. E ambos tiveram igual ideia.

Foi Cesário porém quem falou:

- É verdade, ainda não rezei o terço, hoje!

- Nem eu, acrescentou o outro.

- Não? Vamos rezá-lo juntos, quer?
- Mas não estamos dispensados? Em viagem, motivo justo...
- Eu vou rezar, não custa nada. Vai?
- Que é que vocês estão combinando? falou o Brandão.
- O terço...
- Ah, já rezei há muito tempo!
- Bom, então vamos, resolveu Cesário.

Deixaram o carro-restaurant. Estavam do lado de fora e Cesário ia saltar, quando a porta do outro vagão se abriu. Inesperadamente, apareceu-lhe diante dos olhos o senhor gordo. Vinha com a mocinha de azul que, abraçada a ele, descansava a cabeça em seu ombro, deixando-se levar, muito pálida.

– É uma maçada! Veja o senhor, disse o homem gordo a Cesário, teimaram em não querer vir em carro-dormitório, agora é isso...

E meteu-se com a filha pelo carro-restaurant a dentro.

Cesário sentou-se em seu lugar; o colega tomou a poltrona do homem gordo e, sem dizerem palavra, começaram a rezar baixo o terço.

Quando terminaram. Vitor confessou-se cansado, com sono (bocejou ligeiramente para mostrar que não mentia) e tornou a seu lugar.

Cesário ficou só, olhando a noite que ia alta, entregue a seus pensamentos. O céu estrelado e profundo, em cuja negrura de quando em quando uma estrela cadente corria rápido, fazia-o devanear. E a trepidação ruidosa do trem, rolando por planícies sem fim, parecia-lhe agora mais forte e mais surda.

O condutor, um homenzinho escondido em grosso capote e óculos escuros, entrou picotando os bilhetes e informava, por entre dentes, a um velhote insone, que saboreava pipocas enchendo a boca às mancheias, que a primeira estação era Barra do Piraí.

Mais além tornavam a fazer-lhe a mesma pergunta, a que resmungava invariavelmente a mesma resposta, passando adiante.

Cesário observava com tédio tudo isto, quando de súbito sentiu no rosto uma lufada fria de vento.

A temperatura mudara bruscamente. Uma neblina forte invadia as janelas abertas. A maioria dos passageiros apressou-se em correr as vidraças.

Ele levantou-se também e fechou a sua – a impressão entretanto ficara...

Aquela atmosfera embaçada das noites (ou manhãs) friorentas agia sempre sobre sua sensibilidade de uma maneira singular.

Não chegava a definir-se, aquela impressão. Apenas uma memória antiga cristalizava fragmentariamente – aqui um vazio, ali uma fixação obscura, de novo a mesma frágil continuidade... – o clímax de um tempo passado. Mas onde? Quando? Não conseguia apreender; aquilo escapava-lhe vago, a própria impressão se diluía... Então um sentimento estranho – incaracterístico demais para chamar-se tristeza ou melancolia – dominava-lhe o espírito. Isto lhe acontecia quase sempre que se isolava, em passeios a lugares ermos, a sítios onde ia pela primeira vez...

Agora, aquilo se repetia ali.

Ficou assim algum tempo, à mercê daquele desgosto, anônimo, daquela adormentada indiferença, até que os últimos reflexos conscientes foram perdendo a

intensidade, empalidecendo, afastando-se para um fundo sombrio e cheio de ruídos iguais, iguais, até não perceber mais nada.

As pálpebras, como duas conchas mecânicas, entregaram-se...

VIII

Eram dez horas da manhã e uma garoa fina peneirava sobre a cidade, quando no outro, o trem entrou resfolegando na Estação do Norte.

Pouco depois, grupos de seminaristas de malas na mão, aspecto cansado, empoeirados, contratavam táxis que os iriam deixar à porta do Seminário.

– Você vai com a gente, Cesário! gritou uma voz.

– Você vai com a gente, está ouvindo, Cesário? Ó Cesário! insistia a mesma pessoa.

Desembarçou-se a custo do aperto dos passageiros que desciam dos carros, e deu com Carlos Alberto, que ele já adivinhara pela voz.

– Está bem. Mas não faça tanto escândalo, Carlos Alberto! Quem são os outros?

– Um é Josias, arranji também Deusdedit, mas ainda se pode convidar um outro... São cinco lugares!

E voltando-se todo nervoso para o colega:

– Depressa, Cesário, que o homenzinho está lá à espera com o pessoal... Dê-me sua mala!

Nesse momento João de Deus passou por eles com o seu passo miudinho, muito afobado, muito vermelho:

– Oh, que cabeça de vento! Valha-me Nossa Senhora! Esqueci...

– Quer ir com a gente? gritou-lhe Carlos Alberto, tentando detê-lo pelo braço.

– Vou, vou! Me esperem então! Esqueci meu bonezinho de viagem no trem... Me espere! e sumiu-se pelos vagões.

Não demorou em aparecer. Os quatro já estavam acomodados e o carro partiu.

– Até que enfim, eis-nos chegados a São Paulo! Puxa, que esta viagem até me pareceu mais demorada do que a do ano passado! entrou a falar Josias, um seminarista já no último ano do curso, mas cuja recepção de “ordens” o arcebispo vinha protelando por qualquer motivo que ninguém tirava a limpo. As palavras dele ficaram sem resposta. Estavam todos tão cansados daquela noite em claro, que cada um se deixava afundar em seu lugar.

– Que nada! disse depois de muito tempo Carlos Alberto. Levou as mesmas horas! É sempre assim... Para o ano você terá a mesma impressão!

– Para o ano ele já não está mais aqui...

murmurou João de Deus, o do bonezinho, um minorista sempre muito exato e minucioso em tudo.

– Será que já tem muita gente no Seminário a estas horas? arriscou Deusdedit, como se não se estivesse dirigindo a ninguém. É capaz de os cariocas serem os primeiros a chegar! acrescentou.

A voz de Josias fez-se ouvir de novo:

– Eu, se fosse paulista, só aparecia no Seminário quando faltassem quinze minutos para terminar a hora da entrada!

– Isso se você morasse na capital... Se morasse em Ribeirão Preto, ou Santos, como o Andrade... observou de novo João de Deus.

Josias viajava ao lado do chofer. Voltou-se para trás, para o colega que acabara de falar:

– Você está aí, João de Deus?

Houve um riso frouxo, que não se comunicou.

Mas Josias para Cesário:

– Então Mario e Gabriel ficaram-se, hein, poeta?

– É verdade, Josias, murmurou Cesário, que viera até ali observando em silêncio as frases dos colegas.

E aquela lembrança trazia-lhe agora à memória os amigos, Tilda, a mãe, e, sem ele esperar a mancha azul recortou-se irrequieta e viva na sua imaginação...

O carro avançava rápido, disparando pela estrada asfaltada e deserta, às margens do Tamanduateí, enquanto um ou outro dirigia perguntas sem importância ao chofer. Ao lado deste, Josias empenhava-se em saber quantos quilômetros por hora fazia aquele carro, se estava adaptado para álcool, e quanto poderia custar à vista e a prazo um automóvel marca tal, modelo tal...

O chofer, um homem muito corado, de olhos miúdos e farto bigode, parecia sobremodo honrado com as perguntas que lhe eram dirigidas e, sem desviar a atenção do volante, dava as informações numa linguagem arrevesada de calabrês.

– Já estou avistando daqui o Seminário, não acreditam? falou pouco depois Carlos Alberto.

– Impossível! retrucou João de Deus.

– Impossível? Pois então olhe lá, olhem lá! e pôs-se a apontar para longe.

De fato. O carro corria e cada vez se distinguia melhor a grande massa alvacenta dos pavilhões entre o verde da paisagem em torno.

Sentado ao lado de Deusdedit, na parte de trás, Cesário continuava ouvindo, sem interesse, o bate-boca dos colegas truncado pelas palavras que o vento levava.

E, com indiferença, contemplava a água barrenta e histórica do Tamanduateí, pensando:

“É ali o Seminário. É ali que eu tenho que passar um novo ano, quatro anos ainda... Quatro anos! 1931... 32... 33... 34... 1934! Chegarei lá? Quanta coisa pode acontecer durante esse tempo, quanta coisa!”

O carro dobrou veloz o monumento do Ipiranga.

Agora se distinguiam perfeitamente os detalhes do edifício; as janelas verdes, numerosas, com pessoas em algumas delas e, ao fundo, contra o céu de chumbo, o renque alto dos eucaliptos...

– Estou vendo daqui cônego Pedro na primeira, segunda, quinta janela à esquerda! disse João de Deus. Olhem lá!

– Na quinta? perguntou ingenuamente Josias. Os pegaram a rir.

– Ele é quem está esperando o João de Deus para tomar-lhe aquela tese de Moral do ano passado! disse Deusdedit. E pôs-se a imitar a fala cansada do velho cônego professor: Audiamus igitur dominum Joannem...

– Desse estou eu livre! respondeu João de Deus. Não sabe que o professor de Moral este ano vai ser Cônego Melo?

– Será? É boato! falaram dois ou três ao mesmo tempo.

– Boato? Pois vocês vão ver! comentou João de Deus.

– Prefiro cônego Pedro! disse Cesário, que se surpreendera com a notícia. Será certo isso? Vai ver que não passa mesmo de boato!

– Está com medo de Cônego Melo em Moral, hein Cesário! gracejou Carlos Alberto.

Cesário sorriu.

– Dizem que ele é profundo em Moral! Mais profundo mesmo do que Padre Tobias em Filosofia, continuou Carlos Alberto.

– Não sei de onde Padre Tobias tira tanta fama de profundo em Filosofia! Alguém já lhe viu alguma aula ou qualquer trabalho sobre Filosofia? Eu estou ainda para saber! secundou Josias.

Cesário endireitou-se em seu lugar, disposto a tomar a defesa de Padre.

– Oh, Josias, falou Deusdedit, não se esqueça das conferências dele no ano passado sobre Ação Católica. Os temas de que ele tratou foram vistos de um ponto de vista filosófico, você não acha, Cesário?

– Depois, os conhecimentos de Padre Tobias em Filosofia não são de ordem didática, respondeu Cesário com impaciência. Vocês parecem que pensam que Filosofia é essa matéria aborrecida que a gente estudou durante dois anos...

– Não, meus senhores. Filosofia é o institucionismo de Bergson e esse tal de Proust de quem nos enche os ouvidos o Cesário, estão ouvindo? disse com sarcasmo Josias, que vira sempre com certa prevenção a amizade de Cesário com Padre Tobias. Tomem nota disso! Aquilo é que é Filosofia!

“Institucionismo de Bergson”, murmurou, com um sorriso irônico, Cesário. Mas conservou-se calado. Como responder-lhe, como dar-lhe atenção, se dentro de si, à medida que o carro se aproximava do Seminário, crescia aquela angustiosa sensação de isolamento?

Os dias iguais, uns atrás dos outros, as semanas iguais aos dias, os meses iguais às semanas, o encerramento, afinal, do ano letivo, com a proclamação solene do resultado dos exames... como era odioso ficar de pé, sob o olhar em peso da comunidade, quando pronunciavam o nome da pessoa, para a leitura das notas! Depois, o aperto de mão de Monsenhor reitor, as palmas invariáveis dos colegas... Tudo isto perpassava em sua memória em imagens confusas e rápidas, misturando-se a impressões do momento, para se fundir num único sentimento – o desamparo, o terrível desamparo interior.

Olhava o edifício do Seminário... Como aquelas paredes brancas envolvidas na atmosfera cor de chumbo da manhã, lhe pareciam rebarbativas!

Era também assim, pensava, que ele se sentia interiormente: uma paisagem fria, coberta de cactus, com uma espessa neblina a pesar desoladamente sobre as pedras, sobre o seu desânimo.

Estava ali, de volta. Era a realidade brutal, a realidade. E pensar que nos anos anteriores não voltara assim...

Mas não tinha ânimo para ir mais longe, para reagir. A lembrança dos propósitos que se fizera passava-lhe pela cabeça como uma coisa remota, indiferente, alheia a si próprio.

Sentia-se intelectualmente embrutecido, espesso, incapaz de projetar projetar luz sobre o próprio abatimento. Abandonava-se com indiferença a ele. Deixava-se levar. Sim,

que os acontecimentos o arrastassem para onde quisessem, tudo lhe era indiferente! que o arrastassem... Mas no fundo, que vontade terrível de chorar.

O carro transpôs buzinando um largo portão de ferro.

No alto estava escrito:

SEMINÁRIO MAIOR DE NOSSA
SENHORA DA CONCEIÇÃO.

IX

Desde cedo, já se encontrava um bom número de rapazes no Seminário.

Uns andavam à toa pela casa, festejando os recém-chegados com exclamações, abraços: este a pedir notícias ou dando-às, aquele, mais prático, atarefado na conquista de um bom cubículo.

Os curiosos – eram sempre os mesmos – estavam a postos na escadaria principal, assistindo à chegada dos colegas.

– Eh, gente, os cariocas estão aí!

Chegavam outros carros; os seminaristas desciam com alvoroço, havia estrépito de palmas.

– Mas que caras amarrotadas! Parece que passaram uma semana em claro!

Começavam os abraços e as trocas de impressões.

Dizia um rapaz muito branco, sadio, cheio de gestos:

– Puxa, pensei que estas férias não terminassem mais...

– Deixe disso, Alexandre! respondia-lhe Deusdedit.

– É para não dizer o contrário! ajuntava outro. Mas esses cariocas, hein, sempre com as malinhas fatais! Hi, hi, hi...

Um seminarista de cara espantadiça e esperta reunia em torno de si um pequeno grupo:

– Pois é, deixou a batina! Uma “raposa” comeu-o durante as férias. Lá se foi o Mariano...

Boato! disse uma voz.

– Boato? Pois vão ver! exaltava-se o Andrade, tornando-se objeto de atenção geral.

Era um rapaz miúdo, segundo ano de Teologia e minorista, popular entre os colegas por estar sempre a par, ninguém sabia de que jeito, das últimas novidades, tanto internas quanto externas.

la haver mudança de um professor do curso? O senhor arcebispo estava escrevendo uma nova carta pastoral? Morreria um bispo no Rio Grande do Sul ou no Ceará? – o Andrade era o primeiro a saber e a espalhar a notícia com detalhes.

– É verdade que Cônego Pedro vai deixar este ano a cadeira de Moral? indagou-lhe João de Deus.

– Vai deixar, não, já deixou! esclareceu o arguto rapaz, muito sério. É cônego Melo o professor de Moral este ano.

– Ô gente, vamos logo cumprimentar Monsenhor Reitor! lembrou Carlos Alberto.

– Não está! informou alguém.

– Só vem à tarde! ajuntou outra voz.

– Mas está aí Monsenhor Henrique! esclareceu Andrade. É ele quem está recebendo.

– Então vamos ao quarto dele! propuseram alguns, subindo a escadaria.

O primeiro entusiasmo esmorecia; as conversas iam tomando novos rumos, formava-se um ou outro grupo, enquanto a maior parte se apressava em entrar para tomar posse dos cubículos.

Cesário achou insuportável todo este alvoroço e, apanhando a maleta, procurou furtar-se a novos encontros.

Mas em vez de cortar caminho pelo pátio, como estava fazendo a maioria, tomou pela galeria interna.

Não havia dado ainda uns vinte passos, quando reparou um vulto à distância, vindo em sentido contrário.

Talvez fosse algum colega, pensou. Não, não era. E olhando melhor: Padre espiritual, bolas! Nem de propósito! Já o viria? Se dobrasse no primeiro corredor? Era ele, lá vinha com o breviário debaixo do braço... Com certeza saíra da capela. Agora não havia outro remédio, tinha que falar com ele, refletiu, diminuindo instintivamente o passo.

Monsenhor Henrique era um homem de estatura pequena, calvo, muito pálido, que se movimentava com a cabeça baixa, num passe lento e miúdo, quase sempre a rezar o seu breviário, que não abandonava nunca. Falava pouco e ninguém o via rindo: era grave, silencioso, e de uma secura no trato que punha qualquer pessoa à distância. Na intimidade notava-se o seu esforço em fazer-se comunicativo: mas a primeira impressão prevalecia e todos lhe tinham um imenso respeito.

No Seminário, alunos e professores faziam grandes elogios às suas virtudes: comentava-se até que Monsenhor usava cilício. Tinha quarenta anos de sacerdócio, quase setenta de idade; fora professor de latim do arcebispo e, dizia-se, renunciara duas vezes o episcopado.

– Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

– Para sempre seja louvado! respondeu o seminarista, fazendo uma pequena vênica e inclinando-se para beijar-lhe a mão.

– Deus o abençoe! Então, passou bem as suas férias, meu filho?

– Mais ou menos, Monsenhor.

– Mais ou menos? Como assim? Porque não foi bem, meu filho?

Cesário tornou-se vermelho e titubeou:

– Sim, Monsenhor, bem...

O padre pousou os olhos demoradamente sobre ele:

– Tem um aspecto abatido, está mais magro... Esteve doente?

– Não, Monsenhor, estive bem.

– Ah, então é da viagem... Antes assim!

– É, deve ser da viagem, Monsenhor... repetiu Cesário, agarrando-se àquela ideia como a uma tábua de salvação. Muitas horas, o senhor sabe, para quem está habituado a uma vida regular... qualquer modificação é logo penosa.

– Realmente, muitas horas... murmurou o padre.

– O senhor passou bem as férias? não é, Monsenhor?

– Como Nosso Senhor é servido, meu filho. Ultimamente têm-me voltado as crises do fígado... não passo lá muito bem. Mas antes que me esqueça, muito obrigado pelo seu telegrama no aniversário de minha ordenação.

Monsenhor fez um movimento de quem se ia afastar.

Cesário inclinou-se para beijar-lhe de novo a mão.

– O senhor vai começar a Teologia este ano, não?

E à resposta afirmativa do seminarista:

– Muito bem! Faça com muito amor o seu curso, ouviu? A Teologia é a ciência por excelência do sacerdote, aproxime-se dela com muito amor... Deus o abençoe!

Separaram-se. Cesário entrou no corredor com um peso no coração. Que conceito Monsenhor faria realmente dele? pensava. Também para que fora passar pela galeria? Procurava simplificar as coisas, e, no final, complicava tudo com as suas singularidades... Se tivesse atravessado o pátio não se teria dado aquele encontro. Monsenhor compreenderia, ao certo, o gênero de suas leituras? Que pensaria se soubesse que ele dera para ler romances? Mas era evidente que os superiores e colegas só podiam imaginá-lo às voltas com essa espécie de literatura... E se soubessem (a esta altura ele próprio não pode deixar de sorrir) e se soubessem que fazia poemas também? Porque não seria como os *outros*? Porque não se parecia com a maior parte dos colegas – que estudava bem as suas lições, rezava quando devia rezar, e se divertia nas horas de recreio, com simplicidade, com alegria? Porque, meu Deus? Porque, ao lado da vida comum do Seminário, precisara sempre criar um interesse maior? Ou aquilo só vinha acontecendo ultimamente?

Não sabia. Não queria saber. Sentia que estava tocando em alguma coisa muito grave, e procurou não se deter naquele pensamento. A observação porém, que o encontro com Monsenhor Henrique cristalizava de repente, e pela primeira vez, em seu espírito, continuou a persegui-lo:

Porque ao lado da vida comum do Seminário, precisara sempre criar um interesse maior?

Havia um grande ajuntamento de recém-chegados no cubículo do *deão*.

E “Padre” Angelo (tratavam assim aos alunos, sub-diáconos e diáconos, no último ano do curso) desdobrava-se em atividade.

Alguns seminaristas estavam descontentes com a distribuição dos cubículos e reclamavam.

“Padre” Angelo explicava com paciência, as razões por que agira desta ou daquela maneira; lembrava a um o hábito de não parar no cubículo e, daí, o motivo de querer tê-lo a seu lado; a outro, as conversas pela janela com o vizinho, etc.

Mas como havia concedido a troca a um deles, os descontentes apoiavam-se nisso e insistiam.

Ele acabou zangando-se, pôs todos para fora, fechou a porta e, pregando no corredor a relação de nomes com os respectivos cubículos, falava:

– Os senhores já começam o ano muito mal. Não pensem que este ano vão encontrar o mesmo “Padre” Angelo do ano passado; estão muito enganados! Este ano vão me conhecer! Não se pode ser amigo dos senhores, parecem crianças! Tolero tudo, menos o abuso... – e saiu mal humorado, pisando forte pelo corredor.

Foi nesse momento que Cesário se aproximou.

O ajuntamento ia-se desfazendo; só dois seminaristas haviam ficado diante da lista à parede. A ordem alfabética facilitava o encontro dos nomes. Estava lá: Cesário Valverde, segundo andar, cubículo 9. Apanhou a maleta que pousara no chão e, seguindo até o fundo do corredor, ganhou rapidamente a escada.

Depois de tantas impressões, sentia agora uma necessidade urgente, imperiosa, de estar só, de recolher-se em si, de não ver ninguém, de não ouvir nada, de não ser o seu apreensivo coração.

– Felizardo, hein, pegou um dos melhores cubículos!

– Olá, Amintas! Cumprimentou-o Cesário, sem se deter e com certo espanto.

“Ué! este camarada está de volta ao Seminário?” pensou ele. “Confiou-me no fim do ano passado, quando o sr. arcebispo o deixou sem tonsura, que não voltaria...”

– Depois quero falar com você, está ouvindo, Cesário? disse Amintas, descendo aos pulos a escada. Quero ver se ainda almoço hoje em casa! Só volto à tarde, seu bobo!

O cubículo número 9 ficava à direita – o último no extremo do corredor. Ao contrário dos outros, tinha duas janelas: uma para a banda dos eucaliptos, outra para o pátio.

Eram as pequenas vantagens que os colegas disputavam com “Padre” Angelo.

Quando se viu em seu cubículo, longe do bulício atordoante da viagem, dos colegas, atirou-se na cama por arrumar, numa apatia invencível, e ficou assim algum tempo, esforçando-se por fazer calar, dentro de si, aquele tumulto de emoções que brotavam agora do fundo de seu espírito como uma vegetação mágica.

Pelas janelas entrava o ar sujo de cinza da manhã e seus olhos viam involuntariamente a extremidade cônica dos eucaliptos com os brotos novos, de um verde frágil, balançando de leve à distância.

Ja aos poucos se sentindo mais calmo e aquelas impressões exteriores distraíam-no de sua inquietação.

Observava como era constante, rítmico, o movimento dos galhos a cada vez que a viração soprava; acompanhava aquele vai-e-vem lento, lento e ficava esperando, distraído, que eles atingissem a distância da vez anterior.

Atingiam, e voltavam de novo. Assim uma vez, duas, muitas vezes.

A imaginação divagava... Devia ser aquela, pensava ele, a geometria do ritmo, o segredo da música. Da música... E a seus ouvidos chegava também a melodia distante de um harmônio.

Era algum colega, apaixonado da música, que aproveitava o tempo e estaria no coro da capela a exercitar-se.

Pelo ritmo, adivinhava a letra. Tocavam o *Tantum ergo* das grandes solenidades.

Mas a execução era perfeita, ininterrupta. Não poderia ser qualquer um! Talvez fosse o Alfredo, só ele, ou então Padre Tobias... Era ele! a sua imaginação queria que fosse Padre Tobias... O *Tantum ergo* continuava. Agora ele tinha a impressão de que os sons estavam mais perto, que se haviam aproximado.

A música! Estava naquele momento a compreender claramente o alcance do conselho de Padre Tobias no ano anterior: “volte-se para a música, meu amigo, volte-se para ela!” Realmente, era de música que precisava para seu espírito, para a aspereza de sua inóspita paisagem interior, sentia-o agora!

“Como a música me dá a impressão do vago, do indefinível de meus tumultos emocionais! Nesta hora em que me sinto tão longe de todos e de tudo, e tão perto de mim! que apaziguamento sem nome, abandonar-me à sua misteriosa influência, que doçura de êxtase!”

Insensivelmente pôs-se a trautear em surdina a harmonia que chegava até ele.

E sob aquele amolecimento de todas as energias deixou-se ficar – esquecido e parado – num distante desejo de estar assim in-de-fi-ni-da-men-te.

O bruhaha das vozes de alguns colegas, no pátio, veio porém, arrancá-lo bruscamente deste devaneio.

Estremeceu, esboçando um leve sorriso. Era uma alusão àqueles momentos, pensou, em que muitas vezes o surpreendiam, que os colegas o chamavam de “poeta”, de “sonhador”... Sonhador, ele! Porque?

“Quem mais do que eu, com minhas preocupações e minhas lutas espirituais, meus desânimos e meus súbitos entusiasmos, – quem viverá, mais do que eu, dentro da vida real? O tempo místico... A realidade... Que será a realidade?”

Seus pensamentos iam-no arrastando de novo para o estado de espírito em que se sentira ao entrar no cubículo.

“Como ultimamente a religião me tem parecido triste!” pensou “Aonde me levará, no futuro, este sentimento? Porque será que a vida de comunidade, os estudos, o conhecimento de minha vocação, tudo isso enfim, que constitui o Seminário, já não me entusiasma, ou mais exato, já não me enche como em outros tempos o coração? Não tenho que justificar cada coisa, e não é afinal com violência sobre mim mesmo que as acabo aceitando? Que as acabo aceitando... Mas interiormente, será que interiormente a minha natureza as está aceitando? É horrível a consciência disto!”

Por uns instantes, deixou-se prender com o olhar perdido para fora, pensativo e ausente.

De súbito, como se aquilo estivesse há muito elaborado em sua consciência, apenas vigiando o momento propício à revelação, dominou-o uma volúpia de invadir terrenos em que nunca tivera coragem de pisar, de abrir velhas janelas fechadas, de se dizer coisas que, com um imenso receio, procurava sempre evitar.

“É inútil – segredava-lhe aquela coisa, desenvolvendo-se dentro dele como uma verdade independente – é inútil fugires à tua realidade profunda e viva, atordoando-te exteriormente! Procuras esquecer? Esquecer! Mas não vês que os motivos estão dentro de ti, vivos como brasas, e vão contigo em toda parte? Ainda confias em palavras, ainda te iludes com a eficácia da ação, quando aquelas, vê bem se não é assim, as mais das vezes não te satisfazem e esta é apenas uma dissociação de ti próprio! Sê sincero contigo mesmo; dize-me: que é a tua libertação nos instantes de apaziguamento, depois de uma confissão, durante uma leitura ou uma prece, que é a tua libertação nesses momentos, senão um ilusório adormecimento dessa outra realidade? Repara como essa onda furiosa de motivos que reprimes dentro de ti fica num meio silêncio, sob uma tênue camada sem consciência, para irromper depois, independente da tua vontade, inesperadamente e tão lúcida, que só te resta reconhecê-los como teus e aceitar a própria humilhação. Oh, essa desabitada tristeza que não é perspectiva de nada, de nada, tu não o ignoras, mas a que és coagido a ceder... Para que? Para te desembaraçares dela? De início, tu assim o acreditas... E sabes porquê? Porque queres, porque precisas iludir-te. Mas no íntimo bem sabes que é apenas uma trégua. Pois não ignoras que dentro deste momento em que *agora* te moves e que instintivamente forças por prolongar, já se estão elaborando os novos motivos que *depois* – tu sabes muito bem o que quer dizer este *depois*! – te atirarão, sem conseguir sustar o seu ímpeto, nessas bruscas depressões na aparência inexplicáveis! Porque? Porque? indagas tu – tu que ainda há pouco, te sentias uma alegria quase ridícula? Mas não respondes, ficas sempre em meio do caminho. É o teu mal, é o teu maior mal. Perdes-te em observações e teorias... Oh, como és ridículo! Lembra-te: É estranho como o nosso corpo reage e quer reagir sempre! Deitamo-nos trágicos e despertamos líricos. Que capacidade de renovação, que singular energia a do nosso corpo! É ele, não há dúvida, que vale pela nossa unidade... etc.

Ou então, se é muito grande o teu abatimento, descambas para a literatura:

Oh, a paisagem exterior!
Se ela pudesse mergulhar bem fundo
na agitação da paisagem interior,
para esquecer, para esquecer...

Como se isso fosse uma solução! “Afinal, sou uma alma que se procura” consolas-te tu, em outros momentos. Como és fácil de contentar! Como te sabes iludir! Porque receias seres tu, não seres senão tu próprio, uma vez que mais nada te convence? Porque não te encaras frente a frente, porque, confessando-te aos outros, nunca te confessas a ti próprio? Tens medo das consequências? Mas se tens motivos para te revoltar e não o fazes – não sentes que és covarde e não te odeias?”

Cesário ergueu-se de um salto da cama. “Que significa isto, meu Deus? Que estava pensando eu? De onde me vieram estas ideias? Os *outros* também pensarão assim? Os *outros* também agirão desta dolorosa maneira os mesmos problemas? Mas que problemas?”

Tinha a sensação de que se afogava. Retirou a *voltinha*, desabotoou a batina no peito e aproximou-se da janela, aspirando profundamente o ar fresco da manhã suja de cinza.

“Mas que cinza terrível! Será que eu adormeci e sonhei? Não, não estava sonhando; lembro-me de que, enquanto se passou *aquilo*, eu conservava uma consciência longínqua de *realidade*...”

E passando a mão pelos cabelos revoltos:

“Não quero me lembrar do que se passou! Nunca hei de recordar este momento! Não pensarei mais nisso. Vou tomar um banho, talvez a água fria me ponha num estado de espírito mais lúcido, eu estava sonhando, não é possível, eu estava sonhando!”

Abriu a maleta que havia, ao entrar, colocado sobre a mesa, e, tirando uma toalha, dirigiu-se para o andar térreo.

XI

Nos corredores internos havia pequenos quadros, compridos e estreitos, com letras negras:

SERVIR AO SENHOR É REINAR.

ou,

DEUS VIDET COR TUUM ET JUDICABIT TE.

Cesário entrava no cubículo, de volta dos banheiros, e seus olhos se detiveram um rápido instante neste último dístico. Abriu a porta, entrou, mas a frase ficou-lhe a bailar na cabeça: Deus vê teu coração e te julgará! Deus vê...

Como aquelas palavras, tão familiares a seus olhos (de tanto as ver já nem atentava em seu sentido...) lhe pareciam entretanto, agora, como se fosse pela primeira vez que as via! O fato de as haverem colocado ali, perto de seu cubículo, ou melhor, o fato de seu cubículo, neste ano, ser perto de um quadro daqueles, evidentemente não significava nada. Aquelas palavras tanto poderiam ter sido colocadas naquela, como em outra qualquer parede. No entanto, estavam ali... E esta coincidência parecia-lhe, naquele momento, esconder um alto sentido, dava-lhe a impressão de uma obscura advertência dirigida a ele, a ele particularmente.

A água fria tirara-o do amolecimento físico em que se encontrava ao chegar e o espírito movia-se num novo plano de ideias e sentimentos.

Sentia-se outro.

E este novo Cesário, que ressurgia, estava a censurar-se por se ter entregue aos pensamentos de ainda há pouco.

"Quanto exagero! monologava ele. "Quanta tolice! Então o espírito, a verdade, Deus, – Deus! não estarão acima das miseráveis contingências humanas, acima do nosso ridículo nervosismo? Terá a tal ponto arrefecido a minha fé, para nesses momentos eu não senti-lo, eu não me agarrar a Ele como a única tábua de salvação? É singular, isto! Mas não, no fundo eu creio. eu quero crer em Deus, e hei de amá-lo sempre, acima de tudo, ainda que contra todos e contra mim próprio, se preciso for! Isto é uma crise passageira e sem maiores consequências... É muito bom, sairei dela, se Deus quiser, mais forte e mais experiente. Sim, sairei..."

Acabou de aprontar-se, abriu a mala grande que o empregado lhe arrastara para o cubículo e, abrindo-a, deixou-se ficar muito tempo a arrumar os livros de estudo na estante, a pendurar a roupa nos cabides, a dispor, enfim, todas essas pequeninas necessidades da vida cotidiana, com um interesse e um prazer que eram raro nele, quando devia entregar-se a essa tarefa.

"Bom, acabando daqui vou à capela! Quinze dias sem confessar-me, parece incrível, eu que, em outros tempos, me aproximava duas vezes por semana desse Sacramento. Maldita literatura! É ela que eu quero conciliar com a minha vida de

seminarista, que me desvia dos “deveres de estado” e portanto me afasta da minha vocação e de Deus! Felizmente tive a prudência de não trazer os romances, graças a Deus! Mas, como estava pensando: Vou à capela, faço um demorado exame de consciência e hoje à noite, confesso-me!”.

– Cesário! Cesário! gritou alguém debaixo da janela.

Debruçou-se para fora a ver quem o chamava. A pouca distância seminaristas conversavam.

– Que é, Deusdedit?

– Você tem papel de carta, Cesário? Queria escrever para casa...

– Aéreo?

– Não, desse comum...

Jogou pela janela a caixa de papel de cartas que apanhara na estante, e lembrou-se de indagar do colega pelo almoço.

– O almoço, Cesário?

– Sim! Ou não há almoço hoje, com essa lufa-lufa da chegada?

– Você talvez queira dizer o “café”, não?

– Que horas são?

– Uma e pouco... respondeu o outro, pondo-se a rir. Você está no mundo da lua, Cesário! Não demora é tocar para o “café”, isso sim!

E o seminarista afastou-se, agitando no ar a pequena caixa.

Só então Cesário reparou que havia perdido a noção das horas e, deixando sem demora o cubículo, dirigiu-se à capela.

As portas laterais da capela estavam fechadas, as cortinas corridas; na penumbra silenciosa do recinto ouvia-se apenas o crepitar da lâmpada do Santíssimo ardendo. Pela frescura das rosas, grandes e vermelhas, sentia-se que os altares haviam sido arrumados pela manhã. Pairava no ar um agradável cheiro característico do ambiente.

Cesário entrou, genuflectiu reverentemente diante do tabernáculo, e ajoelhando-se em seu lugar, a cabeça apoiada nas mãos, os olhos fechados, esteve largo tempo rezando orações que lhe iam saindo do coração, sem forma e sem lógica, como ele gostava de fazer, nos seus colóquios com Deus, fora das práticas regulamentares e obrigatórias.

Depois apanhou o seu “Livro do Seminaristas” e pôs-se a fazer a preparação remota para a confissão.

Ao terminar, começou ainda a leitura de um capítulo da Imitação, mas antes de chegar ao fim fechou o livro e levantou-se.

Quem o visse sair assim precipitadamente da capela, não poderia deixar de admirar-se.

Tinha um ar estranho e o andar apressado de alguém que, de súbito, se sentisse possuído de um novo sentimento.

De fato. Experimentava agora uma necessidade de contato com todos...

– Olá, Cesário! Ora viva o nosso jovem filósofo tomista! gracejou José, batendo-lhe amigavelmente nas costas, quando ele associou ao grupo uma conversa no pátio. Cesário sorriu para o colega, com uma profunda gratidão sem saber bem porquê, e, abraçando alguns colegas com quem não se havia ainda encontrado, deixou-se ficar entre eles.

Conversavam sobre as férias.

– Você já arrumou suas coisas, Cesário; perguntou-lhe João de Deus, que se assentara na amurada do alpendre.

– Já... Estive até agora no cubículo.

– Eu ainda tenho o meu numa desordem medonha, observou José.

– Porque não vai arrumá-lo logo de uma vez, seu preguiçoso? falou alguém.

– É mesmo! Vou meter mãos à obra, antes que me dê preguiça...

– Mas como é cacete o primeiro dia hein! A gente ainda não se ambientou, tem uma sensação de vazio, não é? observou um seminarista de olhar inteligente e gestos vivos.

– Será que ainda falta muita gente? falou Alexandre, que estivera calado até ali, – Estão me parecendo tão poucos os “teólogos” este ano...

– Nada! Bravos! exclamaram algumas vozes ao mesmo tempo.

Era um grupo de recém-chegados que aparecera.

– Sabem me dizer se o Amintas já chegou, minha gente? indagou um deles.

– Ainda não veio! esclareceu alguém.

– Veio, sim... Mas voltou à cidade de novo.

Houve abraços, cumprimentos, exclamações...

Os recém-chegados foram aos poucos, deixando o pátio, alguns acompanhavam-nos, e apareciam outros seminaristas que cumprimentavam com alvoroço e tomavam seus rumos.

Cesário continuava a ouvir em silêncio os colegas, a interessar-se por aquelas conversas (que noutros momentos, tinha certeza, o entediariam) com um prazer todo particular.

Mais tarde, lembrando-se daquele momento, sentiu que nunca o universo lhe havia parecido tão harmonioso, nem nunca mais, como naquele instante, realizara melhor a significação da verdadeira fraternidade...

Mas o toque do sino se fez ouvir e os poucos seminaristas que se encontravam no pátio entraram em fila para o refeitório. “Padre” Angelo não apareceu. a fila seguiu em desordem e falatórios.

Eram duas e meia da tarde. A chegada de seminaristas não cessava. Azáfama, papéis pelo chão, barulho, objetos para se transportarem encostados nos cantos, um ar de desorganização em toda a casa...

Quando entraram no refeitório, Cesário olhou para a cerca viva, ao lado, de galhos crescidos a invadirem as janelas, aquele *ficus* que havia sido esquecido durante dois meses, mas que dali a dias estaria de novo podado, como o vira durante o ano anterior e, voltando-se para o colega que entrava exclamou como que sem propósito e numa ingênua surpresa:

– Olha esse *ficus*!

– Que é que tem?

– Nada! está crescido... Lembra-me as férias... Podado e certinho parece o ano letivo... Você não tem essa impressão?

O outro abanou a cabeça e sorriu. Aquele Cesário!

À noite, na capela, as palavras de saudação de Monsenhor reitor continuaram este trabalho, que a confissão completaria.

Rezou-se o terço e, antes da bênção solene do Santíssimo, ele se dirigiu aos seminaristas.

Monsenhor Lourenço era uma dessas pessoas, acima de tudo, simples. Simples no trajar (era raro vê-lo com as insígnias de Monsenhor), simples nos gestos e palavras, a sua maneira de ser desconcertava ao primeiro contato: pequeno, magro, sem cerimônia e paternal com todos, indistintamente. Os seminaristas queriam-lhe um bem enorme. Entre o clero – comentava-se – não era muito bem visto. Poucos compreendiam como o arcebispo confiava a direção do educandário mais importante da arquidiocese àquele homenzinho sem físico, que não se salientava pela cultura, nem por outro qualquer dom de êxito social, além de sua imensa bondade.

Era péssimo orador; quando tinha que se dirigir à comunidade, emprestava um ar de conversação ao sermão e ia dando largas ao sentimento sem se importar com os efeitos. Não raro passava de uma ideia geral para um fato particular e vice-versa, sem a menor transição lógica. Mas como os seminaristas o ouviam com prazer!

Estava agora de pé, nos primeiros degraus do altar, voltado para a comunidade.

“Meus queridos seminaristas!

Eis-vos mais uma vez de volta ao Seminário, após um breve descanso que Nosso Senhor vos conceda! Antes de tudo, que todos vós, e cada um em particular, sejais objeto das predileções da Graça, durante o novo ano de trabalhos que ides começar.

Esperais por certo uma palavra de vosso Padre reitor. Mas que vos poderá dizer ele, nesta circunstância, senão essa coisa bem simples, que sempre vos repetiu: confiai nele, que antes de ser o vosso superior, se esforça por ser o vosso amigo... O meu coração de sacerdote (Cesário reparava Monsenhor levar a mão ao peito, num movimento lento) que não ignora o quanto é árdua e difícil a vida em comum, quer lembrar-vos neste momento que está sempre ao vosso lado. Não desanimeis, pois! Oh, como é bela a vida religiosa, quando se sabe tirar proveito dela! Não é o Seminário, na intenção de nossa Santa Madre Igreja, um como Cenáculo, onde agrupados e silenciosos, como outrora os apóstolos, esperam os futuros levitas do Senhor as transformações que o Paráclito há de operar em suas almas? Para aí se retirou ele, tocado pela Graça, e assim segregado do mundo, ora se entrega à oração, ora ao estudo, para um dia, afinal, galgar os degraus do altar e oferecer a Deus pelos homens, seus irmãos, o sacrifício incruento do Calvário.

Ah, meus queridos seminaristas, se meditardes bem na grandeza da vossa vocação, só achareis motivos de viver alegres e contentes no Seminário! Todos os santos, aliás, nos dão essa lição de alegria em Nosso Senhor Jesus Cristo. E seguir o exemplo dos santos – eis a suprema regra de toda a nossa conduta de sacerdotes ou futuros sacerdotes do Senhor! Não nos deixemos nunca abater pelo sofrimento; as tribulações que nos assaltam – jamais perder de vista este sentimento! – entram no plano da Providência Divina, que tudo dispõe, tudo faz para bem de nossas almas. Tudo o que acontece, por alguma razão acontece. Nada é gratuito, a Sabedoria de Deus é infinita.

Só o pecado é triste, meus queridos seminaristas! Fugamos do pecado como quem foge do pior dos males. Lembremo-nos de que nossos membros são o templo vivo do Espírito Santo e não profanemos a sua morada. Não se pode servir ao mesmo tempo a dois senhores – e vós já escolhestes a Nosso Senhor Jesus Cristo! Cumpre pois que a

vossa dádiva seja total e generosa para que um dia ela se torne fecunda em obras vivas. Por conseguinte, aproveitai estes anos de Seminário – estes anos de mocidade e estudo, que um dia recordareis com saudade – aproveitai-os com vivo fervor espiritual. Não vos contenteis nunca com o meio termo, quando se tratar do aproveitamento de vossas almas ou do enriquecimento de vossas inteligências.

Fugir sempre e sempre, em todos os aspectos da vida, a essa terrível pasmaceira do mais-ou-menos, que é o mal de muita gente medíocre.

Tais criaturas parece que não aspiram o alto e, em matéria de vida espiritual, só evitam pecados graves. É a raça terrível, filha da preguiça, embotada numa atmosfera de egoísmo moral... Mas os desgraçados medíocres não são os verdadeiros filhos da Igreja. Oh, não! A Igreja só é uma escola de fracos para aqueles que a conhecem de oitiva. A Igreja é uma escola de sacrifícios, de abdicação heroica do nosso egoísmo, uma crucificação com Cristo, como diz São Paulo.

É por isso, meus queridos seminaristas, que nós precisamos ser homens de muita vida espiritual. As palavras de nada valem, só o exemplo convence! Só quem se venceu a si próprio poderá vencer o mundo! Mais do que em nada, no Apostolado a que vós quereis dedicar – apostolado de combate ao espírito burguês – é preciso muito espírito de fé e de abnegação completa de vós próprios.

Como nos aconselha a Imitação: *in omnibus rebus respice finem*. Sim, em todas as coisas tenhamos sempre em mira o fim a que nos propomos. Aqui, caberia voltar as vistas (Monsenhor juntou as mãos fixando o olhar na imagem de Nossa Senhora! Não precisamos nós de um auxílio poderoso que nos leva até Deus? Que auxílio mais seguro do que Aquela que o próprio Cristo, na sua onisciência, nos deu no Calvário como nossa mãe?

Meus queridos seminaristas, abandonemo-nos em suas mãos puríssimas que ela nos guiará até Deus – termo de toda a vida espiritual. Como consequência lógica, virá o resto, começando pela prática das virtudes mais excelentes em que se sobressai Maria. Ela nos fará santos escondidos e anônimos para que de nós o mundo julgue o que não somos e assim não nos orgulhemos do pouco que em verdade, possamos ser... *Ad Jesum per Mariam* – eis a nossa santa divisa!

Porque assim como uma vez foi mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, ela o é do sacerdote, pois o mistério do sacerdócio é o de uma Incarnação. A graça sacerdotal desce sobre o homem e basta a total entrega de seu coração para que o transfigure. O sacerdócio cristão! Pensar que o homem, miserável e indigno, se transforma realmente num *outro* Cristo! Maravilha das maravilhas, a obra das obras de Deus!

Porque vede como, na consagração da hóstia e do vinho, a personalidade do sacerdócio desaparece inteiramente. Ou melhor, muda-se na do Verbo feito homem. *Hoc est enim corpus meum*... não *corpus meum* do Padre Fulano ou Sicrano, mas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Meus queridos seminaristas, amai acima de tudo a vossa vocação. Amai-a e estudai-a! Porque seja este quem for aqui na terra, na verdade será tanto, quanto for os olhos de Deus.

Deus videt cor, homo autem faciem... Sim, o homem lê o envelope, mas a carta... só Deus”

Monsenhor fez uma pequena pausa, sorrindo. Um leve murmúrio de riso passou pela comunidade.

Continuou:

“E o que importa é a carta, meus queridos seminaristas! Que estas breves palavras, dirigidas pelo vosso reitor neste começo de ano, fiquem em vossos corações servindo de incentivo nas horas difíceis... Deus vos abençoe. Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, amém!”

Todos se levantaram.

Monsenhor genuflectiu gravemente diante do tabernáculo, dirigindo-se à sacristia. Seguiram-no alguns seminaristas que iam acolitar a benção.

Cesário passou a mão nos olhos. Estavam úmidos.

XII

"Que período horrível, meu Deus! É incrível como eu o tenha suportado e até alimentado com o meu pretensioso cerebralismo!" considerava Cesário, recordando dias depois, a última semana em casa, a viagem, a manhã da chegada.

"Aliás nada daquilo importa!" continuava ele, dando de ombros. "As minhas revoltas não foram, afinal, senão intelectuais... Sim, intelectuais. Sinto-me bem; aquilo eram fantasias após um intenso período de leituras. O verdadeiro Cesário existe ainda, está vivo em mim, e é bem diferente! Ou ao menos esforço-me para que o seja... Depois tudo passou. Sim, graças a Deus, tudo passou, tudo!" repetia a si próprio, ao sentir agitarem-se no fundo de seu espírito, e procurando reduzi-los ao silêncio, os últimos reflexos de sua crise.

A verdade era que, desde a confissão à noite, no dia da chegada, vinha comungando todos os dias; assistia com piedade e gosto aos exercícios espirituais, e ia mesmo à capela fazer pequenas visitas ao Santíssimo, nos fins dos recreios. Em resumo, sentia-se possuído do antigo fervor e era com satisfação que o observava renascer em sua alma.

Esta alegria, contudo, não era completa: assombrava-a aquele ponto negro, em que ele próprio evitava tocar – a ausência dos amigos.

"Interessante – observava – esta curta separação serviu-me de experiência... Revelou-me um traço que eu desconhecia de meu caráter; porque não resta dúvida: eu não estou inteiramente feliz por me faltarem *e/es*... Quer dizer, eu sou um indivíduo que, sentimentalmente, depende e precisa dos outros... É curioso, não me sabia assim! Será um mal isto? Bem, seja lá o que for! é o meu feitio..."

E, sem perceber a coerência que havia entre o estado de espírito em que punha a ausência dos amigos e esta lembrança, pensou em ir conversar com Padre Tobias.

Naquele ano ainda não se avistara uma única vez com o padre, e este, ainda que Cesário de nada soubesse, já havia indagado por ele aos colegas, ao vê-lo de volta.

Para Cesário, este padre era a grande admiração sem restrições no Seminário; e a tal ponto que chegava a ser motivo de comentários maliciosos de certos colegas.

Mas Cesário, que não ignorava isto, tomara desde muito, vencendo-se orgulhosamente, uma atitude de superioridade indiferente para com as "murmurações".

Padre Tobias de Almeida era um homem de seus trinta e sete anos, alto, sadio como um desportista, e sempre jovial. Filho de um Estado do Sul, notava-se pelos seus olhos azuis e seu tipo alourado, a ascendência estrangeira.

À primeira vista lembrava apenas um desses belos animais raciados, mas, conversando-o, esquecia-se logo esta impressão, tanto aquela natureza se espiritualizara. Quando ele aparecia nos recreios, o que amiudadas vezes acontecia, os seminaristas faziam logo uma roda animada em torno dele.

– Olhem Padre Tobias! Padre Tobias está aí, pessoal!

Se era nos recreios longos dos dias de sueto, convidavam-no para o voleibol. Ele aceitava sempre. Pedia a alguém para ir buscar-lhe o boné no quarto e era o primeiro a interessar-se pela partida.

Não havia aluno que não o estimasse, ainda que nem todos o compreendessem. E tinha sempre uma palavra de atenção para cada um, uma série de pequeninos fatos curiosos para todos.

Nessas ocasiões, Cesário não tirava os olhos dele; observava-o, uma ternura naquela admiração que só os laços do espírito ligavam.

Não era sem razão que os colegas diziam que ele havia assimilado maneiras de Padre Tobias. E Cesário, ainda que sempre reagisse contra essas observações (e às vezes brutalmente), no íntimo sentia-se lisonjeado. Se assimilava gestos dele, raciocinava, era porque no fundo se parecia com ele. Porém, o que mais o seduzia em Padre Tobias, a par de tudo isto, era a sua “história”.

Tendo-se casado muito moço ainda com uma prima, esta morrera poucos anos depois, deixando-lhe um filho que os avós maternos passaram a criar. Mas a criança não viveu mais que quatro anos; uma vez livre, Padre Tobias, já então com trinta anos e dois livros de poemas publicados, convertera-se. No ano seguinte entrava para o Seminário.

Muito tempo Cesário desconfiara de algum sacrifício sentimental por detrás daquela história, mas tendo-lhe o próprio Padre Tobias contado certa vez, o seu passado, convencera-se do contrário e o amigo conquistara um lugar definitivo em seu coração.

Era o quarto dia após a chegada. Terminara o terço, que se rezava às sete horas; os seminaristas foram aos poucos recolhendo-se aos seus cubículos.

Dispunham agora de quase duas horas, antes de voltar à capela para a oração da noite.

Durante o ano letivo, este estudo era ocupado no preparo da lição de Teologia, para a manhã seguinte, enquanto não começava o retiro, porém, ao qual se seguiriam as aulas, ninguém tinha nada que fazer.

Cesário esteve anotando em seu diário (esta ideia de um diário, nascera-lhe nas férias e ia, com espanto para si próprio, levando-a adiante) os acontecimentos daqueles últimos quatro dias e assim que terminou, deixou o cubículo.

Um bom número de colegas andava àquela hora matando o tempo pelos corredores. Uns enchiam moringas nos filtros, outros passavam objetos para o vizinho ou conversavam em voz baixa pelos cantos...

Quando ouviam um ruído de passos, o corredor tornava-se de súbito deserto. Mas era um colega que havia surgido... E as conversas, o movimento, recomeçavam.

Aliás os encarregados da disciplina, compreendendo que ainda era cedo para exigir a observância do regulamento, à risca, faziam vista grossa sobre o alvoroço dos primeiros dias.

No próprio cubículo do *deão*, um grupo de seminaristas conversava animadamente.

Para descargo de consciência. “Padre” Angelo repetia de quando em quando:

– Bem, hein! Mas vamos saindo... Já está ajuntando gente demais aqui!

Ninguém dava atenção ao aviso. Este mexia-lhe nos livros, aquele pedia emprestado um objeto, outro insistia em perguntar-lhe qualquer coisa que ele deixava sem resposta, alguns conversavam na porta, atravancando a entrada, outros deixavam-se ficar à janela.

Com a vasta cabeleira para trás, a mão metida na faixa, Amintas estava ao fundo, encostado à janela, calado, ar de quem observa.

Quando viu Cesário, que parara olhando aquele ajuntamento, sorriu e fez-lhe um sinal.

– Já sabe?

– Já sabe o que?

– Saída à cidade amanhã.

– É? exclamou Cesário, observando os colegas em torno, como se procurassem neles a confirmação da novidade. Mas já é certo mesmo?

– Se é certo? Certíssimo. Vai ver que você é o único que ainda não sabe...

– Realmente, não sabia de nada. Ouvi uns comentários no refeitório, mas pensei que fosse simples boato.

– Uma turma foi pedir a Monsenhor reitor no recreio do jantar. Se não chover, será amanhã.

– Que bom, hein! Eu precisava mesmo fazer umas compras.

Amintas fez um gesto como quem diz: “Isso de compras”. E observou:

– Esta saída não podia vir em melhor ocasião. Imagine que eu ia pedir a Monsenhor para dar um pulo em casa.

– Mas o tempo está ruim, não? disse Cesário, disse Cesário, debruçando-se para fora.

– Nada, isso de chuva é o menos. Você quer sair comigo?

– Está bem.

– Quer 109

– Quer? Então fica combinado assim: Se a saída for o dia todo, deixamos o Seminário logo depois do café, se for à tarde, logo em seguida ao almoço. No primeiro caso, você irá almoçar lá em casa.

– Combinado.

– Mas esteja pronto na hora, ouviu Cesário? Bom, eu vou indo para o meu cubículo. Você vai ficar aqui?

– Não, aliás ia passando quando você me chamou.

– Ia à capela?

Cesário sentiu-se como que apanhado de surpresa; não queria dizer que se dirigia ao quarto de Padre Tobias, mas também queria evitar de mentir.

Enquanto deixavam o cubículo do “Padre” Angelo, Cesário murmurou qualquer coisa que o outro entendeu como uma confirmação de sua pergunta.

– Também vou com você.

– Onde?

– Você não disse que ia à capela?

– Não. Vou ao quarto de Padre Tobias! disse, diminuindo instintivamente o tom de pronunciar o nome do padre, ao mesmo tempo que procurava justificar-se: – Ainda não estive com ele depois que cheguei das férias, sabe? Anteontem fui lá, mas não o achei; ontem tornei a procurá-lo e nada... Vou ver agora!

– Hum! fez Amintas, deixando escoar um sorriso, pelo canto da boca, que Cesário bem sabia o que queria dizer – aquele sorriso que ele temera quando tentara, pouco antes, ocultar a sua ida ao quarto de Padre Tobias. E para que o colega não insistisse:

– Escute, Amintas, você no dia da chegada disse que queria conversar comigo...

– Pois é! Mas você não aparece nos recreios...

Haviam chegado ao fim do corredor, e a um rumor de passos:

– Acho que é Monsenhor reitor... murmurou Cesário.

Cumprimentaram com uma pequena vênia a Monsenhor reitor, que passou por eles com um sorriso paternal, e cada um tomou seu rumo.

Cesário ia pensando no convite do colega e sentia certo remorso diante da delicadeza do outro.

Pois não restava dúvida de que, tivessem Gabriel ou Mario voltado com ele, o Amintas continuaria a ser um daqueles muitos colegas de quem apenas notava a presença física...

Mas já se encontrava no pavilhão dos professores e estava diante da porta do quarto de Padre Tobias. Não chegou a bater. Quando o ia fazer, Carlos Alberto abriu a porta, saindo.

“Que quererá de Padre Tobias?” pensou Cesário à suposição de uma possível amizade entre ambos.

– Vai se confessar, também? – Perguntou o outro, em voz baixa, fechando a porta com cuidado.

– Não, mas escute: Padre Tobias está aí? indagou meio nervoso e sem saber o que fazer.

– Ora essa! Então eu saio do quarto dele e Padre Tobias não há de estar?

Compreendendo o absurdo da pergunta, Cesário não prestou mais atenção às palavras do colega e deu duas pancadas de leve à porta.

– Pode entrar!

O ruído dos passos de Carlos Alberto foi-se afastando no silêncio noturno do corredor.

XIII

-Dá licença, Padre Tobias!

– Você, Cesário?

O Padre interrompeu o que estava fazendo e, erguendo-se, abraçaram-se.

Beijando-lhe a mão, o seminarista procurou imediatamente justificar-se:

– É a terceira vez que venho cá, sabe, Padre Tobias?

– Ah, eu tenho andado atrasadíssimo lá por fora, Cesário! Mas então, como foi de férias?

– Bem.

– Foi bem mesmo ou isso é maneira de dizer? Cesário sorriu, sem saber no momento que responder.

– De fato, Padre Tobias! Talvez pudessem ter sido melhores... Andei lendo muito – acrescentou num tom rápido, como quem sustém de repente qualquer coisa.

O padre sentara-se de novo e observava-o com um sorriso atencioso.

– É! As férias são para descansar... Mas senta aí, Cesário! Ponha no chão aqueles livros e puxe a cadeira aqui para junto da minha mesa.

O seminarista obedeceu.

– E o senhor, Padre Tobias, como passou as suas? Ah! é verdade: recebi sua carta... (Passou-lhe pela ideia agradecer o que ele havia dito a seu respeito, mas teve pudor de tocar naquilo). Não respondi porque chegou justamente à hora do embarque...

– Está bem, Cesário. Você pergunta por minhas férias. Foram o que eu lhe disse na carta – uma ida ao Sul.

– Mas durante os dois meses?

– Não. Uns vinte dias de fevereiro somente. Dezembro e janeiro andei o sr. arcebispo numa visita pastoral pelo interior de São Paulo.

– Então adeus seus planos de ir passar as férias na Fazenda do Seminário Menor, não é?

– Não foi possível... Por isso é que eu não gosto de fazer planos com antecedência. Comigo fracassam sempre, os mais sem importância... Você vá aproveitando suas férias enquanto é seminarista. ouviu? Vá aproveitando, porque assim que se ordenar...

– Quando o senhor era estudante, que fazia nas férias, Padre Tobias?

– Que fazia, Cesário? Nada; flanava muito, me lembro bem, respondeu o padre sorrindo.

– Mas isso não o aborrecia?

– Naquele tempo nós passávamos os meses de férias numa Fazenda, de maneira que havia uma porção de coisas para encher o tempo... E como eu sempre gostei de esportes, organizava times de voleibol, basquete... Você parece que não se interessa muito por essas coisas, não é?

– Não me atraem, não, Padre Tobias.

– Pois seria bastante útil a você, sabe? A vida interna já é tão parada, tão igual, que se vocês não encherem os recreios com essas distrações, só podem mesmo deixar-se ficar conversando... Você nunca experimentou meter-se nessas partidas?

– Já. Mas sou uma negação.

– Uma negação? Não faz mal! O que importa é o exercício.

– Quem sabe, talvez experimente...

– Gostaria de vê-lo voltado para essas coisas *também*, ouviu? Acho você muito interiorizado, Cesário.

– Mas eu fui sempre assim, Padre Tobias. Será que se pode modificar o temperamento?

– Para que? Não se pode, não adianta, nem é preciso...

– Mas então, Padre Tobias?

– Você pensa que eu estava defendendo a vida ao ar livre como uma solução? Não se equaciona a vida, Cesário. Nós não somos bonecos. Cada um vive a fatalidade do próprio temperamento... Até certo ponto, é claro. Eu queria dizer o seguinte: É preciso um pouco mais de caridade para com nós mesmos, que diacho, o corpo também tem as suas exigências. Aliás (e Padre Tobias sorriu) se não tivermos boa vontade para conosco, quem há-de ter, não concorda comigo? Quanto ao mais, “cada um como o fez o fez”...

– Como, Padre Tobias?

– Não conhece a história do “cada um como o fez o fez”?

– Não, Conte.

– A história em si não tem importância...

– Bom, mas conte, insistiu Cesário.

O padre levantara-se, remexia numa mala de viagem que estava sobre uma estante e ia falando:

– É uma história sem graça. Diz que um dia o diabo se meteu disfarçado em cavalheiro num baile e pegou a tirar damas, a divertir-se. Mas aconteceu que uma criança estava sentada no chão e reparou nos pés chatos dele, pés de pato. Aí falou: “mamãe, olha o pé daquele moço!” A mulher repreendeu o garoto: “Cala a boca, meu filho, cada um como Deus o fez”... Parece que acabaram, não encontro...

– E aí, Padre Tobias?

– Então diz que o diabo, para não pronunciar o nome de Deus, resmungou (e Padre Tobias arremedou o diabo com uma voz grossa e sombria) “cada um como o fez o fez”... Ah, estão aqui!

– Que é, Padre Tobias?

– As minhas cigarrilhas...

Tirou uma e pousou o maço sobre a mesa, pondo-se a acendê-la.

– Tire aí uma para você, Cesário. Ou não fuma? Se fuma é bem tolo fazer cerimônia. Não são más, não... Cesário agradeceu e mudou de conversa.

– Então o senhor pensava que eu ia para o Seminário de Belo Horizonte, hein, Padre Tobias?

– É verdade, Cesário. Como os boatos se espalham...

Cesário levantou-se e examinava pela milésima vez os títulos dos livros de Padre Tobias, nas duas estantes;

– Foi o Andrade quem arranjou isso. O Gabriel escreveu para ele fazendo uma brincadeira e o Andrade já sabe...

– Mario e Gabriel ficaram para a recepção das “ordens” não foi? indagou o padre.

– É, ficaram. Aliás achei Gabriel meio esquisito, sabe, Padre Tobias?

– Esquisito, como?

– Não sei. Falou em possíveis novidades, não me pareceu o mesmo... Meio enigmático.

– Não seria impressão sua?

– Penso que não, Padre Tobias. Que acha o senhor da vocação do Gabriel?

– É difícil dizer, Cesário. A gente se engana tanto! Depois, a vocação nada tem a ver com certas coisas... Não tenho um juízo exato formado sobre o Gabriel. Gosto muito dele! Não resta a menor dúvida de que é uma criatura sensível e inteligente. Talvez mais inteligente que sensível... E o Mário, você já reparou, é exatamente o contrário dele.

– Não havia reparado, mas estou percebendo agora. É isso mesmo Padre Tobias! Nunca vi uma pessoa tão organicamente boa quanto o Mario. Interessante, Padre Tobias: Já observei uma coisa – eu me sinto muito mais amigo de Gabriel que do Mario, por que será?

– Porque será? Afinidades, simpáticas, mil imponderáveis do sentimento. Deixe para lá. Cesário! Que mania tem de você de levar a análise a tudo...

– Então o senhor é contra o conhecimento, Padre Tobias?

– Absolutamente, Cesário. Eu acho é que você coloca demasiado no círculo da razão essas questões, enquanto a verdade, ou melhor, a vida, está para além dela.

– Está bem, Padre Tobias. E por falar em pessoas, o senhor já leu a vida de São Felipe de Neri?

– Já, mas há muito tempo. Acho que foi até no meu último ano de Seminário Maior...

– Lembra-se de alguma coisa?

– Vagamente. Era um santo de gênio folgazão; um dia parece que deu como penitência a uma mulher, que tinha o hábito de falar muito da vida alheia, sair pelas ruas da cidade, espalhando penas e depois voltar recolhendo-as todas, se fosse capaz...

– Justamente, é esse. Eu li no começo destas férias uma pequena biografia sobre ele e achei-o um santo muito curioso, muito humano. Ele aconselhava e praticava uma alegria em Cristo que às vezes parecia meio extravagante, mas que afinal dava certo. E quer saber de uma coisa, Padre Tobias?

– Diga.

– O senhor tem muito de São Felipe de Neri...

– Coitado do santo com um tal sócia! disse ele, pondo-se a rir para disfarçar um certo embaraço.

– É sério, Padre Tobias. O Senhor...

– Vá embora, Cesário! Eu tenho que terminar ainda hoje a redação de um capítulo do novo Estatuto do Seminário, para entregá-lo a Monsenhor reitor. Sabia que se está tratando de um novo Estatuto?

– Já ouvi qualquer coisa, sim.

– Pois bem. Mas apareça ouviu? Acho que você me conhece bem para compreender este pedido, não?

– Ora, Padre Tobias!

– Apareça mesmo! – repetiu ele, enquanto Cesário lhe beijava a mão.

– Fechou a porta e saiu pelo corredor deserto.

Que estranha sensação era aquela? As pernas o levavam rápido e ia cantarolando em voz baixa, muito baixinho, um motivo que se repetia sempre. Lá-ri-lá-lá... Ri-lá-lá-ri...

Onde ouvira aquilo? Não se lembrava, nem queria saber. Sentia-se leve, leve e feliz demais para se deter e pensar. Lá-ri-lá-lá... Ri-lá-lá-ri.

XIV

Na manhã seguinte, a comunidade acabava de responder à ligeira Ave-Maria de antes do café, quando o *deão*, em vez de dar logo “Deo gratias”, como vinha fazendo todos os dias, deixou que todos se sentassem.

Olhares impacientes voltaram-se para ele.

“Padre” Angelo lá estava, de pé, na cabeceira da mesa dos diáconos.

– Ué! Não vai haver “Deo gratias”? murmurou alguém na mesa de Cesário.

– “Padre” Angelo está com uma cara! cochichou outro.

– Mas que está olhando ele com tanta insistência para aquele lado? observou baixo o que falara primeiro.

– Ah! são dois segundanistas discutindo... Olhe o Brandão e o Alfredo... “Padre” Angelo está à espera de que se calem... Hi, hi, hi... ainda não perceberam nada!

– Mas onde, Alexandre? perguntou Viana, esticando o pescoço.

– Na sexta mesa... Eles ainda não perceberam, hi, hi, hi... À direita! Até que enfim!

“Padre” Angelo puxou o pigarro (era um cacoete dele, quando devia dirigir-se à comunidade) e começou pedindo atenção:

– Acho que ninguém ignora que o Monsenhor reitor prometeu uma saída à cidade. Pois bem. Ficou marcada para hoje (ouviu-se um murmúrio de satisfação em todas as mesas do refeitório). Atenção! falou novamente “Padre” Angelo. Monsenhor reitor manda avisar que a saída é livre. Quem quiser pode almoçar no Seminário, contanto que esteja aqui na hora...

A esta altura, Monsenhor reitor, que todos os dias se deixava ficar na capela, dando ação de graças após a missa que celebrava para a comunidade, surgiu à porta do refeitório.

Todos se levantaram.

Tomando seu lugar na mesa dos superiores, ele se apressou em fazer um gesto com a mão, para que os seminaristas se sentassem.

O deão dirigiu-se a ele. inclinou-se para Monsenhor reitor, que estava passando manteiga no pão, e pôs-se a explicar-lhe com gestos qualquer coisa. Depois tornou a seu lugar, sob o olhar dos colegas, que esperavam pelo resultado da situação.

Enquanto isso, os serventes da semana – quatro seminaristas escalados cada sábado pelo deão – chegavam da copa com bules enormes e distribuíam o café pelas mesas.

Monsenhor reitor tocou o tímpano; as cabeças voltaram-se. E com aquela sua voz descansada de nortista:

– Ontem à tarde uma turma de seminaristas veio pedir-me para ir à cidade, pretextando a necessidade de pequenas compras. É natural isso. Sobretudo para os de fora. O que não seria justo é que se permitisse àqueles poucos somente. Por isso resolvi conceder uma saída geral. E para evitar pedidos futuros, terão desta vez o dia inteiro. Agora, pretendo restringir o mais possível, durante o ano letivo, essas saídas. Só mesmo por motivos graves, como ir ao médico, etc. O lugar do seminarista é no Seminário... Portanto, terão hoje o dia todo para ir à cidade. Saiam à hora que bem

entenderem, façam lá as suas compras, visitem os parentes – contanto que estejam aqui às cinco horas em ponto. às Cinco e um minuto (sorriu) só me entrarão no Seminário com uma carta do sr. arcebispo...

Correu um riso discreto pela comunidade. Todos conheciam os métodos de Monsenhor Lourenço; ainda que tivesse suas atitudes severas, quando estas se faziam precisas, no fundo era um bom. Sabia sempre ficar no justo meio termo. Talvez por isso é que tudo corria às mil maravilhas, e desandava quando ele se afastava alguns dias do Seminário.

– Bom, espero que ninguém tenha que dormir na escadaria... E, quanto à conduta lá fora dos meus caros seminaristas, não quero insistir. Aqui ninguém mais é criança! Estou certo de que cada um está perfeitamente compenetrado daquilo que é, e procurará conduzir-se exteriormente tal como o deve ser interiormente. *Benedicamus Domino!*

– A resposta encheu o refeitório:

– *Deo Gratias!*

Começaram as conversas em voz alta.

Os mais sôfregos pretendiam sair logo após o café; alguns achavam mais conveniente depois do almoço. “porque afinal há tempo de sobra – a tarde inteirinha!”; combinavam companhias, encontros a tal hora, um ou outro que não sairia por isto ou aquilo, encomendava miudezas; enfim, naquela manhã a algazarra no refeitório ia além do habitual.

Para Cesário, a notícia da saída também fora motivo de alegria. Mal dera “Deo Gratias”, Amintas pusera-se a falar-lhe da mesa vizinha.

– Viu? Não disse que era o dia todo? Vamos agora, ouviu?

– Agora? Não seria melhor depois do almoço?

– Que depois do almoço, que nada! Saindo daqui, já sabe! apanhar o capote e o chapéu no cubículo e a caminho! disse o outro, fazendo um gesto característico, que sublinhava aquele “a caminho”.

Os seminaristas ergueram-se, o *deão* puxou nova Ave Maria e a fila seguiu com atropelo pelo alpendre.

Naquela manhã, o movimento de seminaristas no pequeno pátio da entrada, lembrava o dia da chegada.

Grupos saíam a cada momento.

Seriam umas oito horas quando Cesário e Amintas deixaram o Seminário.

Um ônibus que passava levou-os para o centro da cidade.

Pela rua já se encontravam batinas, misturadas ao movimento matinal.

Estava frio e a garoa de sempre envolvia as coisas, tirando-lhes a realidade crua e desagradável. Vendedores ambulantes empurravam carriolas, apregoando alto legumes e frutas; carrocinhas de leite tlin – tlin, tlin – tlin... seguiam ao lado do meio fio, movimentadas por homens de grossos sapatões e blusa mescla; pelas calçadas dos bairros, crianças com livros e pastas na mão, caminhando aos grupos, faziam algazarra...

Sentados um ao lado do outro, os dois seminaristas observavam tudo em silêncio. De súbito, Amintas falou:

– Estou doido para chegar em casa!

– Não será cedo? admirou-se Cesário.

– Cedo, nada! Que é que você está pensando? Lá em casa todo mundo é madrugador. A esta hora – devem ser oito e pouco, não? – minha mãe deve estar de volta da missa das seis e meia, com Terezinha... O mano mais velho, Luiz, formou-se o ano passado, casou e não mora mais com a gente... O Raulzinho, esse você conhece, é aquele garoto que vem me visitar...

– Sim, conheço.

– Pois é, levanta-se às cinco horas todos os dias para estudar as lições e ali pelas sete, sai com papai para o Ginásio... De maneira que nós vamos encontrar em casa mamãe e Terezinha...

– Sua irmã, não?

– Quase isso. É uma prima, afilhada de minha mãe, com quem eu fui criado... Somos mesmo que dois irmãos. Muito boazinha. É até carioca, sabe? Chama-se Maria Tereza, mas a gente só a trata de Terezinha... Oh estou deixando passar a casa!

Cesário deu o sinal.

Caminhavam agora pela calçada da rua da Liberdade.

– Nós mudamos de casa nas férias, pegou a falar Amintas. É no outro quarteirão, 515... e tirando o chapéu para uma senhora à janela de um segundo andar, todo tristonho:

– Minha tia, essa senhora! Estamos quase chegando. Aqui! disse, metendo-se de repente pelo portão de uma casa de jardim, enquanto entrava batendo palmas e anunciando-se alto.

Uma senhora de meia idade, vestida de preto, apareceu na varanda;

– Oh, meu filho! Você por aqui hoje? Que alegria! e abraçando o rapaz com efusão, beijou-o várias vezes.

– Minha mãe! disse Amintas, voltando-se para Cesário, assim que se desembaraçou dela.

E foi-se metendo pela casa a dentro;

– Terezinha não está? Terezinha saiu? Terezinha?

– Ela ficou na cidade depois da missa! respondeu-lhe a mãe, que acabara de abraçar Cesário, beijando-o, chamando de “meu filho”.

Iam para a sala, mas Amintas voltou indagando com um interesse, que surpreendeu Cesário.

– E vai demorar, minha mãe?

– Talvez só venha na hora do almoço, meu filho. Foi à casa de uma amiguinha. É até bem possível que almoce por lá, ficou de telefonar...

– Então nós vamos dar uma volta pelo centro e à hora do almoço, apareceremos. Você não acha melhor assim, Cesário?

– Ótimo.

– Não comer alguma coisa? Vocês já tomaram café? perguntou a senhora de preto, voltando-se delicadamente para Cesário.

– Amintas tomou-lhe a dianteira;

– Já minha mãe. Vamos, não é, Cesário? Eu quero ir à casa Santa Clara (era a loja de artigos religiosos) para comprar um terço. Vamos indo! Ah, como vai Marinko, mamãe?

– Está bom. Foi ao mercado. Então venham ao meio dia, ouviram?

– Viremos sim, mamãe, não se preocupe! Vamos, não é, Cesário?

A senhora de preto beijou mais uma vez o filho; Cesário cumprimentou-a, e saíram ambos, a pé, pela rua da Liberdade.

– Que há com você, Amintas? não pode deixar de perguntar Cesário, estranhando no colega o mutismo em que se fechara de repente.

O outro teve um sorriso contrafeito e um gesto de impaciência:

– Nada...

Cesário julgou ter-se equivocado em sua impressão e, para ser agradável ao colega, começou a puxar conversa.

– Você tem jogado muito voleibol estes dias, Amintas?

– Um pouco.

– Ah! é verdade, no dia da chegada você não falou que queria conversar comigo?

– Você não aparece nos recreios. Não sei que diabo se possa ficar fazendo no cubículo!

Cesário resolveu tocar, ele mesmo, no assunto:

– Quer saber de uma coisa, Amintas, ainda não percebi porque você ficou no fim do ano passado sem a tonsura.

– Muito simples, o sr. arcebispo quer me “experimental”, não compreende?

– Mas porque, afinal você...

– Para você ver! O sujeito se porta direito, dá conta de suas obrigações (baixou o tom de voz) modéstia à parte, que diabo! se a gente não reconhecer os próprios méritos não são os outros que vêm a nós reconhecê-los... em suma, a gente se esforça para ser um bom seminarista e, quando acaba, fica-se no “gancho”!

Havia uma irritação no tom com que aquilo fora dito, que não se referia propriamente àquele motivo. Cesário sentiu isto, sem conseguir atinar com a razão e, continuando em sua intenção de ser agradável:

– Talvez em maio você receba, não?

Amintas fez um movimento de ombros e após alguns passos;

– No entanto um sujeito como o Sá, um verdadeiro asno, que no exame final de Dogma nem soube quantas naturezas há em Cristo e acabou dizendo que o Espírito Santo procede somente do Pai, a heresia de Photius, quem não sabe disso?, o “seu” Sá é o que se vê...

– Não tinha ainda ouvido falar nessa história do exame do Sá... Não será história mesmo? murmurou Cesário.

– Que história! Você tem a mania de justificar tudo, Cesário! Eu vi, estava na cadeira de trás, enquanto ele era interrogado por cônego Dionísio. Isto não é nada! E no sermão de maio?

Cesário ficou olhando-o à espera.

– Não se lembra, que ele disse, com aquela eloquência besta, que Nossa Senhora é mais poderosa do que o Divino Filho porque lhe deu o ser?

– Ora, Amintas, isso são entusiasmos do momento... Mas Amintas, com seu hábito de passar de repente de um assunto para outro com um “a propósito” que às vezes nada tinha de coerente, não dera resposta àquilo e falava:

– A propósito, sabe que Monsenhor reitor trás Carlos Alberto de olho?

– É?

– Mas meu Deus, você parece que vive em Martel! com essa maneira de ser, você, não sei não, Cesário... Olho vivo e confiar desconfiando.

– Mas como é que você soube disso, Amintas?

– Bem, isso já é outra coisa. Conta-se o milagre mas não se diz o santo... (e Amintas disfarçou um sorrisinho superior que não passou despercebido a Cesário e chegava mesmo a ofendê-lo porque sabia que significava isto) “Você nem merece ser tomado a sério, uma vez que não pega nada destas coisas...”

– Vamos mais devagar, Amintas! disse Cesário, detendo pelo braço o colega, que andava a largas pernadas.

O outro diminuiu o passo.

Haviam chegado ao Largo da Sé.

– Seria interessante a gente dar uma chegada à Catedral para ver como vão as obras, hein, Amintas?

– Não, vamos agora à casa Santa Clara.

Calados, atravessaram a praça. Ao chegarem à esquina da rua Direita, esbarraram com o Sá, que saía de uma loja.

– Olá! vão a algum lugar?

– Vamos à casa Santa Clara... Eu preciso fazer umas compras. Quer vir com a gente?

– Às dez horas preciso estar na Cúria, não sei se não vai ficar tarde...

– Que nada! É muito cedo. Depois, é um instante! Venha fazer companhia à gente.

Sá acabou rendendo-se à insistência de Amintas.

Com a sua loquacidade cheia de gestos, Sá pôs-se a contar o atropelamento de um velho por um caminhão, que acabara de presenciar minutos antes, na praça.

– Vejam vocês! ia eu chegando na esquina, quando os meus olhos dão de súbito com aquele quadro: o homem sendo apanhado pelas rodas do pesado caminhão. Que espetáculo dramático!

– Você parece que ainda está nervoso... observou Amintas.

– Ah! fiquei lívido. Não era para menos... Uma visão dantesca!

Como houvessem chegado à loja de artigos religiosos, Amintas dirigiu-se ao rapaz do balcão, enquanto Sá ficou a conversar com Cesário a um canto.

– Está aí uma cena admirável, que se pode meter num sermão, hein, Cesário?

– Você gosta um bocado de sermões, não, Sá?

– Ora, mas então... A eloquência sagrada é um instrumento efficientíssimo, Cesário! Já observei que você não dá à oratória o valor que ela tem. É uma injustiça! Se você lesse a obra de um Bossuet, de um Vieira...

– Sabe que eu estou com um receio enorme que me escalem, em maio próximo, para um sermão sobre Nossa Senhora?

– Ora, não há motivo, Cesário! Um grande orador grego, se não me engano Demóstenes...

– Então, vamos? disse Amintas, guardando um pequeno embrulho no bolso e voltando-se com amabilidade para o Sá: Quer vir almoçar em casa?

O outro declinou do convite, lembrando que tinha que ir à Cúria e talvez se demorasse por lá.

Na rua, depois de falar ainda com entusiasmo em Bossuet, Vieira e “outras águias da eloquência sagrada”, Sá despediu-se.

– A gente critica muito o Sá no Seminário, mas afinal de contas ele tem talento para orador, não é, Cesário? disse Amintas com convicção.

Cesário teve um leve sorriso silencioso, que não chegava a ser irônico, e lembrou-se de propor ao colega uma ida à Biblioteca Pública.

Às onze horas estavam no portão do 515.

Do interior da casa ouvia-se uma voz cantarolando tranquilamente uma música de igreja.

– Eis-nos de volta! Terezinha! gritou Amintas, voltando a cabeça para o andar de cima.

– Você, Amintas? respondeu uma voz alegre de mulher.

– Já vamos, meu filho! acrescentou outra voz mais fraca.

Amintas dispunha-se a subir, quando a senhora de preto desceu com uma mocinha muito corada, loquaz e irrequieta.

– Como vai, Amintas? Madrinha já me havia dito que você veio de manhã! dizia ela, enquanto se abraçavam trocando um beijo rápido nas faces.

– Esse é um amigo meu, Cesário...

A mocinha estendeu-lhe a mão.

– Muito prazer! e voltando-se para o primo:

– É aquele seminarista do Rio, de quem você costuma falar, não é ?

Amintas confirmou.

– Em que bairro o senhor mora? Mas sente-se, esteja à vontade! falou ela, com desembaraço.

Cesário encolheu-se timidamente numa poltrona, murmurando o nome do bairro.

Pela sua imaginação passava a imagem remota da mocinha de azul, começava a arrepender-se de ter aceito o convite de Amintas e, sem saber claramente a razão, sentia vontade de sair correndo dali... Tinha a impressão de que o olhavam como uma *avis rara*.

– Ah, em Botafogo? Então somos vizinhos: eu sou da Urca! Como são adoráveis esses bairros à beira mar, não é? Eu adoro o Rio!

– Trouxe uma coisa para você, Terezinha! interrompeu-a à altura, Amintas.

– Que é? voltou-se ela, num movimento gracioso.

– Veja se adivinha!

– Adivinhar é proibido! Mostre logo, ande!

Amintas foi dizer ao ouvido da mãe, que estava sentada na poltrona em frente, o que continha o embrulho.

– É uma coisa que você queria, Terezinha! disse a senhora de preto com um sorriso onde não era difícil notar a satisfação com que contemplava a cena.

– Uma coisa que eu queria? Um terço de madrepérula! disse pondo-se de pé.

– Não!

– Uma piadinha de água benta?

– Também não! Está vendo Cesário, é uma coisa que ela queria e agora não se lembra...

Cesário mexeu-se na poltrona com um sorriso.

– O que é? disse ela, afetando impaciência e consultando Cesário com o olhar.

– Não Cesário, não diga!

Cesário ia dizer que também não sabia o que era, mas num movimento inesperado, a mocinha abraçou-se ao seminarista tomando-lhe o objeto, que ele relutava em entregar. Sentou-se de novo.

– Ah que amorzinho, não é madrinha? Uma imagem de Santa Terezinha! e eu não adivinhar, veja só. Tanto que desejava uma imagem dela!

Levantou-se e foi sentar-se nos braços da poltrona da senhora de preto. Esta examinava agora a imagenzinha enquanto a moça falava, voltada para os dois seminaristas:

– Ainda ontem estive relendo a biografia de Santa Terezinha. Uma vida tão linda, mas tão triste, não acham?

– Então você gostou do presente? perguntou Amintas, aproximando-se.

Nesse momento o criado apareceu à porta da sala, anunciando o almoço.

Entraram todos para a jantar.

Um senhor de cabelos grisalhos, vestindo-se com apuro e de maneiras distintas, apresentou-se sorridente na sala.

Amintas deixou um instante a prima, com quem conversava em voz baixa, e, abraçando o pai, apresentou-lhe Cesário.

– Então os senhores estão hoje de passeio? disse, dirigindo-se cortesmente a Cesário, que Amintas deixara, para dar atenção à prima.

– É, Monsenhor reitor deu-nos o dia todo para compras, respondeu Cesário, esforçando-se por dominar o constrangimento que o perturbava.

Estavam se sentando à mesa, quando um garoto de cara petulante entrou, num alvoroço, atirando o casquete de colegial e os livros sobre o aparador.

– Quero ir à “matinée” hoje, mamãe! Oh. Amintas está aí? Bom dia, seu reverendo, como vai o papa?

– Psiu! Que é isso, Raulzinho ! Você não respeita ao menos o amigo de seu irmão?

O garoto aproximou-se de Cesário, cumprimentando-o com um aperto de mão.

– Sente-se aqui, ande! apressou-se em dizer a senhora de preto. Sente-se aqui ao meu lado!

– Quer dizer que “seu” Amintas hoje tomou o meu lugar, não é isso? disse o garoto, vendo o irmão ao lado da prima.

– Pronto, chegou Dom Magriço, acabou a tranquilidade nesta casa! Veja se ao menos um dia você se porta direito, Raulzinho! falou a mocinha.

O garoto fez-lhe uma careta que provocou o sorriso de todos, inclusive do criado, que entrava com os primeiros pratos.

– Seu malcriado!

O criado começou a servir.

– O sr. é daqui de São Paulo? perguntou a Cesário o pai do colega, curvando-se atenciosamente para ele.

– Não senhor, sou do Rio.

– Ah! bem me pareceu, bem me pareceu que não era paulista...

– Em que ano você está? interrompeu-o Raulzinho.

– Vou fazer o primeiro ano de Teologia. Sou primeiranista.

– Você vai fazer o segundo ano, não é, Amintas? perguntou o garoto.

– É... respondeu-lhe o irmão, que se empenhava em contar qualquer coisa à prima.
– Já estiveram na Catedral depois que chegaram das férias? perguntou-lhe a senhora de preto.

– Ainda não. Mas já falei com o Amintas, vamos hoje à tarde visitá-la.
E voltando-se para o colega.

– Vamos logo mais à Catedral, não é, Amintas?

– Hein? Ah, vamos sim! Mas tem tempo...

– As obras vão bastante adiantadas, continuou a senhora de preto. Internamente está tudo quase pronto. Está ficando muito bonita, muita linda!

– É toda de pedra! disse Raulzinho entusiasmando-se. Outro dia um padre esteve no Ginásio fazendo coleta para as obras. Mister Stephen ficou danado...

– Raulzinho, ninguém está perguntando nada ao senhor. Quer fazer o favor de calar-se, disse-lhe a mãe.

– Então até a ordenação de Amintas a nova Catedral já está pronta, e será lá, hein, Amintas? falou o pai, voltando-se para ele.

Terezinha prorrompeu a rir do que Amintas lhe acabava de contar.

– Que é que o senhor disse, papai?

– Olha esse “flirt” aí, Terezinha! Pensa que eu não estou vendo! Padre não pode casar, hein!

– Você é bobo, Raulzinho! Tenha um pouco mais de educação! disse a mocinha, contendo subitamente o riso. Cesário percebeu que Amintas se fizera vermelho e que o havia examinado num olhar de relance.

E fechando a cara para o irmão:

– Você sempre o mesmo, não é, seu Raulzinho! Do que está precisando bem eu sei...

– O que é? Você é meu pai?

– Cale a boca, Raulzinho, disse o pai, severo. Fez-se um silêncio pesado e incômodo; o criado pôs-se a servir uma maionese.

– Não quero, não quero! Você não sabe que eu não gosto disso, Marinko? murmurou o colegial.

Ninguém dizia palavra; naquele silêncio, o barulho dos talheres e os passos leves do criado entrando e saindo, se destacavam enormemente.

Cesário sentiu-se ainda mais constrangido. Procurava desesperadamente na imaginação qualquer coisa que dizer no momento, mas continuava, como os outros, calado. Aquele ambiente cerimonioso e complicado, tão diferente da sóbria simplicidade de sua casa, deixava-o como um peixe fora d'água.

Foi um alívio para ele quando a mãe do colega falou:

– Então Amintas, já sabe quando vai receber a tonsura?

– Ainda não. Mas é possível que seja em maio.

– Mas as “ordens” não são somente no fim do ano?

– São. Mas podem ser dadas em qualquer época. Em maio, por exemplo, vão receber o presbiterato dois seminaristas que, por questão de idade, não puderam receber em dezembro. O Cid e o Mozart, não é, Cesário?

Cesário confirmou. A mãe do colega voltou-se para ele:

– Interessante, então há idade mínima para as “ordens”?

Amintas pôs-se a explicar, com detalhes, a questão. A atmosfera ia-se dissipando; apenas Raulzinho se deixava ficar em silêncio.

– E para a tonsura? indagou o pai, que seguira com interesse a explicação.

– Para a tonsura não há idade. Basta que o seminarista tenha começado o estudo da Teologia. Cesário, por exemplo, poderá recebê-la daqui a uns dias; basta ter assistido a uma aula de Dogma ou Moral. A tonsura não é “ordem”, não é sacramento, compreende? É apenas um sinal exterior, como a batina...

– Você já fez a conta, Amintas? Você não vai ter idade para se ordenar... disse a mocinha.

– Não, Terezinha.

– Como? perguntou o pai.

– Eu termino o curso, o quarto ano de Teologia, em dezembro... isso daqui a três anos, e faço vinte e dois anos em janeiro do ano seguinte... Sabia disso, Cesário?

– Não. Mas quanto a isso não há dificuldade...

– Ah! não. Basta requerer licença à Santa Sé, é claro.

– Hum! é assim? perguntou o pai.

Amintas esclareceu:

– O próprio prelado, aliás, em caso de necessidade extrema, pode até *supor* essa licença e depois então comunica a Santa Sé. O ano passado o sr. arcebispo fez isso com um seminarista, já diácono, que não tinha idade e, caindo gravemente doente, quis morrer sacerdote. Lembra-se, Cesário, do Fernando Camargo?

O criado servia o café. No relógio oval, à parede, soou uma pancada solitária. Uma hora da tarde. A conversa corria natural. Mas o telefone tocou, e Raulzinho, que se levantou para atendê-lo, disse que chamavam o pai.

Ergueram-se da mesa, e dali a pouco, o pai do colega despedia-se à pressa de Cesário. Raulzinho desaparecera.

– Terezinha, você vai hoje ao Conservatório, minha filha? falou a senhora de preto, enquanto se dirigiam para a sala.

– Madrinha, e se eu não fosse hoje?

– Mas minha filha, você já tem faltado muito estas duas últimas semanas. Assim não. Vá botar o vestido grená, ande!

A moça subiu ao quarto com um gesto de enfado.

– A que horas começa a aula, mamãe? indagou Amintas, que saíra para a varanda com o colega e a senhora de preto.

– Às duas, meu filho! mas enquanto vai e não vai, toma condução... Aliás, não é querendo mandar vocês embora (voltou-se para Cesário) por que não vão agora à Catedral? Podiam até sair com Terezinha, já que fica à caminho.

– É isso mesmo! Vamos! acrescentou Amintas com um ar decidido.

A mocinha não demorou em aparecer e logo saíram os três, sob o olhar maternal da senhora de preto, que ficara à janela.

Na rua, ouviram de repente a voz de Raulzinho atrás deles:

– Psiu! Psiu! Esperem aí!

– Aonde é que você vai, Raulzinho? perguntou-lhe a moça, olhando-o com antipatia.

– Não sabe que eu estou acompanhando “O Cavaleiro Voador” no Alhambra?...

Seguiram os quatro em silêncio. Na Praça da Sé, despediram-se.

E ao Terezinha desaparecer no interior de um ônibus, Amintas dirigiu-se ao colega:

– Vamos voltar para o Seminário?

– Mas tão cedo? A gente não ia à Catedral?

– Fazer o que na Catedral?

E foi Amintas, por fim, quem venceu. Às duas e meia estavam de volta ao Seminário e eram os primeiros a chegar.

“Afinal de contas, para que saí?” pensava Cesário, dirigindo agora a seu cubículo. “Que ganhei com isto? Nada. Não fui senão aborrecer-me de maneira diferente... Não compreendo como há colegas que se interessam – e são a maioria – tão vivamente por estes passeios... Ou será que em tudo isto existe algum segredo que a mim não é dado perceber? É o caso de pensar. Ou não haverá nada, e apenas eles sabem o que eu não sei, e com que teimo em não me conformar: perder o tempo, vivendo simplesmente, sem exigir muito das coisas? É, é isso” concluiu.

Parando no meio do cubículo, sem saber o que fazer, repetiu ainda: “Sim, deve ser isso” e atirou o chapéu sobre a mesa, num gesto desanimado. A seguir estirou-se na cama e pôs-se a contar as tábuas do teto...

E assim havia passado o resto da semana.

Era sábado de manhã. Acabados de chegar do refeitório, os seminaristas haviam-se espalhado pelo pátio.

Começavam a organizar-se jogos; a maior parte deixava-se ficar a conversar, quando Monsenhor reitor apareceu no recreio. Os seminaristas aproximaram-se.

Ele foi abençoando a cada um e quando acabaram os cumprimentos, dirigiu-se à roda que se formara em torno.

– Então, já sabem quem vai pregar o retiro dos senhores?

– Quem é, Monsenhor? apressou-se em indagar Deusdedit, que se pusera a seu lado.

– Quem vocês estão pensando que é? Vamos ver!

– Padre Joaquim!

– Monsenhor Viana!

– Frei Olivério!

Monsenhor sorriu.

– Ninguém acertou. É Padre Hernandez!

– Padre Hernandez?

– Não conhece, Brandão? Disse Monsenhor, voltando-se para ele.

– Não me lembro quem é, Monsenhor...

– É um jesuíta espanhol. Aliás não me foi fácil arranjar pregador este ano. Atualmente a arquidiocese está em grande falta de sacerdotes. Foi preciso que o sr. arcebispo se dirigisse *pessoalmente* ao superior dos Padres Jesuítas. Mas o pregador não podia ser melhor...

– Ótimo, Monsenhor!

– Esse Padre Hernandez é um que fez o ano passado uma conferência na semana de Ação Católica, aqui no Seminário, Monsenhor? perguntou Cesário.

– Não me lembro. O ano passado?

– Ele é baixo e gordo, não é esse, Monsenhor? interrompeu Andrade, que teimava qualquer coisa com outro.

– Ao contrário, disse Monsenhor. É muito alto e magro... Logo mais à tarde ele está aí. Muito culto e, sobretudo, um homem de muita vida espiritual. Desejo que todos façam um bom retiro! Bem, com licença!

– Até logo, Monsenhor! repetiram várias vozes. Alguns ainda saíram atrás dele para fazer-lhe pequenos pedidos.

Após o terço e a benção, à noite, teve lugar a abertura do retiro espiritual, que Cesário vinha esperando com ansiedade.

Foi solene. O próprio reitor e alguns professores (ele notara, ao sair da capela, a presença de Padre Tobias) haviam-se abalado de seus quartos para assistir à conferência inaugural.

Ao terminar, recolhendo-se a seu cubículo – depois desta primeira prédica com que Padre Hernandez, seguindo o método de “nosso beatíssimo pai Inácio de

Loiola”, como ele repetia a cada instante, com uma pequena vênha, os tivera suspensos quase hora e meia – Cesário pensava, possuído de intenso fervor:

“Cinco dias de recolhimento e silêncio... Que bom! Vou tomar este retiro muito a sério!”

E para convencer-se melhor, repetia: “Muito a sério! Que Nosso Senhor abençoe esta minha boa vontade! Depois, no último, anoto os *propósitos* e hei de observá-los rigorosamente (sublinhava “in mente” o advérbio) durante o ano letivo. Ah, desta vez fui apanhado de surpresa! Que período horrível, nem me quero lembrar... Mas de agora em diante!...”

Padre Hernandez havia tomado para tema de sua conferência esta passagem de São Paulo: “Statutum est hominibus semel mori”.

E as ideias que desenvolvera em torno disto, voltavam insensivelmente à imaginação. Brevidade da vida, o inevitável da morte, os novíssimos do homem, a eternidade.

Pendurou a sobrepeliz no cabide, atrás da porta, e voltou à capela. Estava lendo um capítulo da Iniciação, quando o sino tocou. Começavam a entrar os colegas e, pouco depois, a voz de “Padre” Angelo puxava a oração da noite.

Com que profunda paz, com que imensa tranquilidade de espírito terminava para Cesário aquele dia!

Ao voltar para o cubículo, como deixara as janelas abertas desde cedo, encontrou-o impregnado de friagem de fora. Sem saber porque, era grato até àquele frio; deitou-se sem as fechar. Já na cama, depois de fazer as suas orações particulares, deixou-se ficar olhando o céu, enquanto a imaginação o levava, levava...

“Que coisa misteriosa a vocação! Que imenso ideal, o sacerdócio! Ser um *outro* Cristo! E é para isto que eu me estou preparando... Eu! Terrível dignidade! Como isto me enche o coração, mas me faz tremer, como me assusta ao mesmo tempo...”

Naquele momento, o sobrenatural não era para Cesário somente a sua fé; mas as palavras “vós sois o templo vivo do Espírito Santo”, tinham como que uma realidade quase palpável, física, uma certeza para além dos argumentos da razão. Estranha alegria! Apenas o remorso de a estar vivendo a sós se insinuava como uma sombra entre as sombras que iam enchendo de sono as suas pálpebras.

“Como se quisera poder salvar todos os homens, até ao sacrifício de mim mesmo, se preciso fosse; a todos, indistintamente!...”

Mas a mão pesada do sono foi atirando para um limbo confuso e neutro aquele emergir de sentimentos. Adormeceu.

No outro dia, Cesário estava em seu cubículo e acabara de se aprontar, quando teve de súbito uma ideia.

Foi consultar o programa do retiro fixado no pátio; tempo vago entre 9 e 10 horas da manhã, resolveu ir andar para o lado dos eucaliptos.

Havia ali um estreito caminho de pedras, longo e fresco, por onde a comunidade passava todas as tardes, durante o ano letivo, nos pequenos passeios pelos arredores do Seminário, após o jantar.

Como estavam em retiro, era permitido sair dos cubículos e andar por todos os sítios da casa.

No pátio, seminaristas movimentavam-se lentamente, exterior recolhido e grave, a rezar dois a dois o ofício de Nossa Senhora; nos bancos, junto à parede, viam-se outros, braços cruzados, o olhar perdido longe, ar de quem medita; aqui e ali, um entretinha-se, sentado nos degraus da escada, a riscar com tédio o chão; mais adianta, debruçado no tanque do centro, outro atirava bolinhas de pão aos peixes...

Cesário passou pelos colegas, subindo a pequena ladeira a caminho dos eucaliptos e teve a impressão de que todos, como ele, estavam possuídos das mesmas boas intenções.

“Aliás não fazemos mais do que a nossa obrigação. Não é para isto que nos achamos aqui?” monologava, caminhando tranquilamente. “Somos todos seminaristas *maiores*... e queremos ser padres. Nosso único fim, portanto é o sacerdócio. Mas sacerdócio é apostolado. É sacrifício, e é também, falemos claro, *santidade*. Afinal para que vestimos batina? Certamente não é para conquistar posição social nem para ganhar a vida... Isso já faz o homem comum, sem se proclamar defensor do espírito... O que eu preciso fazer é, como disse o Padre Hernandez, criar o hábito da virtude, sem a qual não há construção interior, não há nada... Hoje eu estou no Seminário, tudo é relativamente fácil; o próprio ambiente predispõe-nos aos bons sentimentos e tudo vai muito bem. Mas um dia, ah! um dia eu me verei no mundo, entre gente desconhecida, talvez numa paróquia do interior, isolado, sozinho, entre gente simples e ignorante, e que será de mim se não contar com uma sólida formação espiritual?”

Pensando assim. Cesário chegara sem o notar ao local. Dois seminaristas apenas tinham tido a mesma ideia e, os braços para trás, cabeças baixas, passeavam naquele momento ao longo da pequena planície.

Como havia chovido de madrugada, os eucaliptos, agitando de leve os galhos esguios, apresentavam um aspecto lavado; um vento frio arrepiava agradavelmente a epiderme.

Além do renque de troncos esbranquiçados, continuava a pequena elevação, que ia morrer mais adiante, numa descida brusca. Àquela hora, um empregado queimava ali outra coisa: uma cortina muito alva de fumaça elevava-se serenamente para o céu azul; à direita, muito longe, o telhario irregular dos bairros, com a nota mais viva das construções recentes vermelhando ao sol.

Era longe a cidade. Pela da Catedral, situava-se o centro. Cesário começou a ir e vir, contemplando o panorama, quando de repente, assaltou-o aquela recordação: “É verdade, hoje é dia 7 de Março. Festividade de Santo Tomás de Aquino! Faz hoje anos que eu entrei para o Seminário! Deixa eu ver... Sete... sete anos! Sim senhor, sete longos anos que eu entrei pelos portais a dentro do velho casarão do Seminário Menor...”

A seus ouvidos chegava o ruído dos eucaliptos sussurrando ao vento, e ele se deixava levar por um fluxo de intensa saudade, que lhe apertava com violência o coração.

“Como o tempo foge, meu Deus, parece que foi ainda ontem...”

E revia mentalmente aqueles anos. Lembrava-se menino, calças curtas e cabelos assanhados, dez anos inexperientes, os olhos observadores abertos curiosos para a vida...

Como se recordava perfeitamente do dia da recepção da batina! Até os menores detalhes... A primeira vez que vira o arcebispo, o início das aulas, a amizade com que Gabriel, terceiranista, o acolhera, a ele, novato... E hoje, seminarista *maior*, em vésperas de começar a receber as “ordens”... “No entanto nada mudou. Ou apenas

mudou exteriormente... Mas com que pureza um antigo eu, que julgávamos desaparecido, ressurgiu de repente em nós! Este eu que assim emerge, a certas circunstâncias, esse, não seremos nós? Como é estranho tudo isto! Como é estranho e doloroso, meu Deus!”

E deixou depressa aquele lugar que, como a música, o transportava a um passado cuja lembrança o fazia sofrer...

Ao chegar ao pátio o sino tocou; era para a segunda conferência de Padre Hernandez. Já mais calmo, Cesário recolheu-se à capela.

XVII

Aquele retiro havia tocado profundamente o seu espírito. No último dia, no mesmo intervalo de 9 às 10 da manhã, encaminhou-se para os eucaliptos.

“Quantos como eu – meditava possuído de intenso entusiasmo espiritual – quantos como eu, não têm a graça de encontrar-se numa situação como esta! Sob aqueles tetos – seu olhar perdia-se no telhario da cidade ao longe – quantas criaturas, absorvidas na luta pela vida, que nunca tiveram uma só ocasião em suas existências, para pensarem em seus destinos, para se encontrarem a sós com as suas preocupações mais íntimas, com as suas almas! E eu, eis que me encontro nesta situação privilegiada, que Nosso Senhor me concede exclusivamente para este fim! Seria uma ingratidão desperdiçar esta graça... Quem sabe, afinal, se não será o último retiro que faço em minha vida? Que me dirá que eu viverei muitos anos anos ainda, um ano sequer, alguns meses, uma semana ou um dia, se chegarei mesmo ao fim deste retiro?”

E uma das suas preocupações mais comuns, a consciência sempre presente da morte, surgiu-lhe ao espírito com todas as ideias que a acompanhavam...

“Mas não, tenho a consciência tranquila de que o aproveitei como devia!” disse a si próprio, esforçando-se depois de alguns instantes da apreensão, em libertar-se do círculo daqueles pensamentos lúgubres.

“Deste retiro – continuou – sairei renovado, despertará em mim um *outro* Cesário! Que terá, em suma, impedido que eu seja de fato o seminarista que todos vêem em mim? Interessante, porque não se demonstram certas tendências, ou porque não têm olhos para vê-las, concluem daí que não a temos... Como se enganam! No entanto, isso também não é hipocrisia de nossa parte. Uma vez que o mal existe, ainda seria pior a ostentação dele. Demonstrá-lo para sofrer a humilhação? Mas esta humilhação não evitaria o escândalo...”

Indo e vindo tranquilamente à sombra dos eucaliptos, abandonava-se a pensamentos deste gênero.

Em certo momento, as palavras que ele conhecia de cor dos Evangelhos, despertadas por uma coerência a cujo processo ele ia assistindo com a lucidez de sua paz interior, vieram-lhe à memória: “Nemo potest duobus dominis servire: aut enim unum ódio habebit, et altero diligent; unum sustinebit, et altero contemnet. Non potestis Deo servire et Mammonae”. Sim, no meu caso a literatura. Ideo dico vobis, ne solliciti sitis animae vestrae quid maducetis, neque corpori vestro quid induamini. None anima plus est quam esca... Não há dúvida, isto se aplica a mim, à minha alma; a salvação deve estar acima e fora de toda a veleidade literária! Vou esclarecer bem este ponto, depois do retiro, com Monsenhor Henrique... Ou será melhor com Padre Tobias? Talvez com ele... Porque será que Padre Tobias renunciou à literatura? Está aí uma coisa para fazer pensar... Bom, mas o texto? ah, nonne plus est quam esca et corpus plus quam vestimentum?”

Não se recordava direito como continuava o texto; lembrava-se apenas do trecho em que encontrava sempre uma sugestão infinita de poesia.

Tentou reconstitui-lo: “Et de vestimento quid,,, solicite estis? Considerate lília agri quomodo crescunt: non laborant neque nent. Dico autem vobis, quoniam nec Salomon in omni gloria sua coopertus est sicut unum existis”.

– Último dia, hein. Cesário!

Sorriu para o colega, para não deixá-lo sem resposta, e passou adiante, disposto a levar até o fim o seu propósito de guardar o mais rigoroso silêncio naquele retiro. Mas este encontro o afastou por alguns instantes da linha de seus pensamentos. Pôs-se a observar a paisagem, a que não dera maior atenção até ali.

Um vento forte soprava sobre o capinzal da elevação para além dos eucaliptos. As espiguihas de capim estavam maduras, amarelecidas, e ao soprar sobre elas, o vento provocava ondas macias (era a impressão de seus olhos) de veludo...

“Uma paisagem impressionista – pensava ele – esbatida, fugaz, a ação do vento num instante, num rápido instante apenas perceptível à nossa visão e que se perde para sempre...”

Estas impressões levavam-no, sem perceber, ao encontro dos pensamentos de há pouco.

“Oh! as minhas ingênuas tentativas em fixar esses momentos! Qual a seria a expressão guardando a mesma vida que a realidade contém desse vento, por exemplo, soprando sobre o capinzal? Tão simples e tão belo! No entanto, como a arte trai essas pequeninas grandes emoções. Parece que no próprio ato de *querer fixar* há uma transição de planos – e nesse processo, a perda da grande poesia. Com relação a nós, a arte é isso – o que se consegue fixar. Mas o que não se consegue e se deve desprezar em favor... como dizer?... da técnica... não será, quem sabe o melhor? Agora que compreendo: é por isso que eu, diante de qualquer manifestação do sentimento artístico, nunca me deslumbrei, nunca me senti plenamente convencido e jamais pude dizer intimamente: “Está aí – era exatamente isto que eu procurava!” A arte! Porque se faz arte? Uma fatalidade de certos temperamentos? Uma outra maneira de viver? Ou acima de tudo, uma fuga? Mas porque? Porque não assimilar ao nosso espírito toda beleza transcendente e exterior, mas assimilá-la como uma experiência viva, um enriquecimento apaixonado, de modo que o homem todo fosse o objeto de sua arte? Quem sabe se os verdadeiros artistas não serão certos seres obscuros, simplicíssimos, que se limitam a viver, a viver intensamente, sem jamais se preocuparem com o processo? Porque não perdura, ou não se comunica, essa forma de arte será menos bela? E afinal de contas, haverá beleza que não perdure ou que fique escondida? Cristo nunca escreveu nada. Entretanto... E os anacoretas, os monges, todos os grandes imitadores seus, que buscaram exclusivamente a perfeição da própria alma não são hoje símbolos de uma poesia viva?”

Todo entregue a estas cogitações, resolveu voltar ao cubículo, ansioso de ver o texto nos Evangelhos.

Lembrou-se de que o livro estava na capela e entrou aí. Depois de ter folheado os outros evangelistas, achou o texto que procurava em São Mateus – só então reparando que as palavras que ainda há pouco tanto lhe ocupavam o pensamento, faziam parte daquelas páginas que lhe pareciam a mais sábia e a mais bela mensagem de Amor aos homens.

Ajoelhou-se e, com a cabeça entre as mãos, começou a ler, desde o início, o Sermão da Montanha:

Vós sois o sal da terra... vós sois a luz do mundo... Quantas vezes não ouvi estas mesmas palavras aplicadas ao sacerdócio! E eu que me proponho um tal fim, levo eu, uma vida coerente com esse objetivo?

Deixa a tua oferenda aí diante do altar e vai reconciliar-te com teu irmão, para depois vires fazer a tua oblação... Sim, eu compreendo, devo esquecer-me a mim mesmo, abdicar de todo o meu ser, para que a minha oferta seja agradável a Deus... Certamente é este o sentido destas outras palavras: *Se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e lança-o de ti, porque é melhor perder um dos teus membros do que todo o teu corpo ser lançado ao inferno...* Que vida dissipada levei nestas últimas férias! Como dei largas aos meus sentidos e em vez de me corrigir ainda fiz disso “literatura”... *Quando orais não vos porteis como os hipócritas... Não ajunteis para vós tesouros na terra onde há ferrugem e traças que os consomem e onde há ladrões que os roubam...* (sorriu ironicamente, lembrando-se que uma vez escolhera esta passagem para epígrafe de um poema). *Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas...* Sim, eu sei o que querem dizer estas palavras, eu as tomarei daqui para a frente a sério! *para que não suceda que as pisem aos pés e voltando, vos dilacerem... Pedí, e vos será dado...* Meu Deus! eu sei que só tu me compreendes, só em ti buscarei auxílio! *Pois todo o que pede...* Quantas vezes não fui objeto das predileções de tua Graça, Senhor! *O que procura acha; e a quem bate abrir-se-á...* Eu entendo... Isto foi dito para mim. Não é da doutrina da Igreja que Jesus não teria deixado de vir ao mundo ainda que fosse para salvar uma só alma? Estas palavras são para mim!

Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçosa a entrada que conduz à perdição; e muitos são os que entram por ela... Nada mais claro: a porta estreita é o sacrifício, o sacrifício total e generoso de mim mesmo, que devo fazer a Deus nas mãos da Igreja! Só ela é sábia, só ela é depositária da palavra divina através dos séculos e só ela a conserva intacta...

Assim toda árvore boa dá bons frutos; e a má árvore dá maus frutos; toda árvore que não dá bom fruto é cortada e lançada ao fogo; portanto, por seus frutos, é que os conhecereis... Nem todo o que diz: “Senhor, Senhor!” entrará no reino dos céus, mas sim o que faz a vontade de meu pai... *Caiu a chuva e transbordaram os rios e sopraram os ventos, e investiram contra aquela casa; e não caiu porque estava assente sobre a rocha. Estava assente sobre a rocha,* releu Cesário, mas eu estou sobre a areia movediça do meu pouco amor e é por isso que os ventos, ao baterem sobre mim, levam-me ao seu sabor... Mas não, meu Deus, eu não fecharei mais os ouvidos às tuas palavras! Só tu me cumulas de Graças e me compreendes, só tu és o Caminho, a Verdade e a Vida; tu, somente tu, Senhor, és o único objetivo digno de ser vivido! Aniquila em mim a pobre criatura cheia de mesquinhos orgulhos, de tolas veleidades... e sobre esses destroços ergue um novo homem!”

Sob a ação daquele fervor, levantou-se, voltando ao cubículo para anotar os *propósitos* daquele retiro. Antes de o fazer, porém, lembrou-se de uma coisa que à primeira vista lhe pareceu extravagante, mas que obedecia a uma grande coerência íntima: “E se eu queimasse a minha papelada? Não estou interiormente convencido de que não me devo meter mais com essas tolices? Sim, vou queimar tudo e vou fazê-lo já!” Se não destruísse a coisa material, teria a impressão que não realizava o seu *propósito*. Por isso, pôs-se a procurar imediatamente, entre os cadernos do curso, aquele em que

reunia poemas e, de uns tempos para cá, um esboço de novela cheia de pretensões psicológicas.

“Que ridícula esta literatura! Eu, um seminarista...” pensava ele, enquanto buscava entre os livros, algumas folhas que sabia estarem ali.

Desfolhou o caderno com um prazer mau, folha por folha; reuniu tudo num amontoado só e, colocando-o no peitoril de mármore da janela, riscou um fósforo.

A chama começou fraca, dúbia, até que se foi aos poucos alastrando nos papéis.

Cesário ficou de lado, assistindo com um sorriso irônico àquela fogueira de poemas. “E dizer que há semanas atrás isto era toda minha razão de ser!...”

Um pedaço de folha não atingida ainda pelo fogo mostrava-lhe uma linha de poema.

Sorriu, e lembrou-se da continuação do poema, que se chamava Anotação:

E de repente,
a ânsia de apagar em mim os vestígios
do menino que eu fui, do adolescente.
Desejo de ser compreendido,
de chorar em silêncio,
de saber se Deus existe...

“Literatura, literatura, literatura...” repetiu Cesário com raiva. “É incrível que eu tenha escrito tanta asneira!” E puxou para o centro do fogo os papéis chamuscados que relutavam em desaparecer.

Por um breve momento a pequena fogueira, que ia morrendo, acendeu-se numa chama mais viva e os últimos fragmentos de folhas, retorcendo-se, tornaram-se côncavos e negros.

Ainda quis ter o prazer de tocar naquele cadáver de sonhos. “Agora estão mortos, ao pé da letra...” pensou, e, sorrindo, amassou com a mão aberta o esqueleto frágil das folhas enegrecidas, que se desfizeram em cinzas...

Depois saiu dali e tirou da gaveta o seu “diário” com intenção de anotar nele os *propósitos* que aquele retiro lhe inspirava.

Não o fez logo, contudo. Casualmente abriu-o numa página que, pouco depois de ter escrito (e sem compreender então o motivo) havia inutilizado de maneira a tornar a anotação quase ilegível, pondo-se a decifrá-la:

31 de Dezembro

Spiritus ubi vult spirat. E em verdade – terrível eleição! – o Paráclito baixou sobre a cabeça de todos nós, todos! Não foi por acaso que nos encontramos reunidos quando o grande ruído, impetuoso como um ciclone, encheu toda a casa – já éramos fatalmente irmãos!

Línguas de fogo caminharão sempre à nossa frente. Inútil cerrar os lábios, possuímos o segredo de todas as línguas, inclusive as desaparecidas há milênios e as que virão! Somos a decadência de uma aristocracia e os inauguradores de outra – é azul o sangue de nossas veias e fidalgo o nosso brasão. Legenda: “Amai-vos uns aos outros”

Em verdade somos o sol e a luz, e porque somos riquíssimos, nada possuímos. Aceitação, mãos juntas, Ave Maria gratia plena. Dominus tecum! Depressa, que a grande nau que nos conduzirá à Ilha vai largar!

O alto céu, e as ondas, e a *fraternidade* na viagem... Mas o dístico! Ah não poder esquecer o dístico: Proibido sonhar em fuga através das ondas! E a voz dos peixes: nós somos o alimento! E a visão das asas dos pássaros lavadas pelo Sangue! Miserere, miserere mei Domine! É inútil, a sentença foi lavrada no Livro para todos!

Amputaram-nos as mãos e os pés, estamos condenados a morrer – para ressurgir no terceiro dia.

Em verdade, escravos de nossa destinação, não mais nos pertencemos. Somos os grilhetas do Espírito, os grilhetas!

Compreendeu o que aquilo – um dos seus muitos momentos de exaltação interior – queria dizer, e porque se apressara naquela ocasião em aniquilar tais palavras, mas a sua perturbação não foi além de um sorriso – tanto aquele retiro o identificara (ou pelo menos acreditara ter identificado) ao que ele julgava ser o verdadeiro “eu”... Então abriu o caderno numa folha em branco, apressando-se em anotar os seus propósitos:

10 de Março, quarta-feira.

Compromissos que faço comigo neste retiro. Que Nosso Senhor os abençoe.

I – Propósitos de ordem geral. Para começar bem o meu dia: levantar-me *logo que tocar o sino*; preparar *cuidadosamente* as lições de cada dia, sobretudo as matérias que menos gostar; *fugir da solidão*. Nunca ficar em meu cubículo nas horas em que puder estar em contato com os outros. E entre colegas, procurar a companhia dos que menos me agradam.

II - Vida espiritual. Confessar-me *uma vez por semana*, no mínimo, às quartas-feiras; comungar *diariamente*; procurar o diretor espiritual de *quinze em quinze dias*.

III - Resumo: estudar seriamente a minha vocação e *fugir sempre* das ocasiões que a ponham em perigo. Cesário Machado. 1931.

Guardou o caderno, levantou-se da mesa e, contente consigo próprio, debruçou-se à janela, olhando a manhã, à espera de que o sino tocasse.

Nem Gabriel lhe escrevia, como prometera, nem lhe chegava notícia de espécie alguma dos dois amigos.

As aulas entretanto haviam começado. Sob a ação de retiro, nas primeiras semanas, Cesário atirava-se com ardor aos estudos; mas como os dias fossem passando, a ausência de Mario e Gabriel punha-o inquieto e esmorecia-lhe o entusiasmo.

Começou abreviando as obrigações.

Após as aulas, já não fazia mais os resumos e só preparava as lições de Teologia. Mas por último nem isso fazia, ou, por descargo de consciência, limitara-se a lê-la uma ou duas vezes, quando pressentia que ia ser inquirido.

Enervante insatisfação! Entrava em seu cubículo, após o recreio da manhã, punha-o em ordem sem gosto nenhum, sentava-se à mesa, abria o grosso compêndio de Moral, lia um longo trecho tentando compreender... e quando recobrava consciência de si, surpreendia-se a pensar em coisas diferentes.

Recomeçava imediatamente a leitura, num novo esforço de compreensão, mas via que era inútil.

Levantava-se e, entediado, desgostoso consigo mesmo, fechava o livro, pondo-se a andar nervosamente no cubículo, pensando, Pensando em quê? Se lho perguntassem, ele próprio ficaria surpreso. A imaginação cabriolava por longe, saltando de uma ideia para outra, e num momento percorria mil coisas sem se deter em nada.

Lembrava-se então de ir à capela.

Ao surgir-lhe esta ideia ficava contente por alguns instantes, vendo diante de si uma ocupação que lhe era agradável executar. Deixava precipitadamente o cubículo. Para prolongar o caminho. tomava pela galeria externa.

Mal chegava à porta da capela, porém, arrependia-se de ter vindo. Que diabo viera fazer alis? A oração do manhã, a meditação, a missa... não o haviam retido durante quase duas horas na capelas? Mas já que estava ali, entrava. Fazia uma curta visita ao Santíssimo e recolhia-se de novo ao cubículo.

Voltava agora pelos corredores internos. Estavam desertos àquelas horas e sob o silêncio geral cada um preparava as lições. Às vezes, ao passar, ouvia o rangido de uma porta que se abria. Era um colega saindo do cubículo; mas – o que Cesário não podia deixar de observar – lá ia ele com um livro aberto na mão!

“Só eu, considerava, só eu a estas horas por aqui! Porque não me deixo ficar, como os outros, no cubículo a preparar as lições? Na arguição da terça-feira eu me saí mal, Cônego Melo chamou-me de novo na quinta... e não fui menos infeliz. O ouvi significativamente. Dou-lhe razão: já não sou o aluno dos anos anteriores! Mas que fazer, que fazer, se eu sinto que me falta qualquer coisa? Isto não está em mim, não depende de mim...”

E o fiasco que pressentia não se fez demorar.

Era um sábado. O sino tocou para a aula e Cesário, apanhando maquinalmente os livros, dirigiu-se para o salão geral. “Se Cônego Melo, pensava ele, tiver a infeliz ideia de me chamar hoje, estou perdido perdido. Nem sei qual é a lição... Mas é possível que não me chame! Não chama! Vou tomar um ar bem displicente, responder à chamada com firmeza e, quando ele procurar alguém para inquirir, encaro-o ousadamente...”

Este “não chama” Cesário dizia-o a si mesmo para não ouvir a voz da experiência, que lhe insinuava exatamente o contrário. Bem conhecia os métodos didáticos do Cônego Melo e mais de uma vez fora objeto de seus *imprevistos*.

Sentou-se na carteira com o coração batendo. Enquanto o professor não chegava, leu de corrida a lição. Mas Cônego Melo, que ao contrário dos outros professores não se fazia nunca esperar, entrou pela porta adentro. Puxou a oração de antes das aulas, e enquanto todos se sentavam, abriu o livro das “notas”, começando a chamada. Ao chegar ao nome de Cesário, ergueu a cabeça para certificar-se de sua presença. Também, ele havia respondido tão baixo!

Terminando, correu os olhos pelo salão, como se estivesse ainda em dúvida sobre quem chamar.

– Audiamus dominum...

Cesário encolheu-se por detrás do colega da frente e, por um momento, teve a esperança de que o perigo passasse “Nossa Senhora, salvai-me desta vez!” murmurou.

– Dominum Caesareum Machado, acrescentou o cônego, erguendo-se um pouco da cátedra para fixá-lo.

Deixou-se abater na carteira como um condenado que acaba de ouvir a própria sentença.

– Domine Caesari. Adest, hic dominus Machado? continuou Cônego Melo.

Houve um movimento de cabeças para ele.

– Adest, cur non? Incipiamus ergo domine Caesari Machado.

Ele sentia as faces em fogo e, contrariando o hábito, exprimiu-se em português.

– Não estudei a lição hoje, Cônego Melo. É inútil perder tempo comigo...

– Studivistine hodie? Quid dicis? Tibi defuit tempus?

– Tive tempo, sim senhor, mas faltou-me vontade...

Uma expectativa geral pesava no salão. A maior parte dos colegas (Cesário notou-o) havia baixado discretamente as cabeças. Naquele insólito silêncio, o diálogo entre ambos se destacava mais constrangedor.

Era a primeira vez que Cesário se via numa situação como aquela. Tinha a impressão de que se despenhava por precipícios, conservando uma consciência cada vez mais lúcida da vertigem...

Cônego Melo afetava não perder o bom humor:

– Cecidistine animo? Quaeso, quid hoc est? Sed etiam nescis quod sermone latino loqui debes?

Cesário conservou-se paralisadamente calado.

– Dexisti animo cecedere tibi, non? Aut audivi male, domine?

Deusdedit olhou-o furtivamente. Cesário compreendeu que aquele olhar era um pedido: “Responde! Que é isso Cesário? Você está louco? mas ele continuou calado.

– Sed animus hoc quousque tandem deerit tibi? Hoc modo incipies curriculum?

Houve um momento de silêncio geral.

Depois, como se nada tivesse acontecido, cônego Melo procurou outros nomes:

– Domine Deusdedit!

Com espanto para todos, Deusdedit confessou também que não havia preparado a lição.

Cônego Melo fechou o compêndio, levantou-se e, sem dizer palavra, saiu pela porta afora.

– Xi!... Vai queixar-se a Monsenhor reitor! murmurou alguém.

– Nada! Cônego Melo não é desses... juntou outra voz.

Cesário levantou-se e tornou a seu cubículo. Chegando ali, atirou o livro sobre a mesa, pousou a cabeça entre as mãos e incapaz de refletir sobre o que acabava de acontecer, deixou-se ficar. Como uma mariposa em volta de um foco luminoso, sua imaginação se debatia em torno desta única ideia: “Mas que foi isto? Como foi? E porque?”

Passou o resto da manhã com febre e faltou por conta própria às aulas que se seguiram. À hora do almoço, não compareceu ao refeitório.

Ninguém lhe observou nada.

Da cama, onde se atirara, acompanhava mentalmente os atos da comunidade.

“Estão de volta do refeitório... agora entram na capela para a ação de graças... Ajoelharam-se. A voz de “Padre” Angelo puxa a oração”. E dali a pouco: “Saíram para o pátio”.

Começara o recreio do almoço. O falatório dos colegas chegava agora confusamente a seus ouvidos.

Ergueu-se, fechou as janelas e atirou-se de novo à cama.

De súbito ouviu distintamente:

– É bem sabido que ele foi sempre mais inteligente do que estudioso...

– E você sabe que Deusdedit tinha preparado a lição, hein?

– Tinha, é?

– Pois ele me emprestou o resumo no recreio da manhã... Se tinha!

– E logo Deusdedit que goza de tão boa fama com cônego Melo, hein!

– Um idiota! Eu é que não fazia isso pelos belos olhos de Cesário... nem de ninguém!

Houve uma risadinha e um comentário que não conseguiu perceber.

E de novo:

– Será que cônego Melo deu queixa deles a Monsenhor reitor, que acha você?

– Não digo que dê queixa, mas que conte em conversação, é que não duvido. Aliás, cônego Melo tem dessas manias.

– Como?

– De repetir as coisas... Eu o ano passado me confessava muito com ele... Mas uma vez que me levou a ajudar-lhe a missa lá fora, pegou a fazer alusões a coisas que eu havia confessado...

– Não teria sido impressão sua?

– É fato. Eu acho mas é...

– O que?

– Que está ficando gira. Aliás...

A esta altura houve nova risadinha. Cesário levantara-se; atrás da veneziana, seguia a conversa e, ardendo de curiosidade, pensava: “Quem serão. meu Deus? Quem tem o hábito de repetir *aliás* é o Alexandre....Mas pela voz não parece ele. Ei-los que recomeçam! Eu não devia fazer isto, em todo caso...”

– ... mas o nosso amigo voltou completamente outro!

– E você não percebeu ainda as razões?

– Que pergunta! Será que é preciso ser tão sutil para compreendê-las?

– Não, não estou dizendo isto. Mas às vezes a gente não repara certas coisas...

– Ora...

– Ele anda assim porque lhe faltam Mario e Gabriel!

– Mas é claro! Assim que chegarem os dois é só reparar a mudança... Aliás, essa amizade nunca me cheirou lá muito bem, sabe?

– Oh! isso não... Você está fazendo um juízo temerário. Não diga isso, Josias!

“Ah! é o Josias... Mas que sujeitinho! Sim senhor, que juízo faz de minha amizade com Mario e Gabriel! Vou abrir a janela só para ele ver que ouvi... Quem será o outro?”

– Não sabia que diante da evidência também se faz juízo temerário – essa é boa!

– Bom, mas no caso deles, três... Se fossem só dois!

– Mas ali a amizade é entre os dois somente...

– Entre os dois?

– Sim, entre Cesário e Gabriel. O Mario, coitado, com aqueles óculos... hi, hi, hi...

– Puxa, Josias, mas você...

– Bem não se fala mais nisso! Sabe que mandei fazer uma batina outro dia?

– É?

– No dia da saída.

– Eu fiz durante as férias... Por sinal que ficou ótima.

– Eu também ia aproveitar as férias... Mas fui adiando, e acabei não fazendo...

“E se eu abrisse a janela para ver quem é o outro? – Mas que coisa indigna tudo isto! Eles falando mal de mim, eu à escuta por detrás da veneziana... Não quero saber quem é. Mas que juízo fazem de minha amizade, sim senhor! Vou abrir. Não, é melhor ignorar! Mas quem será?”

Atirou-se de novo à cama. Não queria pensar na observação injusta do colega sobre a sua amizade com Gabriel, mas aquilo não lhe saía da cabeça.

Na parte da tarde compareceu às aulas amparado interiormente pela ideia de ir conversar à noite com o diretor espiritual. E ao saírem da capela, apressou-se em dirigir-se ao quarto do velho padre.

Bateu de leve à porta, o ouvido atento àquele “entra” tão seu conhecido.

Monsenhor Henrique passeava no quarto, rezando à meia voz o breviário.

– Com licença, Monsenhor! murmurou o seminarista, encostando a porta com cuidado, por mais de uma vez a perturbação fizera com que ele a deixasse bater com estrépito.

– Pois não. Sente-se aí, meu filho. Um momentinho, que eu estou terminando um salmo e já o atendo.

Cesário obedeceu; porém, mal se havia sentado na cadeira junto à mesa, posta ali para aquele fim, uma inexplicável sensação o dominou: “Mas que vim fazer eu aqui? Já não estive com Monsenhor Henrique na semana passada, no dia em que tinha obrigação de fazê-lo? Não devia ter vindo! Interessante, passei a tarde de hoje tão confiante nesta entrevista e agora tudo se desfaz... estou arrependido de ter vindo. Que hei de dizer quando ele me perguntar como vou de vida espiritual? Que vou bem? Mas eu vou bem?”

– Então, meu filho, como vamos de vida espiritual? disse o padre, colocando o breviário sobre a mesa e sentando-se.

– Vou bem, Monsenhor. Isto é. vou como sempre... emendou rápido.

– Está certo. Isto é que se quer, meu filho. Na estratégia da vida espiritual, vai-se progredindo por etapas. E quando não se consegue avançar – claro, o ideal é caminhar sempre para a frente – já é uma grande coisa conservar a posição conquistada. Tem, então, se aproximado com assiduidade dos sacramentos, não é, meu filho?

– Sim, Monsenhor. Confesso-me uma vez por semana, às quartas e comungo diariamente.

– Muito bem, muito bem. Continue assim. Se para os simples fiéis, o cânon 863 formula o voto da comunhão frequente ou se possível, diária, “etiam quotidie”, que se dirá tratando-se de um seminarista, não é exato, meu filho?

Cesário fez um sinal de assentimento com a cabeça. O padre continuou:

– E ao lado da Santa Eucaristia, está o sacramento da Penitência, é claro. Oh, esse divino tribunal onde o homem se lava de todas as culpas! acrescentou com um acento grave na voz e juntando as mãos. Já meditou bem sobre a grandeza incomparável desse Sacramento, meu filho?

– Medito, Monsenhor. Aliás a sua conferência de quinta-feira foi sobre isso...

– Pois foi. E a próxima vez que me dirigir aos senhores ainda será sobre o mesmo tema. É um ponto em que nunca é demais insistir, a confissão. Os santos bem o compreendiam! Ah, o exemplo dos santos! Esses homens tão ciosos da beleza de sua alma tinham por regra a confissão frequente. Eu tenho aqui (tirou de um livro um pequeno cartão) umas notas que pretendo desenvolver. Ei-las: Santo Inácio de Loyola, São Carlos, Borromeu, São Francisco de Sales, São Vicente de Paulo confessavam-se regularmente *cada manhã*. São Leonardo de Porto Maurício confessava-se *duas vezes por dia*. O piedoso cardeal Bona, em seu tratado “Do Santo Sacrifício da Missa”, quisera que todo o sacerdote habituado a celebrar diariamente, se confessasse pelo menos *duas vezes por semana*. Está vendo, meu filho?

– Realmente, Monsenhor.

– É uma regra fundada na experiência. Está averiguado que uma confissão, mesmo bem feita, só influi sobre o proceder do penitente uns três ou quatro dias, no máximo, tornando-se depois necessário novo e contínuo recurso ao Sacramento, se ele quiser sentir, por mais tempo, os efeitos da graça sacramental. Pois bem considerando, que é o homem, meu filho?

– O homem, Monsenhor?

– Sim, o homem, a criatura humana?

Cesário ficou olhando o padre, sem resposta.

– Não é um verme que se deixa dominar por todas as tendências do mal e do orgulho?

– É....

– Eis por que Nosso Senhor, na sua infinita bondade, nos deixou esse santo Sacramento. Por ele o pecador torna-se de novo filho de Deus e herdeiro do Céu. Eis a razão pela qual eu não me canso de insistir nesse ponto, compreende?

– Compreendo, Monsenhor.

– Pois bem. Mas como já deve ter reparado, eu gosto de ser bem objetivo nestas entrevistas. Diga-me pois uma coisa, meu filho: gosta do Seminário?

– Gosto, Monsenhor.

O padre teve um longínquo sorriso no canto dos lábios.

– O senhor diz : “gosto, Monsenhor!” mas de maneira tão indiferente... Eu pergunto se gosta de fato, com vivo zelo, como é preciso gostar, isto é, afetiva e efetivamente, digamos assim, responda-me.

– Monsenhor, a falar verdade...

– Sim, pode dizer.

– Eu gosto. Mas não gosto com uma certa continuidade, nem sei como me expressar. Há momentos...

– Dê um exemplo, meu filho.

O padre tocara sem o saber no ponto sensível. Cesário sentiu o coração oprimido, hesitava.

– Não sei, Monsenhor, Eu...

– Não sabe, meu filho? Abra-se sem reservas ao seu diretor espiritual, vejamos, fale!

Como Cesário não respondesse, fez-se um estranho silêncio. Os olhos ardiam-lhe.

– Então, meu filho?

– Monsenhor, eu não me compreendo... respondeu num arranco Cesário, ao mesmo tempo que lágrimas, lágrimas quentes e abundantes, correram pelas faces em fogo.

– Que é isso, meu filho? acudiu inquieto o padre, erguendo-se de sua cadeira. Que é isso?

Cesário deixara cair a cabeça sobre o braço e, apoiado na mesa, abandonava-se àquela explosão súbita de sentimento.

O padre compreendeu que havia qualquer coisa e preferiu não insistir. Calado, pôs-se a passear de um lado para outro no quarto, à espera de que aquilo passasse.

A crise foi aos poucos serenando... O ruído dos passos de Monsenhor trouxe-lhe a consciência da situação.

Era melhor retirar-se

Então levantou-se e enxugando os olhos, pediu-lhe licença para o fazer.

– Pois não, meu filho. Mas volte aqui amanhã. Amanhã ou outro dia qualquer... quando o coração lhe pedir, ouviu?

– As coisas giraram confusamente diante Cesário. “Sim, amanhã!” pensava dirigindo-se à pressa para seu cubículo. “Amanhã virei conversar de novo com Monsenhor, amanhã. E isto era a única ideia que lhe surgia clara em meio à confusão que o dominava. “Sim, amanhã! Amanhã!”

Entretanto, horas depois, já senhor de si, recompondo mentalmente a cena, atormentou-o devida se tinha ou não respondido às últimas palavras do diretor espiritual. E não conseguiu precisar. Uma coisa apenas recordava ao certo; na precipitação de sair, nem tomara a benção a Monsenhor, que ficara plantado no meio do quarto...

XIX

Fazia exatamente um mês que haviam voltado para o Seminário.

Naquela tarde a comunidade saía da capela, após o jantar, quando Cesário viu aparecer e sumir rapidamente no corredor, um vulto comprido e magro.

“É Mario!” pensou ele. “Aquele jeito de entrar na porta, o movimento do braço... Graças a Deus, ei-los aí! Hoje não vou com a comunidade ao passeio da tarde. Fico no pátio à espera deles! Se “Padre” Angelo vier a saber, paciência...”

A comunidade saiu com alvoroço; deixou-se ficar. Pouco depois aparecia o amigo.

– Oh, Mario! exclamou Cesário, abraçando-o com efusão.

O amigo acolheu com uma certa reserva o abraço entusiástico; mas ele, feliz em tê-lo ali, não deu com aquilo, e expandia-se.

– Mas vocês, hein! Pensei que não voltassem mais. Que férias, sim senhor!

E contemplando o amigo com satisfação:

– Você está tão abatido, Mário!

– Você acha? É possível. Tenho andado com uma falta de apetite horrível...

Cesário arrependeu-se do que tinha dito, pois bem sabia quanto Mario era impressionável quando se tratava de qualquer alusão à sua saúde, que era fragilíssima, e procurou disfarçar:

– Isso é da viagem... tolíce minha! e sem mais paciência de guardar a pergunta que o perseguia: Então, e Gabriel?

Mario Dias sorriu, pensando: “Se ele soubesse a notícia que trago! Como vai ficar admirado... Não vai querer acreditar!”

Cesário insistiu:

– Ficou arrumando as coisas lá em cima, não é? Mas que camarada desatencioso, porque não deixa isso para logo mais à noite?

O amigo tornou a sorrir.

– Você perdeu a fala, Mario? Que há com você?

– Nada.

– Então para que esse ar de mistério?

– Estou com ar de mistério? Em compensação você está bastante expansivo, Cesário.

– É? Será devido à chegada de vocês... Não é natural? respondeu Cesário, neutralizando o efeito daquilo com um sorriso. Mas escute, Mario, enquanto Gabriel não aparece vá me contando as novas, ande!

O amigo inclinou-se para ele:

– Gabriel não está lá em cima, não, Cesário.

– Não está?

– Não. Mas eu tenho uma carta dele para você...

– Uma carta dele? Que significa isso? Ele não veio? Doença? Que há?

- Nada disso, respondeu Mario. E destacando bem cada palavra: Gabriel deixou a batina, Cesário.
- Não é possível, Mario! Eu conheço você, está brincando... Que há, ande!
- Antes estivesse! Mas olhe a carta dele, disse, passando-a às mãos do amigo. Cesário retirou-a do envelope e, meio descrente a princípio, leu:

Meu ótimo Cesário,

Você esperava este desfecho, talvez que não ex-abrupto como se realizou. Mas não vai ser lá grande surpresa, certamente. Ele tinha que vir. Veio logo.

Para arrancar esta pressão angustiosa que me afogava; para restituir, de novo, a primitiva originalidade das minhas faculdades e realizar a sonhada liberdade de criar.

Não me fizeram recuar as altas barreiras que se puseram ante mim, os compromissos morais, o receio do desconhecido. Os percalços múltiplos e de toda a ordem não me taparam a boca, e assim falei a linguagem da verdade, passando por cima do intelectualismo formalista e definidor que me cercava.

Agi com a minha consciência, estou certo de que agi sobrenaturalmente. Fui coerente comigo mesmo. Estou tranquilo.

Como selar um compromisso eterno se as ondas tumultuam impossíveis, fazendo-me tremer a cada passo? Quase diácono, quem diria? Que terrível inconsequência me ia levando de “ordem” em “ordem”! E assim, timidamente, eu acabaria no sacerdócio...

Mas depois? Ah, meu querido Cesário, depois a tremenda realidade e uma situação sem remédio.

Pois bem, debrucei-me sobre mim mesmo, meditei muito e, enquanto era tempo, decidi-me. A luta, a perene luta que Bourget tão lucidamente pintou nas fortes páginas do “Le Démon du Midi”; a dualidade interior, aquela mesma que eu tentei retratar uma vez naqueles poemas que tanto o impressionaram (Tudo é dois. A vida é proibido, lembra-se?) obrigaram-me a tomar a posição em que melhor possa combater.

É a escolha inadiável.

Num ensaísta nosso, que eu desconhecia, li há tempos, esta nietzschiana que me ficou na memória: “*É preferível a escolha do erro a nenhuma escolha*”. Como isto neste momento fala a mim! A escolha! Já pensou, meu querido Cesário, como em qualquer circunstância é grave *escolher*? Todo o homem (exceto, é claro, aqueles de quem São Paulo diz: “cujus deus venter est” mais cedo ou mais tarde vê-se diante do dilema terrível. É o grande momento da existência. Único, mas sobretudo terrível, porque não se repete. Esse instante é que vai decidir toda a vida. Quem tiver coragem de olhá-lo de frente, está salvo. Quem não tiver, esse breve momento pode tornar-se fatal. Quantas existências – não digo falhadas, pois ninguém pode afirmar que alguém falhou – quantas existências desajustadas, realizando-se dentro de um processo errado, cristalizando-se dentro de pontos de vista falsos, porque partiram de um erro inicial, de uma aceitação a priori, hein? Nunca o impressionou a constatação dessa verdade?

Neste tom, iria longe. Teria mesmo prazer de caminhar mais interiormente com você, com você meu querido amigo. Mas tenho medo de impressioná-lo. Atualmente (é a experiência que me está advertindo disto) palavras minhas não lhe serão de nada proveitosas.

Por isso, eu paro.

Peço muito encarecidamente que aos pés dessa querida imagem de Nossa Senhora, você lembre o meu nome. Com fraternal carinho. E o nome da minha pobre mãe. Infelizmente não pôde compreender meu gesto – como é doloroso fazer sofrer aqueles a quem amamos!

Obrigado e um abraço do

GABRIEL.

Post-scriptum: Enviei-lhe ontem pelo correio o “Le Temps Retrouvé” do nosso caro Proust. Penso que terá sobre ele a mesma impressão minha. Bom, de qualquer forma, escreva-me. Importante: a minha saída em nada deve afetar a nossa amizade, ouviu? Desculpe a ortografia desta carta. À última hora estive para não lha mandar. É horrível. Se a gente pudesse passar uma esponja no passado e recomeçar! Bem, adeus. Um novo abraço.

G.

Assim que terminou a leitura da carta, Cesário encarou o amigo sem dizer palavra. Mario Dias compreendeu a estupefação daquele olhar e não se fez indagar.

– A coisa foi muito simples, Cesário. Entramos em retiro no Palácio Arquidiocesano para a recepção do diaconato e no último dia, à noite, ele me dá a notícia que você já conhece. Havia conversado, disse-me, com o sr. arcebispo e tudo estava definitivamente (foi o termo dele) resolvido. Gabriel me bateu nas costas e com um sorriso doloroso: “Paciência, Mario, é a vida!” Mas que diz ele aí?

– Você ainda não leu?

– Ainda não.

Cesário passou a carta para o amigo, que se pôs a lê-la, por sua vez, em silêncio.

Como se haviam deixado ficar parados, desde o primeiro momento, Cesário propôs, com uma necessidade súbita de movimento:

– Mas vamos andar, Mario!

O outro obedeceu-lhe sem desviar a atenção da carta e começaram a passear ao longo do pátio deserto.

Mas que explicações você dá a isso, Mario? apressou-se em indagar Cesário, quando o amigo lhe devolveu a carta.

– Por que saiu Gabriel, pergunta você?

– Sim, porque saiu Gabriel, porque se pode resolver deixar a batina depois de tantos anos, hein?

– Temos muito que conversar, Cesário. Depois eu quero contar detalhadamente o caso a você. Ah! a propósito: sabe que Padre José apostatou?

– Padre José?

– Sim, Padre José, não se lembra dele?

– Mas Mario, que notícias você me traz! É incrível tantos acontecimentos dessa espécie ao mesmo tempo! Que houve com Padre José, sabe?

– Dizem que se apaixonou por uma filha de Maria na paróquia... Mas deixemos isso! É melhor mudar de assunto.

– Não! Isso tudo me interessa muito! falemos sobre isso, Mario. A saída de Gabriel e a apostasia de Padre José vêm de repente chamar-me a atenção para coisas que eu nunca julguei tão graves. Fazem-me sobretudo abrir os olhos sobre mim próprio...

– Olá, Mario! Bravos! gritou uma vez.

Ouviram-se barulho de passos e outras vozes.

– É a comunidade! murmurou Cesário.

– Então, que houve com o nosso Gabriel? indagou o Alexandre, falando alto e abraçando Mario com exagêro.

Este não lhe deu resposta, porque chegavam outros seminaristas, quase toda a “divisão”, fazendo-se uma larga roda.

Mario tornara-se o interesse de todos. Cesário deixou-se ficar de lado, observando.

O colega voltou à pergunta:

– Bem, Mario, e Gabriel?

– Não voltou.

– Não voltou?

– Vocês já sabem, não?

– Não, o que há? disseram alguns com curiosidade.

– Saiu.

Houve um “ô...” de surpresa.

– Souberam o motivo? falou Amintas.

– Que motivo? Não quis mais continuar, ora essa! retrucou Mario com certa impaciência.

– Puxa! mas o Gabriel...

– É mesmo, hein!

– Ora, ele era melhor do que os outros?

– Não é melhor, é claro. Mas a verdade é que foi surpresa para todos.

– Para mim, não... comentou Josias.

– Ah! você é sempre diferente dos outros, quem não sabe disso? observou-lhe Cesário.

– Você não vai dar uma *lembrança* de seu diaconato à gente, Mario?

Era o Andrade que assim falava, aproximando-se.

Mario tirou do bolso um pequeno maço de “crayons”, que foi passando para os colegas.

– Você escolheu um versículo bem expressivo, comentaram alguns.

– Como é? quiseram saber outros que ainda não haviam recebido o pequeno “crayon”.

– “Sequere me”!

– “Sequere me”? De onde é isso?

– De São João, observou alguém.

– Também vem de São Lucas, foi daí que tirei, interveio Mario Dias. É aquela passagem em que Jesus, passando diante do telônio, viu um homem e lhe disse: “Segue-me”! Eu gosto muito dessa passagem.

– ‘É, é interessante! Você não acha, Cesário? disse o colega, voltando-se para ele, que se conservava em silêncio no meio do alvoroço.

– A escolha foi ótima, não há dúvida.

Mario Dias agradeceu-lhe com um olhar.

Depois a roda de seminaristas foi-se dispersando. Apenas uns quatro ou cinco colegas detiveram-se em torno de Mario, indagando-lhe coisas. Por último ficou somente Andrade.

Cesário continuava calado, respondendo por monossílabos às perguntas que lhe faziam, e com a mão no bolso machucava a carta, pensando em Gabriel, fazendo conjecturas sobre a sua saída, recordando certos acontecimentos entre ele e o amigo distante... “Gabriel deixou o Seminário!” como aquelas palavras lhe pareciam absurdas formando assim um sentido... No entanto, era já agora um fato consumado... Da leitura da carta, apenas esta frase lhe calara fundo: “A minha saída em nada deve afetar a nossa amizade, ouviu?” Ele sentia justamente o contrário. Naquele momento o caminho se bifurcara e cada um seguiria por seu lado... Mas teria ele coragem de seguir sozinho?

Compreendeu por que caminhos aquele sentimento o estava levando ou poderia levar, e tentou reagir, interessando-se pela conversa entre Mario e Andrade.

Mas quando o sino tocou, dando fim ao recreio, Cesário viu-se dominado pelo mesmo sentimento. E detendo o amigo pelo braço:

– Mario, pelo amor de Deus, escreva-no no “estudo” da noite. Quero saber de tudo que se passou com Gabriel, ouviu? Ou melhor, não escreva, vá ao cubículo de “Padre” Angelo que eu apareço lá, sim? Mas vá mesmo, ouviu? Você vai?

– Vou... murmurou Mario Dias.

Seguiram ambos para seus cubículos, afim de vestir a sobrepeliz para a “via sacra”, pois era uma sexta-feira.

Mario Dias teve ainda um leve sorriso ao pedido do amigo. Mas Cesário, na sua agitação, nem o percebeu.

Ao saírem da capela, após a “via sacra”, Mario Dias murmurou baixinho ao amigo:

– Cesário, não é preciso ir ao cubículo de “Padre” Angelo. Amanhã conversaremos com calma, não é melhor?

– Está bem, respondeu ele, que já se arrependera do que havia feito.

Mas chegando ao cubículo, em vez de estudar as lições do dia seguinte, começou a reler a carta.

Relia-o pela quarta ou quinta vez, tentando encontrar nas palavras do amigo o *motivo* de sua saída, quando ouviu alguém bater à porta. Sem saber porquê, pensou em Mario Dias e levantou-se para abri-la na certeza de que era ele.

– Que há, “Padre” Angelo?

– Que espanto é esse, Cesário? Não há nada, Monsenhor reitor quer falar com você.

– Comigo?

– Sim.

– Sabe para que Monsenhor me mandou chamar “Padre” Angelo?

– Não, Cesário.

– Será que ele está na reitoria ou no quarto?

– A esta altura talvez esteja no quarto, não sei... Mas você está assustado?

– É esquisito! Que quererá de mim Monsenhor reitor? Ele não faz destas chamadas...

Cesário seguiu pelos corredores. Ao chegar ao quarto do reitor, ajeitou a voltinha, puxou a faixa, e depois de passar a mão no cabelo, bateu.

– Entre!

Cumprimentou o reitor, que estava sentado a ler a correspondência dos alunos.

– Como vai, Cesário? falou o reitor, quando o seminarista lhe tomou a benção.

– Vou bem, Monsenhor. O senhor me mandou chamar, não é?

– Sim, sente-se aí!

Cesário sentou e observou que sobre a mesa havia um pequeno embrulho com seu nome. Reconheceu a letra de Gabriel e lembrou-se com satisfação do livro que este lhe prometia na carta.

– Cesário, chamei-o aqui para perguntar-lhe uma coisa: porque tem conservado a luz de seu cubículo acesa, à noite, além das horas permitidas pelo Regulamento?

– Monsenhor, eu não pensava que a havia conservado até tão tarde assim!

– Eu não gosto de andar vigiando ninguém; os senhores, aliás, conhecem bem o meu feitio. Mas ultimamente, à noite, antes de deitar-me, tenho dado uma volta pela casa. E observei que alguns dos senhores têm esse hábito. O senhor é um deles, o que estranhei bastante. Ontem, por exemplo, eram dez horas quando o senhor resolveu apagá-la. Estive passeando no corredor e quase bati à porta de seu cubículo. Será que o senhor não sabe a que horas deve apagá-la?

– Sei, Monsenhor.

– Então? E em que se ocupa durante esse tempo?

– Em nada, Monsenhor.

– Em nada?

– Em pensar, em...

– Mas para pensar precisa de luz acesa? interrompeu ele, contendo um ligeiro sorriso.

– Em mil coisas... às vezes leio.

– às vezes lê! Está muito bem que se leia, desde que essas leituras sejam dirigidas por seu diretor espiritual; o que eu lhe exijo. então, é que se faça dentro de horas regulamentares, ouviu?

– Está bem, Monsenhor. A luz de meu cubículo será apagada quando der o último sinal de silêncio. Aliás, isso só me aconteceu esta semana... Eu não tenho esse hábito.

– Bom, mas de qualquer forma, foi um descasozinho à disciplina, Cesário.

– De fato, Monsenhor. Mas espero que por esta vez me releve a falta.

E lançou um olhar interessado ao pacote.

– Sim, é seu. Mas me diga uma coisa: quem é esse Marcel Proust? Será um autor que um seminarista possa ler? Naturalmente, se lhe faço a pergunta é porque espero que seja franco; quero que os meus seminaristas se habituem a conduzir-se sempre por espírito de lealdade consigo próprios e não por coação. Por isso é que eu retirei esse critério de notas em conduta... Mas como lhe havia perguntado, que me diz desse autor?

Cesário esqueceu-se da situação em que estava e, entusiasmando-se:

– Ah! é um grande romancista moderno, Monsenhor. Um poeta em prosa!

Mas já arrependido de se ter expandido e para justificar o seu entusiasmo de seminarista pelo autor profano: Sobretudo um grande psicólogo! Aprende-se muito com ele nesse terreno...

– Está bem. Mas ao lado dessas qualidades todas, não terá nada de inconveniente para um seminarista? Já leu algum livro dele?

– Já, Monsenhor.

– E que me diz?

Cesário lembrou-se de certas passagens do livro, e, indeciso, não quis opinar.

O reitor tomou o embrulho:

– Está aí, aconselho-o a consultar o seu diretor espiritual, ouviu?

– Está bem, Monsenhor, obrigado.

Pôs o embrulho debaixo do braço, beijou a mão que o reitor lhe estendia, e saiu.

– Mas ao chegar à porta de seu cubículo o sino tocou para a oração da noite e teve que abandonar o livro sobre a mesa. Deixou-se, porém, ficar folheando por uns instantes. Quando entrou na capela encontrou a comunidade já reunida e o *deão* a puxar, com sua voz alta e reta, a oração da noite.

Ajoelhou-se em seu lugar. A voz do *deão* dizia agora:

“Ponhamo-nos na presença de Deus e examinemos os pecados em que hoje caímos por pensamentos, palavras, ações e omissões, detendo-nos particularmente naqueles a que somos mais avezados”.

Calou-se; um silêncio de cinco minutos para o exame de consciência cotidiano.

Cesário começou a examinar os seus primeiros atos daquele dia, para ver se encontrava neles alguma falha, mas dentro em pouco estava pensando no livro.

E foi com a imagem dele na cabeça que fez a oração da noite.

-Mario, estou à espera que você se resolva a contar-me o caso do Gabriel, disse ao amigo, no outro dia, vendo que o recreio da manhã terminava sem ele tocar no assunto.

– Vou contar, Cesário, replicou Mario Dias. Mas ao que vejo você está dando uma importância que não tem ao fato... Já ontem à tarde observei isso. Em que nervosismo você anda! Que bicho o morderia?

Cesário olhou-o espantado e só então se lembrou daquilo:

“Será que Mario já teve conhecimento dessa história ridícula com Cônego Melo? Vou falar, gracejar, vou ser menos extravagante só para não lhe dar oportunidade de uma pergunta à respeito”:

E executando imediatamente a ideia:

– Uma importância que não tem? Não foi você mesmo quem disse ontem que me queria contar detalhadamente o caso do Gabriel?

– Eu...

Cesário não o deixou falar.

– Depois um amigo comum deixa o Seminário e você diz que não tem importância? Eu não conhecia “esse” Mario Dias!

– Cesário, você bem sabe que eu não ignoro que você está representando...

– Eu, representando? insistiu Cesário, evitando o olhar do outro, e sentindo que a pergunta sobre o seu fiasco da aula ia sair, que era irremediável.

– Escute, Cesário, vamos começar pondo as coisas em seus lugares... Que história foi essa com Cônego Melo?

– Quem contou a você?

– Ninguém.

– Ninguém? Então você adivinhou?

– Não adivinhei. Mas você já viu alguém cobrir o sol com um peneira?

– Hum! Não sabia que você também apreciava a sabedoria dos ditados! Ah, ah, ah... pôs-se Cesário a rir, ainda que o olhar do amigo o estivesse chamando silenciosamente à atitude que convinha.

Mario deixou-o acabar a pilhéria e tomando um ar ainda mais sério:

– Cesário, eis aí o caso tão desejado do Gabriel, uma vez que você...

– Agora não me interessa; guarde lá o seu caso, Mário!

Impassível como se o outro não houvesse dito nada, Mario Dias continuou. Tentou continuar, porque Cesário interrompeu-o:

– Mas eu já não disse Mario, que isso não me interessa? Já sei: Gabriel refletiu, viu que o sacerdócio não lhe convinha e fez o que esta corja de medíocres não tem coragem de fazer, saiu!

– Que linguagem é essa? Francamente, eu não compreendo! Será que você...

– Pode terminar.

– Cesário, será que você quer deixar o Seminário pelo fato de Gabriel o ter feito?
– Você me julga tão imbecil? Que tenho eu com Gabriel oi quem quer que seja?
– Então o que significa tudo isto? Você está incompreensível! Seja franco, que quer dizer esta farsa?

– Eu estou falando sério, Mario! Quer saber de uma coisa? Isto aqui é um ninho de malucos, você, eu... todos nós... Até logo! Tenho um livro muito interessante para ler em meu cubículo, estou perdendo tempo! Não suporto mais essas asas de anjo que crescem cada vez mais em suas costas, até logo!

Mário Dias ficou plantado no chão, sem dizer palavra, enquanto Cesário, sem mais o olhar, encaminhou-se para o cubículo. Mal entrou, porém o viu, o livro aberto sobre a mesa teve tal desgosto de si próprio, que não suportou o cubículo. E fechando a porta, dirigiu-se para a capela. Para a capela... que era o seu refúgio nesses momentos.

Vinte minutos depois, quando se recolheu de novo ao cubículo, um pouco mais sereno, reparou no chão um pequeno papel dobrado.

Abaixou-se para apanhá-lo com um movimento de surpresa. Mas ao abri-lo reconheceu imediatamente a letra fina e desenhada de Mário Dias. Sorriu. “Como esta letrinha se parece com ele! É a sua calma, o seu equilíbrio, o seu desejo constante de ser padre, é a certeza de que o será...”

O bilhete havia sido escrito às pressas; as correções à cada linha traíam a emoção do pulso que o redigira.

Ele leu:

Cesário,

Não é para insistir no absurdo de há pouco. O que passou, passou...

Apenas o que mais me entristeceu nessa história, foi esta conclusão a que cheguei: você nunca foi meu amigo. A nossa amizade foi um milagre de Gabriel entre nós ambos. Tão logo a presença dele faltou, a verdade revelou-se brutalmente. Como é doloroso isto! Mas paciência! Há dessas fatalidades. Não pense que eu estou querendo dar-lhe uma lição com um gesto preconcebido de humildade. É espontâneo isto: sou e quero ser amigo de você, apesar de tudo... E como amigo, é que lhe faço esta advertência, que receio não vir a tempo: para o sacerdote a literatura nem chega a ser secundário... é quaternário. A literatura, eis aí o seu mal, não o negue! Foi essa entrega sem reservas à literatura que perdeu Gabriel. Entre parêntesis: para mim ele tinha vocação, mas perdeu-a. No mundo ele será um valor fora de seu lugar. O que equivale a um desvalor.

Ah, meu caro Cesário, não se iluda. O que é preciso é muito silêncio. O silêncio é o pudor das almas sábias. Dentro dele cabe tudo que é grande: amor, beleza, cultura. É o sulco guardando a semente, e dando-lhe fecundidade.

Ora, mais do que ninguém, nós estamos no período em que urge arar a terra. É evidente que não entendo por silêncio um simples efeito de boca fechada. Trata-se, você me compreende, da “disciplina da alma”, pois daquele silêncio pode muito bem sair uma saraivada de palavras...

Enfim, que tudo isto fique dito de coração a coração. Agarre-se a Nossa Senhora, Rainha dos Apóstolos, e conte com as minhas humildes orações. Lembre-se sobretudo disto: que a vida passa muito depressa para se gastar o tempo precioso em outra coisa

que não seja conhecer a Nosso Senhor Jesus Cristo, a Quem devemos dedicar um amor levado até a paixão, inflamada, vivida... maníaca.

MARIO

la esquecendo: Depois de ler este bilhete, rasgue-o. Quero conversar com você no próximo recreio. Até já.

M.

Cesário terminou a leitura do bilhete, releu-o, e enquanto o relia, pensou:

“Seria eu capaz de dirigir palavras tão serenas a quem zombasse de mim? Sim, o que eu fiz não foi outra coisa senão zombaria. Como Mario é superior! E Gabriel, como se portaria Gabriel num caso destes? Não, Mario está muito acima de nós dois... No próximo recreio vou pedir-lhe desculpas. Que a literatura vá para o inferno! Para começar, não continuarei a leitura do livro que me enviou Gabriel! Quem sabe sabe se Mario não veio justamente, como instrumento da Graça, chamar minha natureza ao seu verdadeiro caminho?”

la começar nesse dia o período de exames mensais. Possuído de novas ideias, Cesário sentou-se à mesa começando por fazer a distribuição do tempo para o estudo das matérias. Depois, com a mesma disposição, abriu o compêndio e pôs-se a estudar a lição de Teologia.

E suspendendo de quando em quando o trabalho, surpreendia-se repetindo: “Pedir desculpas a Mario. Sim, pedir desculpas a Mario, no primeiro recreio”.

Naquele dia, não somente não pedira desculpas a Mario Dias, como se havia comprometido, mas evitara mesmo o amigo.

Este ainda tentara aproximar-se e conversa-lo, mas percebendo a atitude de Cesário, deixara agora que partisse dele o primeiro gesto de entendimento.

Essa expectativa alimentara-a ele o dia todo; o dia porém passara, chegara o recreio da noite, em que Mario Dias pusera a última esperança, recolheram-se à capela para o terço, e nada.

“Mas que será isso, meu Deus! pensava Mario Dias. Cesário não é assim! Não veria o meu bilhete? Impossível, aliás li-lhe nos olhos que o viu, sim, ele leu-o... Mas então? Deixara eu escapar alguma coisa que o ofendesse?”

E muito compreensivo, Mario Dias pôs-se a relembrar as palavras do bilhete:

“Seriam aquelas observações sobre a “literatura”? Achará ele que eu estou sendo injusto com Gabriel, ou mesmo caluniando-o, ao atribuir a essa influência a sua saída? Com certeza foi isso! Mas Cesário é tão compreensivo sempre, tão cordato... Não compreendo! Ou zangar-se-ia com as minhas advertências sobre a necessidade de silêncio e tomaria aquilo com uma crítica a sua conduta?”

Pôs-se a estudar, ou melhor, tentou fazê-lo, porque ao fim de algum tempo estava de novo a insistir naquilo.

“Quem sabe se Cesário se arrependeu da comédia de hoje de manhã e o ,eu bilhete deixou-o, sim, talvez o deixasse... assim meio envergonhado e por isso me evitou...”

Esteve parado um pouco, admirado daquela ideia, e depois: “Não, isto é absurdo! Envergonhado, porque? Não, tolice...” e abaixou a cabeça sobre o compêndio.

Enganava-se; não era absurdo, como julgava, era exatamente aquilo.

A princípio Cesário decidira pedir desculpas ao amigo. Mas no primeiro recreio não o encontrou no pátio (soube depois que havia ido ao médico), e não pudera fazê-lo. No recreio do almoço, não soube porque sentira um certo acanhamento e acabara procurando intencionalmente um colega que se dava com Mario Dias, o Zélio, só para que o amigo não se aproximasse.

No pequeno recreio da tarde, após o café “fugira” para seu cubículo e no do jantar recolhera-se a ele, antes que o Mario Dias o procurasse. Durante as refeições, tomadas em silêncio, evitara-lhe o olhar... “Mas que criatura absurda sou eu! pensava Cesário. Crio cada situação, e o pior é que depois não me sei sair delas! Se no recreio do almoço eu tivesse me aproximado dele, este mal-entendido estaria de uma vez acabado! Eu não dou mesmo para andar com essas histórias... Como vou fazer agora? Isto é que é pior! Como vou fazer agora? Escrever-lhe um bilhete? Não, esses bilhetes ainda nos vão comprometer a ambos, nada disso! É melhor deixar para amanhã... E que estará pensando ele de tudo isto? Bem, não quero me preocupar com isso, amanhã conversarei com ele no primeiro recreio sim, amanhã...”

Cesário queria estudar, mas não conseguia dominar-se. Durante o dia as ocupações ainda o haviam distraído daquela intranquilidade. Mas com a chegada da noite

e o fim dos trabalhos, a lembrança da conduta absurda que tivera com o amigo tornara-se mais viva e impedia-o de dedicar-se ao que quer que fosse. De repente encontrou uma ideia salvadora: lembrou-se de ir procurar Padre Tobias.

Saiu do cubículo, mas quando se dirigia para lá, pensou nos exames mensais e esteve para voltar. Mas reparando acesa a luz do quarto do Padre, continuou. “Ele vive sempre tão ocupado, se eu não aproveitar esta oportunidade talvez muito cedo não tenha outra! Os exames que esperem... Primeiro o meu espírito!”

– Olá, Cesário, que faz aqui a estas horas?

– Ia a seu quarto, Padre Tobias! Ia importunar o senhor...

– Ia? Então não vai mais?

E antes que Cesário respondesse:

– Vá para lá, que eu já volto. Mas não morra de impaciência se eu demorar... acrescentou, afastando-se.

Cesário entrou no quarto do padre; estava a folhear alguns livros nas estantes, pôs-se depois a observar o ambiente.

O quarto de Padre Tobias não se parecia em nada como os dos outros professores.

Que simplicidade! Mais parecia uma cela de frade... Em compensação, quanto livro!

Nas duas estantes, amontoavam-se atabalhoadamente; de cabeça para baixo uns, tomando espaço demais outros... Não fazia mal! Os que não cabiam nelas, empilhavam-se sobre uma mala, atrás da porta, nos cantos... O ar do quarto tinha um cheiro característico. Cesário conhecia-o e habituara-se a ele: era o cheiro penetrante das cigarrilhas que Padre Tobias fumava.

Veio logo, Padre Tobias.

– Vim, mas isso não é sempre. Quando Padre reitor me pega para lhe corrigir as provas do Estatuto...

– Quando sai? indagou Cesário, aproximando-se de um pequeno quadro que ainda não havia reparado à parede. Era uma tricomia e representava o anjo Rafael conduzindo pela mão o jovem Tobias.

– Talvez ainda este mês, depois da semana santa. Está olhando o anjo que me ajudou a atravessar o túnel, Cesário?

O seminarista voltou-se para ele.

– O túnel? Que túnel, Padre Tobias?

– A crise de compreensão que todos nós sofremos. Você, por exemplo, está atravessando-a agora...

– E o Senhor já a atravessou inteiramente?

– Já. Estou saindo na porta... Há sol, sabe, Cesário? Mas então, que o traz aqui? Tem feito poemas?

Cesário tornou-se subitamente vermelho.

– Nada, não quero saber mais disso! Queimei tudo...

– Hum! Ainda bem!

– Porque diz isso, Padre Tobias? O senhor já os fez também...

– Sim, Cesário. Mas naquele tempo eu fazia poemas, hoje esforço-me por viver poesia. Que acha, não ganhei na troca?

– Então não era sincero consigo mesmo, naquela época?

– Era. Mas há muitas maneiras de ser sincero. Tanto o era, que um dia acabei renunciando, entrei para o Seminário, e hoje sou padre!

– Padre Tobias, acho o senhor um homem tão diferente de toda a gente. Eu gostaria de ser como o senhor! Já observei que no fundo é a necessidade desse contato que me trás aqui...

O padre riu. Cesário sentia-se também contagiado por aquele riso. Mas Padre Tobias tomou de repente um ar sério.

– Não é a primeira pessoa que me diz isso, Cesário! Mas não me tome como exemplo, eu posso servir para tudo, menos para exemplo, ouviu?

– Oh, porque fala assim, Padre Tobias? O senhor, por outro lado, não é um sacerdote como os outros?

Padre Tobias meneou a cabeça e encarando-o:

– Você tem ainda muito de menino, Cesário! Isto foi como um jato de água fria sobre o seu entusiasmo. Ficou confuso e, muito vermelho, baixou a cabeça.

– Vejo que estranha esta observação sobre o seu caráter, hein! Mas esperava por ela e está envergonhado... <as não tem motivos para tal. Olhe para mim, Cesário! Repare que eu não me refiro, longe disso, a atraso mental com relação à idade, absolutamente, mas à sua maneira íntima de ser, compreende?

Cesário continuou a olhá-lo atentamente.

– Eu quero dizer o seguinte. Ou melhor responda-me a isto: nunca notou em você uma certa falta de jeito para desenvolver uma determinada conduta de conveniência, e quando o tenta fazer, pense bem, não tem tentado muitas vezes fazê-lo com insucesso?

– Realmente, Padre Tobias, tem sido assim mesmo...

– Pois é, tem sido e sê-lo-á sempre. Cesário. Mas não fique triste por causa disso, ouviu? Fique sabendo que isso é uma das suas qualidades.

Ele sorriu.

– Sim, qualidades, não ria. Já observei isso em você ainda que nunca lhe tivesse falado. E agora quero dizer-lho, agora que se apresentou a ocasião oportuna.

– Padre Tobias, interrompeu-o Cesário, Monsenhor Henrique me conhece intimamente há tanto tempo e nunca ouvi dele uma linguagem assim... O senhor está me dizendo coisas que eu próprio já havia percebido sem compreender, e que tinham até... me desgostado de mim mesmo.

– Mas está errado Cesário. Não se desgoste com o que é o melhor de si próprio. As crianças ignoram o que convém e o que não convém, são seres diretos, naturezas ainda não deturpadas pelas engrenagens da vida, daí uma franqueza ingênua que elas põem (exatamente como você faz) para escândalo dos adultos corrompidos, em tudo o que dizem e fazem. Você queria ser um maldito adulto grave, cheio de “sabedoria” e de bom-senso, não é?

Fez um gesto indeciso com a cabeça.

– É assim, Cesário. Os homens acham ridículo ser simples, e ainda que bem lá no fundo de cada um seja simples, todos afetam complicação. Não conhece a anedota da criança na corte?

– Não Padre Tobias, conte!

– É muito simples, mas como todas as coisas simples, muito sábia. Um dia o rei entrou despido em sua corte. Sensação, escândalo? Não, nenhum cortesão reparou que o rei estava em trajes do Éden...

Padre Tobias calou-se.

– Ué! Mas é só? E a criança?

– Ah, é verdade, eu disse que havia uma criança na corte. Pois foi a única que viu o rei despido. Viu e gritou: “Mamãe, o rei está nú!”

Houve um breve instante de riso.

De súbito Padre Tobias tomou um ar sério (era muito dele, esta transição) e num tom lento e sereno:

– “Se não vos tornardes como as crianças não entrareis no Reino dos Céus...”

Cesário teve a impressão de que ouvia aquele velho conselho sobre o qual passara tantas vezes sem ver nada de profundo, pela primeira vez, e sentiu que ele encerrava um alto e novo sentido.

– Isto foi dito pelo mais alto espírito que a humanidade conheceu! Tenha sempre em vista isto, meu amigo: você será tanto melhor quanto mais se convencer que não deve trair sua natureza, sob esse aspecto realmente privilegiada, ouviu?

– Padre Tobias, eu não encontro palavras com que agradecer tudo o que o senhor acaba de dizer sobre mim! Neste momento, sob a ação de suas palavras, eu tenho, eu sinto como que uma compreensão de tudo. Tudo me aparece de repente sob um outro prisma. Obrigado, Padre Tobias!

Cesário estava comovido até às lágrimas, lágrimas de uma alegria que nunca experimentara, e era à força que as dominava.

– Então, meu amigo, está aí o melhor agradecimento que você me pode fazer: dar-me a certeza de que, se alguma influência exerço sobre seu espírito, é uma boa influência. A nossa comum aspiração não é fazemo-nos “aprendizes de santos”? Vamos fazê-lo juntos! Eu também quero que você me ensine o que sabe!...

– Eu não sei nada, Padre Tobias (e Cesário aproximou-se dele, segurando as mãos) o senhor é que é um santo, disse, e num transporte em que ia toda a sua terna admiração por Padre Tobias, beijou-lhas e saiu precipitadamente do quarto.

Recolheu-se à capela.

“Que homem admirável, pensava ele, que criatura estranha este Padre Tobias! Os primeiros cristãos, os cristãos das catacumbas não seriam de outro jeito... Cada vez me sinto mais perto dele, que alma!”

O sino bateu e começaram a entrar os colegas. Enquanto não começava a oração da noite, Cesário ainda pensou: “Interessante, já o ano passado reparei numa coisa: todas as vezes que volto de uma conversa com ele, tenho o sentimento de que não estou em meu lugar... Que será isso? Gostaria de não voltar assim da presença dele! Que será isso?”

Na manhã seguinte ao entrar na capela para a missa, a primeira coisa que fez foi procurar o amigo com os olhos. E com grande espanto, não viu Mario em seu lugar.

Antes de seguir para o refeitório, foi ao cubículo do *deão*.

– “Padre” Angelo, sabe me dar notícias de Mario Dias? Não o vi na capela!

– Está doente, Cesário. Veio de manhãzinha me avisar que não iria à missa.

– Mas sabe o que ele tem? Será grave?

– Não, não sei. Disse que estava se sentindo mal. Não deve ser grave; são essas recaídas de sempre.

Agradeceu ao *deão* e correu para seu lugar na fila, que já se deslocava em direção ao refeitório.

“Mario está doente! Não esperava por esta! Só assim não precisarei pedir-lhe desculpas hoje! É verdade que quanto mais dias se passarem mais difícil se vai tornando esta absurda situação... Em todo caso ainda não será hoje!”

Dois dias depois, começaram os exames, que levaram a semana inteira.

A seguir veio a Semana Santa, com saídas diárias à Catedral.

Repleto de múltiplas ocupações neste período, não tocou uma só vez em seu “diário”.

Mas com o reinício das aulas, após uma semana de descanso, as anotações continuaram com a mesma regularidade.

12 de Abril

Recomeçaram as aulas. Farei tudo para me conservar em dia com as matérias do curso. Ao menos as principais. Que Nosso Senhor abençoe esta minha disposição!

12 de Abril, 9 horas da noite

Monsenhor reitor adquiriu ultimamente uma máquina de projeção cinematográfica. Acabamos de assistir a uma pequena sessão. Uma comédia sem graça, traindo a intenção educativa e um filme um tanto fantástico da evolução dos mundos.

Eu havia procurado sentar-me ao lado de Padre Tobias, que viera para nossas cadeiras, e assistia a este último filme com bastante interesse. A certa altura não pude conter-me e transmiti a Padre Tobias a minha impressão com esta frase: “Mas que coisa impressionante!” Na tela continuavam a projetar-se os mais esquisitos animais, a caminhar em geleiras, a devorar-se uns aos outros... a transformar-se. Depois vinha uma chuva implacável que destruía tudo e as ossadas daqueles animais desmoronavam entre o solo que se abria. Em seguida, novas formas, mais aperfeiçoadas, que vinham viver no novo habitat. Padre Tobias não me ouvira. Repeti a observação, ele sorriu e disse: “Interessante, e nós mesmos – o homem – somos essa revolução”. Era o que eu estava sentindo sem o saber!

13 de Abril

Que monótono o primeiro dia de aula, depois de um intervalo! Agora vai começar o ramerrão terrível. A vida de comunidade! Sinto-a cada vez mais insuportável. Não, não compreendo as palavras do salmo: “Ecce quam bonum et quam jucundum habitare fratres in unum”. Melhor sinto São Bernardo: “Mea maxima poenitentia, vita communis est”. Poderei aspirar ao apostolado com esses sentimentos? (conversar com Monsenhor Henrique a este respeito).

14 de Abril

Não comunguei hoje. Escrúpulos? Não. Tenho certeza de que estou em estado de graça. Minha consciência não me acusa de nenhum pecado grave – podia ter comungado. É estranho! Porque não me apresentei à mesa eucarística? Deixei-me ficar pregado no genuflexório, a olhar os colegas se aproximarem do altar, a observar a pronúncia italiana do latim de Monsenhor reitor e, nessa indecisão, o momento passou sem que eu me decidisse. Horrível. Porque isto? Será que eu não acredito mais na presença real de Nosso Senhor na Eucaristia? Tenho medo de mim próprio.

Amanhã é o dia de aniversário de Padre Tobias. Assistir a missa e comungar em sua intenção.

15 de Abril

Fiz a comunhão desta manhã com bastante fervor. Graças a Deus! Ir ao quarto de Padre Tobias logo mais à noite dar-lhe um abraço. Conversar com ele sobre o *espírito* de fraternidade e caridade cristãs.

3 horas. Acabam de entregar-me uma carta de casa. Um pequeno post-scriptum de Tilda comunicando-me que desfez o noivado.

16 de Abril

Estive ontem à tarde com Padre Tobias. Conversamos muito. Ele tem cada uma! Está escrevendo uma série de artigos sobre Anchieta e deu-me o primeiro, já publicado. Quando terminei a leitura quis saber minha opinião. Se não o conhecesse, isso me surpreenderia, de que lhe pode servir uma apreciação minha? “Gostou?” “Muito, Padre Tobias” “E?” fez ele, voltando-se para o meu lado. Eu então animei-me e continuei: “Agora acho uma coisa (na verdade sou um grande tolo!) talvez não seja um tanto, ou melhor, não é nada afirmativo, como talvez fosse de desejar, tratando-se, sim, tratando-se de um trabalho assinado por um padre”.

Ele teve um largo sorriso que vindo de outra pessoa me teria susceptibilizado: “Você acha que não está bastante afirmativo, é?” Calei-me. Padre Tobias é sempre imprevisto para mim, às vezes me desnorteia... Não sei porque, mas já reparei isto: ao anotar minhas conversas com ele, sou sempre capaz de as recordar perfeitamente.

Não comunguei hoje. Preciso confessar-me. Fazê-lo com o confessor ordinário logo mais à tarde.

17 de Abril

Frei Santana não veio ontem. Bem podia ter me confessado com um padre da casa.

Um fato interessante: depois que nos aproximamos novamente, Mario Dias tem-me dedicado um interesse verdadeiramente fraternal. Aliás o mesmo vem se dando, de uns tempos para cá, da parte de Deusdedit.

18 de Abril

Três dias sem comungar! Já devo estar sendo notado. Paciência. Depois de amanhã, 20, haverá retiro mensal. Confesso-me nesse dia.

20 de Abril

Retiro mensal. Oh, as doçuras espirituais de um dia de recolhimento... Sinto-me perfeitamente reconciliado com tudo. Nestas ocasiões, até a própria ideia da morte perde para mim o seu aspecto sinistro... Tenho o sentimento de que é um começo e não um fim.

26 de Abril

Porque será que passei estes dias sem precisar fazer confidências ao meu diário? E porque será que volto de novo a ele? Estive relendo a carta de Gabriel e rasguei-a. Arrependi-me imediatamente de o ter feito.

27 de Abril

Hoje a missa da comunidade foi celebrada por Padre Tobias. Talvez por isso é que eu a assisti com mais fervor. Interessante, já tinha ouvido falar nisso e não havia dado crédito: Padre Tobias celebra bastante depressa a missa! Se a lentidão dos movimentos litúrgicos é um sinal de piedade... Por outro lado, notei-lhe durante a cerimônia um sorriso ingênuo nos lábios. Lembro-me que me disse, uma vez, que o seu grande sonho é deixar o Seminário e trabalhar numa paróquia. Entrar em contato com o povo, com a gente humilde, tão esquecida. Padre Tobias! Como eu lhe quero bem!

28 de Abril

Carlos Alberto foi mandado embora. Embarcou à tarde. Monsenhor reitor proibiu qualquer comentário a respeito. A descrição está sendo mantida, ainda que ninguém ignore o porque desse gesto.

29 de Abril

Depois de amanhã começa o mês de Maio. Foi afixada a lista dos que falarão durante esse mês sobre Nossa Senhora. Graças a Deus, não fui escolhido!

1 de Maio

Acabo de voltar da capela. Terço, sermão de Josias sobre Nossa Senhora, bênção solene. Melodias soturnas ou alegres de canto-chão, sutil perfume de rosas no ar, volutas de incenso subindo e se perdendo para sempre, semanas santas, meses de maio, ah, a vossa magia para quem vos viveu na idade das informes aspirações! Mais do que as prédicas e advertências, mais do que as confissões semanais, as pequenas mortificações ou as árduas lições de Apologética, eu vos sinto na minha alma de seminarista! Volto hoje a ter doze anos.

2 e 3 de Maio

Há muito que não me sentia espiritualmente tão afervorado...

4 de Maio

Arranquei hoje do Deusdedit o segredo da conduta dele e Mario para comigo. Tanto insisti, que acabou me contando tudo. Mario Dias convenceu-se de que a minha vocação está em perigo. Contou-lhe a grosseria que eu lhe havia feito, desculpando-me sempre, e acabou pedindo a Deusdedit que o ajudasse neste trabalho que julgava obrigação moral de sua parte: “rodear-me de carinho e conforto espirituais!” Admirável Mario.

5 de Maio

Sinto que uma nova crise se está preparando surdamente em mim. Procurar hoje mesmo o meu diretor espiritual.

6 de Maio

Uma verdadeira surpresa para todos: a volta de Mariano para o Seminário. Estávamos no recreio do almoço, quando ele apareceu. A surpresa foi tanto maior quanto ninguém havia tido notícia de nada. Voltou mais magro, e conserva uma atitude retraída, quase de uma pessoa envergonhada... Também o que “murmura” sobre ele, não é para menos! Em todo caso, tiveram todos uma conduta discreta em sua presença.

Estive ontem com Monsenhor Henrique. É inútil, não nos entendemos. Dá-me a impressão de “espírito organizado em função de classe”, de “virtude técnica”... Estarei sendo injusto?

7 de Maio, 4 horas da manhã

Que estranho o que acaba de se passar comigo! Estaria mesmo sonhando? Sim, porque duvidar? Quando recobrei perfeita consciência não me vi sentado à beira da cama, com os pés no assoalho frio, a esfregar os olhos? Depois não reparei que a janela do cubículo estava fechada, não a abri e não me deixei ficar debruçado para fora algum tempo olhando as manchas lácteas que a claridade da lua punha nos vultos imprecisos dos eucaliptos? Não resta a menor dúvida, estava dormindo, sonhei durante o sono e

agora estou perfeitamente lúcido. Que sonho, meu Deus! Lembro-me perfeitamente. Mas seria mesmo um sonho? Bom, pouco importa. Vou anotá-lo tal qual.

Via-me diante de uma planície muito longa, onde flores (não conseguia é identificar a espécie) brancas, azuis, vermelhas, agitavam-se nas hastes flexíveis. Como o movimento era bom àquela hora matinal! Estava fazendo (pensava eu) a minha promenade sentimental. Nenhuma lembrança inoportuna! Apenas uma profunda alegria de ser eu, de existir, de estar ali... Pronunciei o próprio nome em voz alta: Felix! Que ironia se eu não me chamasse Felix! pensei. Pensava sem palavras. Era estranho, tinha o conhecimento rápido e presente de tudo. Isto deixava-me surpreso, maravilhado. Então quis comunicar a alguém (para que não se perdesse, exatamente para que não se perdesse, murmurava comigo) aquele momento de estranhíssimas emoções.

Disse muitas palavras numa linguagem exótica, que entretanto compreendia. Fiz gestos. Tudo inútil! A distância ainda me pareceu maior, pois nem o eco daquelas palavras, nada. Só o ruído da voz é que agitou de leve, como um calafrio, as tulipas (um perfume viera até mim – eram tulipas!).

Então olhando em redor, compreendi que estava só e comecei a sentir-me estrangeiro ali.

Até um azul transparente, que estivera dentro e fora de mim – era singular aquele céu! – ao mesmo tempo desaparecera.

Ah, é que me achava em um país longínquo, talvez na ilha de Canabulú, e era assim aquele país... Mas como viera parar ali?

Quis fugir, porque começava a ter medo. Fiz um esforço de quem remove toneladas. Inútil, inútil... Os membros não obedecia,. Estava enraizado àquele lugar adverso como um vegetal milenar. Meus braços cresciam, cresciam desumanamente para o alto, imitavam galhos. Eu era – meus olhos assistiam serenos àquela metamorfose – a árvore colorida que vira em meu compêndio de história natural, anos atrás. Mas o compêndio fora escrito por um nome célebre. Goethe, Ghunter! Fiquei repetindo uma infinidade de vezes os dois nomes, depois eram sílabas, afinal baralhavam-se numa só palavra arrevesada e incompreensível, que não significava mais nada.

Porém uns sons lentíssimos (estranha música que estivera até ali ouvindo em surdina) invadiram de súbito a planície. E um ritmo de canto-chão envolvia tudo. Eu considerava friamente: esta música vem das catacumbas dos primeiros cristãos!

Depois os sons foram diminuindo. E à medida que silenciavam, iam humanizando as tulipas. As cordas enormes transformavam-se magicamente em rostos. E as hastes esguias eram corpos. Silhuetas de mulheres. Muitas, muitas, todas de branco. Eram as virgens cristãs, as onze mil virgens cristãs de Santo Ambrósio, considerei eu. Eram elas! E como sorriam! Aquele sorriso era o sinal da Graça! Mas quem era aquela que não sorria e se retraía tímida, quem era? Tilda! Aquele jeito de olhar, aqueles cabelos, só podia ser ela! Lembrei-me de chamá-la pelo nome.

Não chamei! Achava estranho que Tilda estivesse ali, adolescente, numa época tão remota, numa época tão... Pousei a cabeça entre as mãos e murmurei para mim (devia evitar que ela me ouvisse) mas Tilda não compreende isso? Porque não se vai daqui? Porque, meu Deus?

E aquele pensamento começou a preocupar-me, a absorver-me de maneira angustiosa. Até que uma parte muito remota de meu ser, ordenou que levantasse a cabeça.

Estava, menino, sentado à mesa da sala de jantar, com um livro aberto sob os olhos. Era noite. Em minha frente, Monsenhor Henrique. Cabeça pendida para a mesa, o velho padre cobria com uma letra em arabescos uma larga folha. Aproximei-me dele: Onde está Tilda? E o padre: Que Tilda? Insisti: Tilda! O padre respondeu: Está morta! Eu arregalei os olhos: Morta? Ele confirmou: Sim, por isso é que você a viu entre as virgens cristãs. E você também vai morrer, ouviu? Morrer? murmurei eu fixando-o. Sim, porque você está em pecado mortal, então não se lembra que olhou com olhos de desejo para as virgens cristãs? Eu? Você sim, e vai direitinho para o inferno, fique sabendo! Muito envergonhado, baixei a cabeça. Impassível, Monsenhor recomeçara a escrever. Nem parecia agora dar pela minha presença. Como aquele alheamento me feria! Queria falar, defender-me da acusação do padre, contudo absorvia-me a agilidade com que os dedos dele se moviam sobre a larga folha branca e as palavras morriam-me na garganta. Aquelas mãos! Como estavam brancas! Não seriam de Tilda, aquelas mãos? E se as tocasse, estariam frias, estariam quentes, aquelas mãos? Perdia-me na insistência desta ideia, quando Monsenhor parando bruscamente o trabalho, ergue a cabeça e apontou para o título no alto da folha. Inclinei-me para ler, mas não compreendia nada. Que é isso? pude enfim perguntar. Mas o padre não respondeu, nem era mais ele que estava ali, e as palavras da folha branca começaram a crescer em minha frente, a agigantarem-se, e depois desmoronaram com fragor sobre mim... E tudo se ia tornando confuso de novo ignorava onde estava, só trevas, trevas... Agora estava sendo arrastado por túneis que terminavam nunca...

De repente um estremeção e tudo se dissipou abruptamente.

8 de Maio

Achei a missa de hoje tão demorada! Parecia-me que não acabava mais... Tentei acompanhá-la em meu “Livro do Seminarista” mas foi inútil.

Depois da “elevação” pus-me a folhear os livros de piedade, a examinar com tédio os detalhes das vinhetas e foi um verdadeiro alívio quando ouvi a voz do “Padre” Angelo puxar a oração final.

9 de Maio

Monsenhor reitor está viajando. Padre espiritual ficou celebrando a missa da comunidade em seu lugar.

Não comunguei ontem nem hoje. Já compreendi o meu mal: a imaginação. Porque descabelados caminhos me tem arrastado estes dias! Faz de mim o que quer. Estou ocupado no interesse mais grave possível e, de súbito, lá vem ela, estendendo-me a mão. Não resisto, estendo-lhe a minha... E eis-nos por descampados sem fins, à aventura, numa viagem maravilhosa, indescritível... Mas quando menos espero, horror! – abandona-me brutalmente com a consciência acabrunhada de tudo o que se passou. Sinto vergonha de mim próprio, me desprezo...

11 de Maio

Ó mundo dos sentidos, nós não te pertencemos, mas eu sofro a tua mágica atração, eu te adivinho! E, eu sei que tu não és impuro, eu sei que te caluniam... Pecado! Pecado! Que quer dizer esta palavra? Quisera viver o meu próprio temperamento e caminhar para a frente com o ímpeto de uma chama se devorando a si mesma... Que coisa horrível ter que estar, a cada momento, justificando intelectualmente sentimentos que não se sentem!

14 de Maio

Três dias sem coragem de tocar nisto. Estive hoje relendo estas anotações e fiquei horrorizado de tanta miséria... Que significa este diário?

19 de Maio

Compreendi nestes dias de afastamento o que significa este diário em minha vida. É a minha maldita fatalidade literária. Não há negar, é isso. Como nós somos senhores de nossos atos! Queimei meus poemas, afastei-me das leituras, julguei-me inteiramente a salvo dessa inclinação, e agora é que estou vendo: transferi tudo para um diário.

Não o continuarei. Aliás já estava me tornando escravo dele.

Também não o destruirei. Que fique. Talvez um dia tenha algum interesse em lançar os olhos sobre esta papelada...

Quando lhe teria surgido pela primeira vez aquela ideia? No dia da chegada? Talvez. Mas aí teria sido de uma maneira muito vaga, pois não tinha a menor lembrança. E uma ideia daquelas era para impressioná-lo! Ou seria na tarde em que Mario Dias chegara com a notícia da saída de Gabriel? Ficou uns instantes indeciso. E depois: Também não se lembrava de nada. Mas que lhe importava isso? Não seria mais acertado reconhecer que aquela ideia fora-se cristalizando aos poucos? Sim, ainda que a coisa somente agora se apresentasse tão claramente, a verdade era essa. Não seria possível que ele, Cesário, quera *aquilo*?

Terminara pouco antes a aula de Moral. Voltava naquele momento do salão geral e, ao entrar no cubículo, reparara casualmente em sua figura... achando-se de súbito, *esquisito*. Olhara-se de novo, estivera a considerar-se naquelas vestes, passando a mão lentamente na “voltinha” para ajeitá-la, puxando o punho branco da camisa (como era chocante aquele contraste entre o branco da camisa e o negro da batina!) e pensara:

“Esta batina preta... eu metido dentro dela... que coisa esquisita! Não, decididamente eu estou errado. Não é este o meu caminho!”

Mas ao mesmo tempo surpreso: “Meu Deus, que tolice! Que tem a batina com a minha vocação? Isto é ridículo!”

E depois de alguns instantes: “É ridículo mas é assim, Gabriel... Mariano! É verdade, porque sairia Mariano? Vou conversar com ele sobre isso”.

Não pôde suportar o cubículo, e saiu sem saber o que fazer. Já no corredor, lembrou-se de ir olhar as horas no cubículo do *deão*.

– Que há, Cesário?

– Nada, “Padre” Angelo. Vim ver as horas!

– São quase cinco... Não demora em tocar para o jantar.

– Será que o Monsenhor Henrique está aí, “Padre” Angelo?

– Vi-o sair agora mesmo, Cesário. Vai fazer uma conferência para os congregados marianos na cidade.

Enquanto falava com o *deão*, Cesário havia decidido consigo, caso o diretor espiritual estivesse no Seminário, ir procurá-lo imediatamente.

Agora porém que sabia Monsenhor ter saído, estava dando graças a Deus, pois (justificava-se ele a si mesmo), não era por culpa sua que o deixara de procurar naquele momento crítico.

Não voltou ao cubículo, porque o sino tocou para o jantar. Durante a refeição, aqueles pensamentos não o largavam.

“Resolvi deixar o Seminário!. Não, não é possível, eu estou sonhando! Impossível que não esteja... E com que serenidade reflito sobre um passo que, uma vez dado, será decisivo em minha vida! É estranho, esta serenidade! Sempre imaginei que se um dia tivesse tal ideia, meu espírito recebê-la-ia abismado. No entanto... Quem sabe se esta resolução não está arraigada em meu espírito muito mais fundamente do que suponho... Preciso conversar com Mariano. Talvez a experiência dele me sirva de alguma coisa, quem sabe!”

E no recreio do jantar, depois de ter habilmente encaminhado a conversa para o assunto:

– Então, Mariano, que história foi essa que houve com você?

O colega fez-se de desentendido.

– A que se refere, Cesário?

– Não sabe? Ou não devo perguntar?

– Ora, Cesário, isso a que você alude foi muito sem importância...

– Mas não se pode saber, Mariano?

– A você eu contaria! Mais tarde, porém mais tarde eu lhe contarei tudo...

– Quer saber porque pergunto, Mariano?

O colega olhou-o com curiosidade.

– Ando com ideias de me afastar do Seminário.

– Não diga, Cesário! Você?

– Eu, porque se admira? Acaso sou melhor do que os outros?

– Cesário, não faça isso! O mundo lá fora não é o que a gente imagina, visto daqui...

– É essa a lição de sua experiência?

– Talvez uma delas... Mas que motivos tem você para sair?

– Mas eu não vou sair, Mariano, você está indo também longe demais...

– Ah, logo vi, era então para me fazer contar o que se passou comigo. Você, Cesário!

– Não era, Mariano! Ou talvez fôsse, vá lá...

– Era para isso mesmo... Você não pode ter motivos para um gesto desses, você, um seminarista tão...

– Já sei, Mariano: um seminarista tão bem comportado, tão estudioso, etc, etc.

Mas me diga uma coisa: será esse o *verdadeiro* Cesário?

– Não, Cesário, você não pode ter motivos para sair...

Estiveram alguns instantes calados. E Mariano, na intenção de ser útil ao colega:

– Você tem razão! Eu não tenho motivos para sair... Ou por outra, bom... deixemos!

– Escute, Cesário, vou contar a você o que se passou comigo. Foi uma tolice inqualificável! É incrível! A gente faz cada asneira... Em resumo foi isto: No começo das férias peguei a notar uma mocinha que via todos os dias na paróquia... não sei como, um dia vi-me a conversar com ela, depois da missa... no outro dia nova conversa... e quando dei conta de mim estava gostando dela...

– E o seu vigário não via nada?

– Não sei, Padre Francisco não dá muita importância aos seminaristas da paróquia dele... O fato é que ela acabou confessando que também gostava de mim, fui conversar com meu bispo e deixei a batina...

– Mas tudo tão rápido?

– Que quer você? Tal qual... Um acontecimento atrás do outro... só agora é que eu vejo como foi tudo tão absurdo, ridículo...

– Bom, você tirou a batina e depois?

– Aí é que começa a minha volta para o Seminário... Tirei a batina e comecei a observar que ela (chamava-se Aydée... mas tratavam-na de Déa...) havia esfriado para comigo... já não era a mesma...

– Isso parece um enredo de romance, Mariano!

– É o que eu também acho, Cesário... Mas está ouvindo, ela começou a esfriar e mostrar-se indiferente... Em resumo: entramos em explicações, tudo acabou e eu voltei...

– Mas como? Porque acabou?

– Era uma tolinha, Cesário! O que ela amava em mim era o “mistério” da batina, compreende? Uma vez sem ela ela, eu era um homem como outro qualquer.

E após um breve silêncio:

– Éramos dois tolos, Cesário! Eu, o que amava nela, era a *liberdade* que desconhecia... É bem pouco essa *liberdade* que aqui dentro se imagina. Não é nada, quando se toca de perto.

– Escute, mas isso tudo não scandalizou o seu bispo? Aceitou-o segunda vez, sem mais nada?

– Mamãe esteve com ele, e arranjou tudo... Mas Cesário, eu não contei isto a ninguém. Olhe lá. Pelo amor de Deus!

– Ora, Mariano.

– Então, ainda pensa em sair, Cesário?

– Não sei, Mariano. O meu caso é outro.

– No fundo é o mesmo. Cuidado não vá dar um passo errado. No fim a gente se arrepende sempre. É tão tolo o mundo lá fora! Agora uma coisa, Cesário. Será que essa resolução não tem uma influência, ainda que longínqua, de Gabriel?

– Mario Dias também já me disse o mesmo, Mariano. Respondo que não. Porém se vocês quiserem levar a coisa para esse lado, que posso fazer?

Mariano protestou que não e, exaltado com a ideia de salvar o colega, entrou a fazer longas considerações sobre o seu caso. Quando o sino tocou, dando fim ao recreio, bateu-lhe nas costas:

– Então, Cesário, será que você ainda pensa em sair, hein? Cesário ia dizer: “os meus motivos são outros, Mariano”, mas preferiu sorrir.

E separaram-se em silêncio.

No "estudo" da noite foi procurar o diretor espiritual.

Como das outras vezes, Monsenhor Henrique começou a entrar em detalhes sobre a sua vida espiritual. Então Cesário resolveu entrar abruptamente no motivo que o levava ali;

– Monsenhor, estou resolvido a deixar o Seminário.

O padre teve um movimento de surpresa, que procurou dominar.

– Começamos então pelo princípio, meu filho. Vamos ver, quando lhe surgiu pela primeira vez essa ideia?

– Pela primeira vez, Monsenhor? Talvez... (ficou um instante indeciso). Não sei precisar, Monsenhor. Tenho a impressão de que esta resolução instalou-se em mim imperceptivelmente e foi-se desenvolvendo sem eu o sentir...

– É possível, meu filho. Mas não se lembra de nenhum fato, de nenhuma circunstância que pudesse ser o ponto de partida, que pudesse ter influído?

– Pelo menos neste momento não, Monsenhor.

– Compreendo-o meu filho. Mas ultimamente, como foi que se apresentou ultimamente ao espírito essa ideia?

Cesário relatou ao padre sua impressão ao entrar à tarde no cubículo. O diretor espiritual ouviu-o com atenção, e assim que ele se calou:

– Meu filho, em vista do que o senhor acaba de me dar conta, acho que somente me compete esclarecer-lhe o seguinte: tudo isso não passa de uma tentação do inimigo.

Cesário encarou o padre.

– Não estranhe, meu filho! O senhor – repito-lho – está sendo vítima de uma forte tentação. Noto que sua vontade não entrou nessa decisão. Decisão? Que digo eu? A decisão é uma fase do ato voluntário. E o que não houve nisso tudo, foi exatamente intromissão da vontade. O inimigo apresentou-lhe essa ideia, e o senhor, talvez espiritualmente desprevenido, não teve forças para resistir. Mas tudo isso não é senão uma provaçozinha que Nosso Senhor lhe envia, pode estar certo. E justamente para fortificar ainda mais a sua vocação. Ao senhor cumpre portanto corresponder a essa graça, compreende?

Cesário fez um gesto afirmativo com a cabeça. O padre continuou:

– E sabe qual a melhor maneira de se tornar agradável a Nosso Senhor, meu filho?

– Pelo cumprimento de meus deveres de estado...

– Exatamente. Pelo cumprimento de seus deveres de estado, o senhor disse muito bem. E sabe qual o mais salutar remédio contra as tentações de toda a ordem? A assiduidade aos sacramentos, meu filho. Tem-se aproximado ultimamente com regularidade dos sacramentos?

– Para ser franco, não, Monsenhor.

– Viu! Eu não disse que talvez o demônio o houvesse surpreendido desprevenido? Está aí. Pois aproxime-se com mais assiduidade dos sacramentos e verá como a presença de Nosso Senhor em sua alma fará essa má ideia afastar-se. Desta vez não,

mas na próxima que vier aqui, quero que o senhor me esclareça uns pontos sobre a história de sua vocação, ouviu?

– Pois não, Monsenhor.

– Então não deixe passar muitos dias sem aparecer-me e pense bem nisso durante esse intervalo, está ouvindo?

– Pois não, Monsenhor.

– Ergueu-se, aproximou-se de uma de suas estantes, e depois:

– Está aqui este livro. O senhor vai levá-lo. Não tenho pressa dele, pode ficar o tempo que entender. Essa leitura vai ajudá-lo muito nesta circunstância. Leia-o e depois me dirá... Então, estamos entendidos por hoje, não é meu filho? Vou deixá-lo porque tenho que sair para uma conferência aos congregados, que foi transferida para agora à noite. Mas apareça ainda esta semana, ouviu? Na próxima vez conversaremos mais longamente.

Cesário murmurou um “sim senhor” e tomando-lhe a benção:

– Boa noite, Monsenhor.

– Boa noite, meu filho. Que Nossa Senhora o abençoe!

Saía pelo corredor evitando pensar na entrevista que acabava de ter com o diretor espiritual. Mas não pôde dominar-se muito tempo e, irritado, pensou em não ler o livro, em tomar uma decisão extrema, imediata.

Aproximava-se de seu cubículo, quando viu surgir Mario Dias em direção oposta.

– Estive com Monsenhor Henrique neste momento, Mario.

– É?

– E resolvi deixar o Seminário, sabe?

– Que me diz, Cesário?

– Se você também é desses que se escandaliza, não lhe conto mais nada...

– Mas você se entendeu com Monsenhor, a coisa está assim assente?

– Não me entendi com Monsenhor, não

– Mas então?

– Então é que eu estou muito enganado se esperar compreensão dele.

– Mas porque, Cesário?

– Olhe aqui! (estendeu-lhe desdenhosamente a brochura). Vou lá em busca de compreensão, esclarecimento, contato de alma e ele não cessa de me falar em tentação, necessidade de frequência aos sacramentos, e por fim, me mete nas mãos isto!

Mario Dias tomou-lhe a brochura, esteve olhando a capa, folheou-a calmamente, terminando por devolver-lha sem proferir palavra.

– Você pensa que eu vou ler? Estou farto de leituras. Sobretudo de leituras piedosas! Bem conheço o espírito desses livrinhos! Mediocridades, frioleiras...

– Oh, Cesário!

– É isso mesmo, Mario. Não se iluda. No fundo esses livrinhos não passam de uma apologia da dor cristã com promessa do céu, ao último capítulo...

– Cesário! observou o outro num tom repreensivo.

– Ou coisa pior! Muito bom o quietismo sem drama de Monsenhor Henrique... Mandou que eu voltasse breve. Quer saber detalhes da história de minha vocação. Histórias de minha vocação! Sabe o que lhe vou responder? Vou dizer-lhe grosseiramente que antes queria ser padre e que agora não o quero, está aí a história de

minha vocação. Já que ele não me compreende, vou pô-lo a distância de minha resolução.

– Mas Cesário, com isso você está dando provas de uma má vontade intencional.

– Má vontade? Você acha? Será que você ainda não compreendeu Monsenhor Henrique?

– Padre espiritual é um santo! Será que você ousa negar isso?

– É um santo, Mario, de acordo. Mas que espécie de santo? Um acomodado, uma vida interior que não se difunde, que não aproveita senão a ele próprio... Boa santidade! Posso lá esperar alguma coisa daí, hein?

Mario Dias fez um trejeito; não concordava, delicadamente porém não discordava.

Agora que se havia expandido com inteira liberdade, Cesário sentia-se mais sereno. Deixou-se também ficar em silêncio ao lado do amigo. Foi o toque do sino para a oração da noite que os veio separar.

– Bom, até amanhã, Mario!

– Cesário, voltou-se o amigo, possa fazer-lhe um pedido?

– Um pedido, Mario? O que é? Pode dizer!

– Não deixe de ler o livro que Monsenhor lhe emprestou, ouviu?

– Está bem, Mario. Farei isso por você.

E, sem compreender no momento o motivo, Cesário reparou que o amigo se afastava com uma viva alegria nos olhos.

Apenas para cumprir o prometido, começou a leitura do livro no dia seguinte.

Vie du Père Charles Fouchaud, por un fils de son ordre. Era a história de um rapaz, oficial do exército francês, que acaba trocando aquela vida pelo deserto africano... Depois funda uma ordem religiosa e é trucidado pelos nativos.

O biógrafo resumia; mas adivinhava-se facilmente, por detrás dos fatos, uma trajetória acidentada e heroica. Uma experiência impressionante.

Empolgou-o. Deixou de lado o estudo das matérias e decidiu terminar a leitura no mesmo dia. À tarde estava nos últimos capítulos e possuído de um forte entusiasmo.

Ao fechar o livro, à última página, este entusiasmo punha-o fora de si. Um dia ele também iria salvar indígenas às areias quentes do Saara e morreria por lá...

Eram assim os seus entusiasmos, tocando sempre os extremos,

Passaram-se duas semanas. Cesário havia pensado longamente na história de sua vocação e naquela tarde, tendo voltado de novo à primeira resolução, decidira procurar o diretor espiritual.

Dirigiu-se para lá, ansioso por um encontro definitivo, mas ao bater à porta de Monsenhor Henrique um colega que passava no corredor, informou-o que o diretor espiritual não estava.

“Ora, não está! Como vai ser? Volto mais tarde?” Fez um gesto de descontentamento, mas seu rosto tomou de súbito um ar alegre: “Vou é conversar com Padre Tobias! Ótimo, foi bom mesmo ele não estar... Vou conversar com o meu amigo Padre Tobias!”

Bateu à porta de leve.

– Pode entrar!

– Boa tarde, Padre Tobias! Mas que é isso! exclamou quase involuntariamente, vendo o padre trepado numa cadeira a tirar as teias de aranha do teto, com um longo espanador.

– Ah, foi bom você aparecer! Vai me ajudar a fazer uma faxina no quarto. Ou está com pressa?

– Nada, vinha conversar com o senhor.

– Pois então conversemos. Imagine você que uma noite destas acordei sobressaltado... sabe o que era? Um rato, um enorme rato, me passando pela cama. Assim não é possível! Já pedi a “seu” Militão várias vezes para fazer-me este trabalho mas não me aparece... Resolvi hoje fazê-lo eu mesmo, e agora me chega você providencialmente... Vá passando inseticida nos livros, se isso não lhe desagrade e se veio para conversar não perca tempo.

– O senhor então declarou guerra de extermínio aos nossos irmãos bichos, hein, Padre Tobias! gracejou Cesário. E para não entrar logo no assunto: E vai ver que agiu com a moral do mais forte e nem lhes enviou um *ultimatum*!

– Ah, assim não é possível! respondeu Padre Tobias sem desviar a atenção do que fazia. O nosso bom São Francisco de Assis nunca viu o que era um rato a fazer-lhe avenida na cara... Isso já é cinismo deles!...

Estiveram a rir algum tempo; depois Cesário apanhou o inseticida e pôs-se a impregnar dela um grosso dicionário.

Agora estavam ambos calados.

– Padre Tobias, vou dizer-lhe uma coisa muito grave, muito séria!

O padre havia descido da cadeira e estava na sua frente.

– Que é, Cesário? indagou ele, tomando um ar sério.

– Padre Tobias, vou deixar o Seminário.

– Vai, não é?

– E eu que pensei que o senhor ia ficar surpreso, Padre Tobias!

– Pensou? Ora, se eu soubesse teria feito – Oh!. Agora é tarde! Mas deixemos de brincadeiras. Quer saber de uma coisa, Cesário? Foi nisso exatamente que fiquei pensando o outro dia, depois que você saiu do meu quarto.

– Quer dizer que concorda?

– Não, isso é lá com o seu diretor espiritual. A propósito, já decidiu mesmo com Monsenhor Henrique que sairá? Ele está de acordo?

Houve um instante de indecisão da parte de Cesário. Mas logo:

– Já está tudo resolvido. Diga-me porém o que mais esteve pensando a meu respeito na última vez que vim aqui, Padre Tobias.

– Isso, a possibilidade de você sair... Quer saber como foi o pensamento? Lembro-me bem, foi assim: “Que temperamento patético, tem esse Cesário!” É apaixonado demais para chegar ao sacerdócio sem passar antes por certas experiências! Naturezas como a sua nunca ficam em meio do caminho”. Lembro-me ainda que propus a mim mesmo: “Devo adverti-lo disto? Mas não, ele mesmo compreenderá. Aliás é preciso que chegue por si próprio a esse estado de amadurecimento, seria imprudência precipitá-lo, esperemos” Está aí o que me veio à ideia.

– Padre Tobias, o senhor disse que havia pensado: Naturezas semelhantes à minha nunca ficam em meio do caminho”. Que quer dizer com isso? Que primeiro eu tenho que conhecer o pecado para depois chegar a Deus?

– Quem é que diz isso, Cesário? Que ideia errônea faz você do mundo, meu Deus? Que pensa você que é a vida lá fora? Não, Cesário, a vida no mundo é muito difícil, muito árdua. Ai de você se deixa o Seminário para soltar as rédeas, então está perdido.

– Padre Tobias...

– Não, Cesário, eu o compreendo. O engano não é somente seu, não. Mesmo entre padres, tenho encontrado a mesma mentalidade... Mas não é assim, não, meu amigo. Não julgue que somente aqui se luta pelo espírito, absolutamente. O problema é se todos os homens. E lá fora há pessoas perfeitamente dignas de respeito, verdadeiros exemplos mesmo, para certos religiosos.

Compreendo, Padre Tobias. Quer também que passe inseticida nesta Bíblia?

– Sim, passa! Mas ainda bem que você me compreende. Isso, passa na capa. Porque veja bem, Cesário, há muitas maneiras de servir a Deus, era o que eu queria dizer. E para certos temperamentos o apostolado sacerdotal talvez seja o menos adequado. Pascal, Frederico Ozanam, mais perto de nós, um Kierkegaard, um Léon Bloy, eu poderia citar-lhe um bom número de nomes, não foram grandes santos leigos, hein? E os que o foram sem alcançar renome? Não é só de batina que se chega a Deus, em certos casos a batina é justamente um embaraço... Quem dirá, por exemplo, que Deus não o chama para um grande apostolado leigo?

– Também sinto assim Padre Tobias! A única coisa que temo em mim é a literatura! Tenho medo que a literatura me perca, Padre Tobias!

– Tem esse receio sinceramente, profundamente?

– Acho que sim, Padre Tobias, porque pergunta?

– Porque se o tem, pode estar seguro de que a literatura não o perderá. Você poderá de início deixar-se levar por alguma vaidadezinha, é humano. Mas para quem receia hoje isso, tal situação não subsistirá.

– Como o senhor vê tudo com simpatia humana, Padre Tobias! Tenho observado que a maioria dos padres aconselha sempre em nome de uma verdade abstrata, investindo sistematicamente contra o individual, enquanto que o senhor...

– Em parte você tem razão, Cesário! Para esses indivíduos a que você acaba de se referir existe o Decálogo... mas esquecem-se quase sempre do Sermão da Montanha. O Deus deles é do tamanho da alma egoísta deles. Para alguns já reparei que eu sou um verdadeiro herege... Mas que fazer? Não é com severidade que se levam almas a Deus. O pecador gosta que o tratem como irmão e uma boa palavra, um gesto compreensivo, conquistam mais almas do que ameaças de inferno...

– Será que existe mesmo o inferno, Padre Tobias? Às vezes tenho dúvidas...

– Cesário, existência de Deus, do inferno, virgindade de Nossa Senhora, todas essas coisas não se discutem. Mesmo porque, dialeticamente, há argumentos para tudo. Deixemos para as almas pequeninas essas questões. Na vida espiritual é preciso guardar muita prudência sobre esses assuntos, quer dizer, não criar obstáculos, que afinal não têm solução nem conduzem a nada, compreende?

Não percebeu muito bem a significação disto, mas não quis insistir. Lembrou-se de uma questão que há muito vinha propondo a si próprio e achou que o momento era conveniente:

– Padre Tobias, o senhor acha que havendo uma certa facilidade em observar... (hesitou um momento) em observar a castidade, isso é um sinal de vocação, e não havendo...

O padre teve um largo sorriso. E fixando-o nos olhos:

– Responda-me uma coisa, Cesário, mas responda-me confidencialmente, como se estivesse diante de seu diretor espiritual, você tem, veja que não digo facilidade, mas muita dificuldade em observá-la?

Não teve coragem de responder logo.

– De que se envergonha?

– Padre Tobias, o senhor tocou num ponto muito... como o caso da existência do inferno... muito delicado.

– Não acho, Cesário! Será que não tem confiança em mim?

– Então ouça, Padre Tobias: Eu tenho muitas, tenho bastante dificuldades nesse ponto, respondeu olhando de soslaio para o padre, a ver qual seria o efeito de suas palavras.

– Meu Deus, custou-lhe tanto esta confissão! No entanto quer saber de uma coisa?

Olhou-o curioso.

– A melhor maneira de esconder uma coisa, Cesário, é confessá-la.

– Isso é interessante! Mas eu pensei que o senhor ia dizer outra coisa.

– E não errou! Não pretendo deixá-lo boquiaberto... mas quer saber de uma coisa? Eu também tive muitas, e ainda tenho algumas dificuldades nesse ponto, escandaliza-o isso?

– Não, Padre Tobias, quero dizer... eu... eu pensava que o senhor já não tivesse mais essas lutas...

– Pensava? Mas o padre, pondo de parte o caráter sagrado, não é um homem como os outros?

– É... mas o voto de castidade... a Graça, eu imaginava...

– Ora, meu amigo! Vê como você é espiritualmente puro, de boa fé. Apenas o seu equívoco é este: pensar que a virtude é uma situação material, exterior, e alcançada

definitivamente. Não, meu amigo. É pela luta constante que ela se mantém. E essa disposição de espírito, essa ardente aspiração de vir a ser o que ainda não se é, em certo sentido já a constituem. Mas deixemos isso... Quando lhe fiz há pouco aquela pergunta, queria apenas – perdoe-me – experimentá-lo. E você ganhou a aposta. Isso é uma grande coisa, seja sempre assim: um espírito reto; sim, sim; não, não. Pois como diz Nosso Senhor, tudo o que não vem daí... Agora uma coisa: tenho a impressão de que você acha estranhos, talvez mesmo pouco ortodoxos, todos esses modos de encarar os fatos, não? perguntou o padre, pousando-lhe a mão sobre o ombro.

– Não sei, Padre Tobias! Sua linguagem modifica todas as minhas ideias... Como a religião me parece boa, me parece praticável!

– Mas é claro, Cesário, a religião não é nem se deve fazer dela um espantalho. Isso é um sacrilégio! Ela é, e deve ser, antes de tudo, um instrumento de santificação para os homens.

– Quer dizer que deve então ir até eles, Padre Tobias?

– Mas é claro.

– Mas assim não se deturpa, Padre Tobias?

– O que se deturpa?

– A religião.

– Mas o que é que você entende por Religião? Uma medida abstrata a que se tem obrigação de comparar os nossos atos, para ver se tem o tamanho exato? Não, Cesário, a verdadeira religião é intuição, certeza interior, numa palavra, um sentimento todo íntimo e vivo. É a fé. É claro que, conforme for o grau de espiritualidade da pessoa, tal a qualidade dessa fé, isso porém já é outra coisa. Mas agora é que estou compreendendo como você deve sofrer conflitos interiores horríveis, meu amigo.

– Realmente, Padre Tobias, a minha vida espiritual é áspera, eu me movo numa atmosfera irrespirável, respondeu ele, que sob a ação de pensamentos desencontrados, pensava em retirar-se.

Não o fazia. Foi até a janela respirar para disfarçar a confusão.

Padre Tobias fingiu não estar observando nada e continuou a arrumar os livros. De repente falou:

– Cesário, se você está cansado não faça mais nada! Estire-se aí em minha cama!

Não se sentia cansado, mas para ser-lhe agradável estendeu-se na cama, enquanto Padre Tobias continuava em silêncio, arrumando os objetos.

Dali a pouco ouviu-se o toque do sino. Cinco horas.

– Bom, Padre Tobias, tenho que ir, tocou para o jantar!

– Está bem. Obrigado e apareça!

– Apareço sim! murmurou Cesário, saindo rapidamente.

Três dias depois desta conversa com Padre Tobias, Monsenhor Henrique mandou-o chamar.

Acabavam de fazer a oração da noite. Cesário dirigiu-se ao quarto do velho padre com o coração batendo.

Quando naquela tarde Padre Tobias lhe perguntara se havia mesmo decidido a saída com o diretor espiritual e lhe respondera: “já, já está tudo resolvido”, não havia dito a verdade. Por outro lado, também não mentira. Realmente não havia decidido nada com Monsenhor Henrique, mas fora naquele momento que a resolução de sair se apresentara clara e ficara assente de uma vez em seu espírito. Sim, sairia.

E daquele momento em diante só se preocupara com uma coisa: escrever uma longa carta ao arcebispo comunicando-lhe aquela decisão, abrindo-se inteiramente ao velho prelado.

Bateu à porta do quarto de Monsenhor e ouvindo o seu “entra”, abriu.

– Boa noite, Monsenhor!

– Boa noite! respondeu o padre, erguendo-se um pouco na cadeira quando o seminarista lhe beijou a mão.

– Está aqui o seu livro, Monsenhor ... disse Cesário, esforçando-se para dominar o embaraço.

– Sim, sente-se aí.

Obedeceu. Fez-se um breve silêncio. Depois Monsenhor começou:

– Porque não tem aparecido, meu filho?

– Estive aqui uma tarde destas, Monsenhor, mas como não estava...

– E porque não insistiu?

Cesário baixou a cabeça.

– Eu não lhe havia recomendado que aparecesse, meu filho?

Fez-se novo silêncio, desta vez mais longo.

– Leu o livro? falou ele apanhando a brochura e entrando a folheá-la numa calma que pareceu a Cesário não despida de intenção.

– Li, Monsenhor.

– E quanto àquela outra recomendação, preparou-se para esclarecer-me?

Cesário ergueu a cabeça e fixando o diretor espiritual:

– Monsenhor, quero ser logo franco. É inútil o senhor perder tempo comigo. Eu decidi deixar o Seminário e quero apenas, peço-lhe, que o senhor me deixe partir imediatamente.

O padre encarou-o fixo:

– Mas num passo destes o senhor quer guiar-se somente pela sua cabeça?

– Conversarei depois com o senhor arcebispo...

– Mas o seu diretor espiritual sou eu, o senhor deve explicar-se comigo. Afinal qual é o “motivo”, ou por outra, quais os “motivos” de sua decisão?

– O senhor está dando importância demais aos motivos. Não importam, Monsenhor.

– Não importam? Como não importam? Que está dizendo?

– Eu não tenho motivos, Monsenhor.

– Não tem motivos? e o padre inclinou-se para ele com um sorriso irônico.

Cesário sentiu-se humilhado com esta atitude e foi dizendo o que lhe veio à cabeça:

– Quero sair. Acho que devo sair. E sinto que este imperativo, aparentemente sem lógica, é instintivamente sábio.

– Hein? Onde foi buscar essa história de “imperativo sem lógica, instintivamente sábio”, hein?

Havia um tom escarninho nestas palavras.

Cesário baixou a cabeça, em silêncio, mexendo nervosamente num botão meio despregado da batina. Passou-lhe pela ideia que devia pregá-lo... mas que talvez não tivesse agulha, nem linha... Ao ter consciência do que estava pensando, achou aquilo absurdo e fez um esforço para colocar-se na situação em que estava.

– Estou à espera, *meu filho*.

Que dizer-lhe, meu Deus? Aquela situação. Oh, horrível! Era preciso acabar com aquilo, depressa. Mas como, Senhor? No entanto era preciso!

– Monsenhor...

– Fale.

Conservou-se calado. Então Monsenhor:

– Saiba que isso são frases literárias, sem sentido real algum, ouviu? O que o senhor está é incapaz de uma ponderação sensata. (levantou-se). O senhor é muito orgulhoso! Mas ainda há de reconhecer isto e dar-me razão, não é o primeiro nem o último... (Pôs-se a passear no quarto. Que pensa o senhor que é o demônio? O demônio não é um símbolo dos instintos maus do homem, como dizem os inimigos da Igreja, o demônio é uma *realidade*. Mas eu compreendo os senhores! Quando estão sentados sobre a mola de todos os desejos, trabalhados por paixões, não atendem mais à voz da razão, é a *curiosidade*, é a *ânsia de experimentar* que os domina. (Monsenhor sublinhava com um tom significativo estas expressões, gesticulando). E atirando-se sem nenhum freio à vida grosseira dos sentidos, perdem totalmente o senso do moral, permitem-se tudo. É uma tristeza! (calou-se um instante, que pareceu a Cesário uma eternidade. E depois, como se falasse a si próprio): A mocidade não pensa, deixa-se levar pelas primeiras impressões. É uma tristeza! A mocidade não quer nunca chegar à conclusão alguma. Ama o abstrato, o que ela chama ideal. E a prática afigura-se-lhes sempre mediocridade, bom senso odioso dos adultos... (Voltou-se para Cesário): Mas está bem. Faça como entender. Naturalmente, “de interins nec Ecclesia”... Sim, nos casos de foro íntimo nem a Igreja. Que ela soube sempre respeitar a liberdade individual, isso soube! Maus, ingratos, são os homens. O senhor fez *tabula rasa* de tudo, perdeu a fé, fechou-se ao próprio egoísmo. Quem pode contra um coração empedernido? Sim, a soberba é a primeira no caminho do pecado, mas a última na do arrependimento. *Non serviam*. Não servirei! Mas quanto a mim lavo as mãos de tudo isto. Pergunto-lhe ainda uma vez: está decidido, não é?

– Estou Monsenhor... murmurou a custo Cesário.

– Bem. Pode ir!

Cesário ergueu-se e aproximou-se dele para beijar-lhe a mão, como era hábito. Mas, com surpresa sua, Padre espiritual não correspondeu.

As luzes nos corredores já estavam apagadas e o silêncio geral envolvia toda a casa, quando ele tornou a seu cubículo. Atirou-se à cama vestido como estava e deixou-se ficar.

Passando a mão pelo rosto sentia que as faces lhe ardiam, que as têmporas latejavam com violência. Mas a sensação de aniquilamento interior era mais forte, sentia-se arrasado. Nunca ninguém o ferira tanto com um gesto, com um simples gesto.

Epílogo

Era o dia 15 de julho. Fazia uma semana que Cesário havia chegado do Seminário.

Ao levantar-se, naquela manhã, não vestiu mais a batina. Também não teve coragem de aparecer a ninguém e fechou-se em seu quarto.

No dia seguinte mostrou-se em casa, não ousando porém sair à rua.

Convencera-se de que era preciso conquistar a nova situação sem ruído, lentamente... Mas isto (ele não o ignorava) não passava no fundo de um pretexto, escondendo realidades em que na verdade evitava tocar.

É estranho até que ponto somos criaturas de hábitos!

A mesma timidez que o fizera sofrer, anos antes, quando vestira a batina, repetia-se de maneira inversa ao tirá-la. É que ele se adaptara não só interior, mas exteriormente a ela, e as roupas leigas, agora, davam-lhe uma sensação de desnudamento.

Cada parte de seu corpo como que estava disciplinada por um ritual de gestos que, de chofre e violentamente, perdiam a sua razão de ser. Sentia-se no vácuo.

Tentando iludir-se, deixou-se ficar em casa aqueles dias, entregue à leitura dos livros que meses antes não levava para o Seminário.

Mas lia agora maquinalmente : às vezes, ao fim de uma página inteira, devia tornar ao começo – não compreendia nada.

A “presença” da nova situação que ia defrontar crescia como uma força latente, que de súbito deflagará...

Ele compreendia tudo isto – “numa situação destas, e eu lendo, lendo, é incrível!” – mas a vontade, intimidada, retraía-se. Às vezes surpreendia-se com pensamentos deste gênero: “Como é dolorosa a transição de uma vida, que já se tornou passado, para um futuro ainda imponderável!”

Dominava-o, sobretudo, um imenso receio do desconhecido, e estas apreensões, rebeldes a qualquer controle do raciocínio, espriavam-se pelas páginas diante dos olhos que liam, que teimavam em ler para iludir-se...

“Que fazer”? – pensava em certos momentos, atirando o livro para um lado. “Qual o primeiro passo a dar? Durante longos anos preparo-me para uma vida tão diferente, e eis que, de uma hora para outra, tudo perde a sua razão de ser... Terrível experiência. Quanta ingenuidade em meu gesto. Como eu imaginava tão outro este lado dos fatos! Agora é que eu compreendo as consequências do meu gesto. Deixei o Seminário e estou diante de um meio do qual nada conheço... quer dizer, devo recomeçar tudo como se nada tivesse feito!”

Nos dias que se seguiram, um desânimo mortal não lhe permitiu ler nem ocupar-se em coisa alguma. Não conseguia absorver-se em nada. Deixava-se ficar estirado na cama, silencioso e indiferente, como à espera de que um acontecimento qualquer, um milagre, viesse resolver aquela situação.

Mas que era aquilo? Arrependimento diante da situação que ele próprio se criara? Não. Assaltavam-no sentimentos vagos, que não sabia definir, e que lhe apresentavam os fatos como um longo pesadelo.

Em casa respeitavam o seu estado de espírito. Nenhuma alusão, nenhuma pergunta inconveniente; apenas um discreto silêncio cheio de estupefação.

Sua saída fora para todos uma resolução incompreensível. Não haviam pressentido nada e sentiam-se como que logrados. Com o ar da notícia mais natural, Cesário lhes enviara, à hora do embarque, este lacônico telegrama: “Deixei o Seminário parto hoje pela manhã abraços”.

Eles ainda julgaram tratar-se de uma doença ou de outro motivo deste gênero, até que no dia da chegada, Cesário tivera que desfazer o equívoco.

– Não é isso, desisti, vou deixar a batina, não pretendo continuar... respondera com uma brutalidade cuja lembrança depois o fizera sofrer.

“Mais tarde, refletiu no primeiro momento, quando tudo se acomodar, explico-me. Ou eles próprios compreenderão e nem será preciso...”

E assim havia posto todos à distância.

No domingo saiu pela primeira vez; decidira ir à missa.

Na rua tinha a impressão de que todos o conheciam e o olhavam surpresos.

Apoderou-se dele uma profunda pena do ser “tão diferente dos outros que era...”

De quando em quando, porém refletia que aquilo era fraqueza de sua parte, que não devia importar-se com ninguém e revestia-se de novo de coragem.

Frágil reação. Dois passos adiante cumprimentava um conhecido, que o encarava admirado, talvez acreditando equivocadamente (como estas pequeninas coisas o feriam!) e a coragem o desamparava novamente.

Mais tarde, ambientado já no novo meio, recordou-se muitas vezes daquele domingo e perguntou-se: “Mas afinal, porque iria eu à missa naquele dia? Sinceramente, eu acreditava naquilo? Não, não acreditava. E ainda que não ousasse desacreditar, a verdade é que tudo me era indiferente. Porque então? Sem dúvida, concluíra Cesário, naquela época ele era dois. Um que repudiara tudo, sob o desmorteamento do primeiro choque, exagerado em extremo; mas o outro, o seminarista que nunca morre em quem uma vez o foi, esse lutava por conversar o lugar conquistado. Sim, só podia ser isto! Nunca a força do passado fora nele tão selvagem, como naquele domingo absurdo.

Entrou na igreja. Ajoelhou-se, esteve a rezar recolhido. E a certa altura: “Afinal, se vim, é porque não perdi de todo a fé!”

E este pensamento fê-lo lembrar-se da entrevista com o arcebispo, no dia seguinte à chegada.

As palavras do velho prelado, tão compreensivo e sereno, além mesmo do que Cesário esperava, afloraram-lhe à memória: “O senhor não perdeu a fé, não, meu filho. Procure preservá-la enquanto é tempo. Apesar de tudo, continue fiel a Nosso Senhor, está ouvindo? Aliás os senhores têm maior responsabilidade que os outros. (Referia-se aos leigos). Eles nada sabem, os senhores sabem tudo”.

Murmurara um “compreendo, sr. arcebispo” e beijando-lhe o anel, retirara-se.

Do lugar onde se ajoelhara, via naquele momento uma fila de mulheres, com um ou outro homem, esperando a vez para confessar-se.

“Vou aproximar-me também dos sacramentos”, decidiu de repente Cesário, dominado por um sincero e ardente entusiasmo. “Que tem a saída com a minha alma?” continuou ele. Não foi justamente para salvá-la que eu desisti do sacerdócio? Vou fazer o que me

aconselhou o sr. arcebispo, vou continuar fiel à minha educação religiosa, fiel aos meus antigos princípios, só eles me farão menos infeliz.”

Aproximava-se a hora da missa. O sino da matriz tocara pela segunda vez. O recinto estava repleto.

Levantou-se do lugar em que se achava e, sem discutir mais sobre o que devia fazer, foi para a fila, aguardar a vez.

Dali a pouco ajoelhava-se no degrau do confessionário.

– Quando foi a última confissão, meu filho? indagou em surdina a voz lá de dentro.

– Há uns quinze dias, padre.

– Sim. E de que pecados se acusa então para cá?

Cesário começou a acusar os pecados de que se julgava culpado.

Ao terminar, o padre quis saber:

– Meu filho, o sr. é Congregado Mariano?

– Não, padre. Sou ex-seminarista.

– Ex-seminarista?

– Sim. Deixei o Seminário há uma semana.

– Estava muito adiantado?

– Havia começado o curso de Teologia.

– Compreendo. Perdeu a vocação, meu filho? Ou foi por motivo de outra ordem?

Não julgue que é inútil indagar isto, ouviu? O confessor, como o senhor não deve ignorar, tem que estar a par das circunstâncias...

– Sei, padre.

E procurando conter a emoção que o dominava:

– Mas quanto à sua pergunta não sei como lhe responder. Saí porque... Não sei, padre. Talvez um dia eu venha a compreendê-lo, por ora os motivos profundos me escapam...

Calou-se. Ouviu o ruído de alguém que se endireita num banco, e em seguida a voz do padre, num tom comovido, que o impressionou:

– Um ex-seminarista! Estou temendo pelo senhor, meu filho. Deixou o Seminário e ei-lo agora diante de uma vida da qual nada conhece. Nada conhece! Que digo eu? Nem sequer pressente, diria melhor. Sabe o que é o mundo, meu filho? Ouça as palavras do Discípulo Amado: *“Omne quod est in mundo concupiscentia carnis est, et concupiscentia oculorum et superbia vita”*. Ah, meu filho, como os homens desprezam a salvação da própria alma! No entanto, é só o que importa. Não são palavras da Sagrada Escritura: *“Quid prodest homini, si mundum universum lucretur, animae vero suae detrimentum patiatur?”* E como os homens dão tão pouca importância a estas verdades supremas! Que espetáculo desolador, verem-se os filhos de Deus e membros de Cristo, convertidos em escravos de Satanás. Que troca indigna, que sacrilégio! Deixarem as santas doutrinas do Mestre, os insubstituíveis ensinamentos da Igreja, para se apegarem às máximas do mundo. Desse mundo que Deus Nosso Senhor amaldiçoou! Quantos a esta hora não sofrem o fogo das penas eternas porque desprezaram as graças de Deus, porque resistiram, fecharam o coração aos seus convites amorosos, deixando-se arrastar pelas más paixões!... Viveram segundo a carne, e não conforme o espírito, preferindo o lodo às águas puras que brotam para a vida eterna. Mas o senhor, Deus Nosso Senhor o salve disso, não será um filho ingrato, não é?

Cesário ouvia-o com atenção e murmurou um “sim senhor”. O padre retomou o fio:

– Sim, arme-se de coragem. Não julgue que a fé prescinde da prática da religião, isso é um erro grave, uma blasfêmia. Lute, esforce-se, lance-se no seguimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. A coroa é dos fortes, meu filho. Vigie os seus sentidos cada minuto, pois um simples olhar pode ser como uma fagulha que provoca um grande incêndio. Àquele que se entrega sistematicamente ao pecado, Nosso Senhor reserva o pior dos castigos, a inconsciência da própria miséria. Oh, ruína da alma quando o mal se tornou um hábito! E a quantos a morte não surpreendeu nesse deplorável estado? A morte. Os ímpios, os libertinos, os pretensos sábios têm procurado duvidar de tudo, pelo menos em suas palavras e atos. A morte, porém, nunca se lhes apresentou duvidosa. É a grande lei universal, o tributo do pecado. E sabe o senhor quais são os maiores males do mundo, meu filho? O orgulho e a sensualidade. Não pense que vai encontrar, como diz o grande Padre da Igreja São Jerônimo, “nesta coberta de cardos e espinhos, de que se alimenta a serpente que tentou Eva”, não pense que vai encontrar a paz. Não. Mil perigos o esperam. E o mais grave deles, repito, é a sensualidade. Bem sei que o senhor não pode ainda compreender o alcance desta afirmação. Para isso, seria preciso que tivesse uma ideia exata do que representa na vida a mulher. Ah, fuja dessa serpente de mil tentáculos, meu filho! Foi por ela que o pecado entrou no mundo. Foi por ela que o grande rei David se tornou objeto dos ódios divinos; por ela Salomão se perdeu; por ela... ah, os exemplos seriam sem conta! “Terrível, diz a Sagrada Escritura, terrível é a mulher quando ela pode!”

O padre continuou neste tom algum tempo, terminando por aconselhar a leitura de um livro “em que todos estes salutarens ensinamentos de grande importância para a salvação da alma, estão sistematizados por um genial e abençoado educador da mocidade, (declinou-lhe o nome) ouviu, meu filho?” Quando se levantou do confessional, a missa já havia começado. Assistiu-a contrito, e à hora da comunhão aproximou-se da mesa eucarística com a mesma piedade dos seus antigos dias de Seminário.

.....

.....

.....

.....

Na verdade, aquela ideia que à princípio o assaltara “É incrível como certos religiosos vivem distanciados da realidade” fora involuntária. Mas a coisa voltava novamente. E com um ímpeto ainda mais brutal. Até que, sentindo incoercível aquele sentimento de revolta, abandonou-se inteiramente a ele.

“Mas que moral imbecil esse homem acaba de me sugerir para uma nova vida! Assim não é possível. Não há boa vontade que resista. A seguir seus conselhos, só me resta uma coisa: voltar de novo para o Seminário. O que ele me aconselha não foi justamente a minha tentativa desses anos passados?

Pousou a cabeça entre as mãos e esteve por alguns instantes imóvel, sem um pensamento. Dali a pouco porém a coisa recomeçou: “Que fazer? Devo então deixar-me arrastar pela correnteza, para depois... Mas uma conduta moral, após este aprendizado, não será uma volta de filho pródigo? E se esta volta não se realizar? Haveria a conquista de um rumo que correspondia *de fato* àquilo que era? Não haveria um desnorreamento?

Por outro lado, será realmente moral uma escolha onde a experiência pessoal não foi a pedra de toque? Quando será que uma aceitação *a priori* não impede o

desenvolvimento normal da nossa personalidade? E afinal, que se pode entender, que entendo eu por desenvolvimento normal de uma personalidade?”

Levantou a cabeça e com os olhos fixos no tabernáculo:

“Senhor, porque não te dás senão através de parábolas e símbolos? Tu não sabias... oh, eu estou só e desnudo diante de ti, Senhor! Onde está o sentido da vida? Que é a vida? Porque existo? Para que existo? Haverá alguém mais sinceramente disposto a seguir um caminho moral, contanto que não veja aniquilada toda esta força que se agita em mim, que também sou eu, que tem direito de viver, por que existe?

E sentindo-se cada vez mais agitado, mais fora de si:

“Não, mil vezes não! Como é difícil ser sincero! Senhor, tu que lês nos corações, ensina-me a sê-lo, dá-me força e coragem de o ser, mesmo contra mim, mesmo contra todos! Oh, onde está a palavra que os livros não me disseram, que os homens não me souberam dizer, e que eu próprio não sei articular? Onde estão, Meu Deus, os mestres, verdadeiramente sábios e humanos dos meus dezoito anos? Vê, todos os que se apresentam com autoridade, ou sem ela, de orientadores, pedem-me a abdicação do “momento que passa e nunca mais” em favor do espírito. Eu não a quero fazer. Eu não a farei, Senhor! Eu quero uma solução total, eu quero... Meu Deus, como é miserável a condição do homem sobre a terra, quando ele desconhece aquilo que justamente é indispensável conhecer. Como ele é só, o rei da Criação, como ele é só, com a consciência de sua miséria! Ah, as grandes cidades onde os homens se atropelam, uniformizados nas teorias e mecanizados dentro de seus inventos! Como é triste a solidão que cada um carrega em silêncio no íntimo de si, como é terrível! Em que parte remota de cada um deles se oculta o espírito e a tua presença onde está? Não, meu Deus, ninguém pecou com os nossos primeiros pais, ninguém tem culpa. Ou se o fizemos, há muito que a vida apagou em nós a noção da queda, tu nos abandonaste, tu nos abandonaste...

Mas eu não te quero, eu não te quero, Senhor, se para te possuir tu exigis a mutilação do meu destino, a destruição da minha alma.

Oh, porque não me deixaste ficar na tranquila ignorância do imenso rebanho que caminha nas grandes cidades, sem a consciência da solidão e do próprio destino? Porque vieste? Se não tivesses vindo e não me houvesse falado, eu não pecaria!

Mas eu blasfemo. Eu sei que blasfemo. Senhor! Perdoa-me. Eu não te quero substituir em meu coração, Senhor! Eu continuarei agarrado à consciência de que tu existes e me julgarás no último dia, a mim e aos meus grandes pecados... Faze de mim, um réprobo, expulsa-me para sempre da comunhão do teu Amor, transforma-me à face dos homens num exemplo de inconsequência culpada – e eu me envolverei no meu próprio desespero como um condenado... Tu vencerás, eu sei, (a estas palavras Cesário sentiu que lágrimas ardentes lhe banhavam a face) mas eu viverei no meu inferno o orgulho de ter rondado o abismo e de me ter precipitado nele com a minha trágica liberdade, essa imensa liberdade que os teus eleitos desconhecem!”

Cesário levantou-se precipitadamente; as criaturas, as coisas, tudo lhe parecia girar, girar, girar impelido por uma tempestade que aquelas palavras houvessem provocado.

“Como é estranho encontrar-me ajoelhado em um templo”, pensou saindo meio desorientado para o jardim. Aquilo era como se fugisse de um terremoto, era como quem desperta de um sonho mau...

A praça estava calma e deserta; apenas algumas crianças brincavam na relva, emprestando uma nota alegre ao local, com os seus gritinhos e as suas roupinhas claras.

O ar fresco da manhã, banhando-lhe a epiderme, serenou-lhe o espírito.

“A vida. Que coisa estranha é a vida!” murmurou, pondo-se a caminho de casa.

Manchas coloridas e confusas à distância... Eram banhistas. A impressão de cor ficou vibrando frações de minuto em sua retina. Sumiram-se.

Aquele vento impetuoso e lavado que soprava do mar punha-lhe em desordem os cabelos, atiravam-lhe para o ombro a gravata.

Também os seus sentidos se alvoroçavam sob a sugestão de pequenas impressões indefiníveis; epidérmicas e profundas ao mesmo tempo. Ah, a alegria de caminhar assim desembaraçado do terrível peso! Nenhuma reação crítica. Leveza, compreensão, serenidade. Insensivelmente, caminhava depressa, o coração batia-lhe.

Tinha a impressão que aquele instante não se repetiria nunca mais, oh, nunca mais em sua vida; que caminhava entre as estrelas, para o alto, para o infinito, num contato transfigurador com um mundo de que estivera sempre afastado.

E ouviu dentro de si uma voz em surdina, uma voz misteriosa que lhe segredava: “És senhor de todas as possibilidades; olha como a vida é bela e como as horas são frágeis... Oh, vive! Deixa para trás o que foste. Vive, Cesário!”

Na manhã tranquila, o vento impetuoso e lavado que vinha do mar continuava a bater-lhe de cheio no rosto, a assanhar-lhe os cabelos...

Orelhas

Este foi o primeiro livro publicado (1944). As orelhas contém propaganda de outro livro da editora.